

O PAPEL DA PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO NO DESENVOLVIMENTO INTRAPESSOAL E INTERPESSOAL DA CRIANÇA

Inês Anjos Graça

**Relatório de Estágio de
Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico
(2º ciclo do Ensino Básico)**

setembro de 2019

Relatório de Estágio apresentado para cumprimentos dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico (2º Ciclo do Ensino Básico), realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Isabel Figueiredo, Professora Auxiliar Convidada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e do Professor Doutor João Nogueira, Professor Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

“Quando a música me tocava a alma, compreendia tudo sem palavras, sentia profundamente as harmonias puras da vida e pensava saber que havia um sentido e uma lei harmoniosa escondida em todos os acontecimentos.”

Hermann Hesse

Dedico este trabalho a todos os meus alunos

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, os meus professores da vida.

Ao professor cooperante, pela humildade com que me recebeu, por toda a partilha, amizade e força, que me permitiram chegar aqui.

Aos professores Doutores João Nogueira e Isabel Figueiredo, pelo acompanhamento e encorajamento durante todo o processo.

À professora Ana Gama, por me demonstrar que um professor é sempre um conselheiro amigo.

Aos meus parceiros de estágio, que viveram esta experiência comigo e me deram novas luzes para o caminho a seguir.

A todos os alunos que tive o prazer de lecionar, por tudo o que me ensinaram, por me deixarem aprender e por todo o carinho que recebi.

RESUMO

O PAPEL DA PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO NO DESENVOLVIMENTO INTRAPESSOAL E INTERPESSOAL DA CRIANÇA

INÊS ANJOS GRAÇA

O presente relatório é realizado no âmbito da Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionado (PES), integrante do Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico (2º ciclo do Ensino Básico), lecionado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Este pretende refletir sobre o papel da prática musical de conjunto no desenvolvimento global da criança, através de uma revisão literária, e a prática desenvolvida ao longo do ano, enquanto estagiária, numa escola de 2º e 3º ciclo do Ensino Básico, analisando criticamente o trabalho desenvolvido a nível pedagógico.

O trabalho é composto por quatro capítulos. O primeiro capítulo reflete o papel do professor, tanto como docente como no ensino da música, e apresenta uma contextualização e reflexão sobre o ensino da música desde a primeira infância ao 3º ciclo, finalizando com uma fundamentação teórica relativamente ao tema proposto. Seguidamente, é realizada a descrição do contexto onde foi realizado o estágio, bem como a apresentação do Projeto Educativo e Atividades Extracurriculares e da Sala de Educação Musical. No terceiro capítulo, é apresentado, de forma descritiva e refletiva, o trabalho realizado no âmbito da PES, ao longo do ano, através da descrição e análise das aulas observadas e lecionadas. Por fim, é apresentado um resumo do trabalho desenvolvido ao longo do ano no âmbito da unidade curricular Seminário de Orientação da Prática de Ensino Supervisionada (SOPES).

Palavras-chave: Educação Musical, Prática Musical de Conjunto, Envolvimento, Cantar, Desenvolvimento, Metodologias Pedagógicas.

ABSTRACT

THE ROLE OF GROUP MUSIC PRACTICE IN INTRAPERSONAL AND INTERPERSONAL DEVELOPMENT IN CHILDREN

INÊS ANJOS GRAÇA

The present report is produced within Prática de Ensino Supervisionado (PES), course of the Master in Teaching Musical Education in Elementary Education (2nd level of Basic Education), lectured in Faculdade de Ciências Sociais e Humanas of Universidade Nova de Lisboa. It aims to reflect upon the role of group music practice in children global development, through a literary review, and the practice developed throughout the year, while an intern, in a 2nd and 3rd level school of Basic Education, critically analyzing the work developed in a pedagogical level.

This paper is composed by four chapters. The first chapter reflects on the role of a professor and presents a contextualization and reflection on the music teaching from early childhood to the 3rd level, ending with a theoretical foundation regarding the proposed theme. Next, is presented the description of the context where the internship took place, as well as the presentation of the Educational Project and Extracurricular Activities and Music classroom. In the third chapter, it is presented, in a reflective and descriptive way, the work made in the scope of the PES, throughout the year, through the description and analysis of the observed and taught classes. Finally, is presented a summary of the work developed during the year within the course Seminário de Orientação da Prática de Ensino Supervisionada (SOPES).

Keywords: Music Education, Group Music Practice, Involvement, Singing, Development, Pedagogical Methodologies.

ÍNDICE GERAL

Introdução	1
1. O ensino da música.....	2
1.1. A profissão de Docente.....	4
1.2. O Professor de Educação Musical	6
1.2.1. A música na primeira infância.....	6
1.2.2. A música no ensino básico (1º ciclo).....	8
a) Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC)	9
1.2.3. A Educação Musical no 2º Ciclo do Ensino Básico	9
1.2.4. A Educação Musical no 3ºciclo do Ensino Básico	11
1.3. O papel da prática musical de conjunto no desenvolvimento intrapessoal e interpessoal da criança.....	12
2. Contexto da escola/estágio	15
2.1. Caraterização do Agrupamento	16
2.1.2. Caraterização da Escola.....	16
a) Plano Curricular.....	17
b) Ensino Articulado	19
2.2. Projeto Educativo do Agrupamento	19
2.3. Projetos/Programas e Clubes	20
2.4. Sala de Educação Musical / Oficina de Música	20
3. Prática de Ensino Supervisionada (PES)	21
3.1. Aulas Observadas	24
3.1.1. Modelo de Aula	24
a) Manual 100% Música.....	25
3.1.2. Reflexão das aulas observadas	26
3.2. Aulas lecionadas	28
3.2.1. Lecionação: Análise por Turmas	30
6ºD.....	30
6ºE.....	33

6°F.....	34
6°G.....	36
7°C.....	37
7°H, 7°D, 7°B e 7°E.....	38
3.2.2. Outros projetos	39
a) Concerto de Natal	39
b) Ópera: “Nos castelos de D. Afonso Henriques”	40
c) Celebração dos 500 anos das Viagens M... ..	43
d) Dia do Agrupamento	48
e) Ídolos	49
4. Plataforma <i>CantarMais</i>	50
Conclusão	52
Referências Bibliográficas.....	54
APÊNDICES	lix
Apêndice A. Aulas lecionadas	lx
Apêndice B. Plano de aula “Cirandeiro” (turmas 6°D e 6°G)	lxii
Apêndice C. Plano de Aula “Makumaná”	lxx
Apêndice D. Plano de Aula “Akai Hana”	lxxviii
Apêndice E. Plano de Aula “Chariots of Fire”	lxxxiii
Apêndice F. Comportamento Aluna M	lxxxix
Apêndice G. Plano de Aula “Cirandeiro” (turmas 6°E e 6°F)	xcii
Apêndice H. Plano de Aula “Dança Russa”	cii
Apêndice I. Plano de Aula “Dança de las Hachas”	cx
Apêndice J. Plano de Aula “Fácil de Entender”	cxv
Apêndice K. Plano de Aula “Passo Dobrado”	cxx
Apêndice L. Plano de Aula “Sailing”	cxxvi
Apêndice M. Cartaz Concerto de Natal	cxxxi
Apêndice N. Cartaz Ídolos.....	cxxxiv
ANEXOS	cxxvii

Anexo A. Espiral de conceitos	cxviii
Anexo B. Tabela de Conteúdos	cxviii
Anexo C. Projeto Educativo	cxviii
Anexo D. Sala de Educação Musical.....	cxviii
Anexo E. Teste de Avaliação 6º ano	cl
Anexo F. Testes de Avaliação 7º ano	cliv
Anexo G. Fotos 500 anos das Viagens M	clviii
Anexo H. Foto da atuação “Dança de las Hachas”	clxv
Anexo I. Fotos do Dia do Agrupamento.....	clxvii

Introdução

O presente relatório é apresentado no âmbito da Unidade Curricular, Prática de Ensino Supervisionada (PES), parte integrante do Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico, lecionada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa. Este visa relatar a atividade desenvolvida ao longo do ano-letivo numa Escola Básica, em interligação com uma fundamentação teórica e uma reflexão pessoal da prática.

No relatório é discutida uma componente extramusical da criança, seja a nível de características cognitivas e emocionais, como sociais. Deste modo, o objetivo central não se focava no desenvolvimento apenas de capacidades musicais ou aprendizagem de conceitos/conteúdos da disciplina, mas sim no enriquecimento de competências pessoais e interpessoais. Refletindo sobre a forma como as crianças são, cada vez mais, influenciadas pela tecnologia e de que forma estes aspetos têm impacto nas suas ações e atitudes perante os outros (colegas, pais e professores), surge a premissa de que a música, explorada de diversas formas, apresenta influências significativas no que concerne a estes aspetos. Nasce assim o título do relatório, “O papel da prática musical de conjunto no desenvolvimento intrapessoal e interpessoal da criança”.

A prática desenrolou-se de acordo com o tema proposto, cujo objetivo era envolver os alunos em atividades musicais práticas, desde dinâmicas de grupo ao desenvolvimento de atividades conjuntas, como o trabalho coral, coreográfico, entre outros.

O relatório está dividido em quatro capítulos. O primeiro refere-se ao ensino da música, partindo de uma reflexão teórica sobre o papel da mesma na sociedade, particularizando-se depois o papel do professor, as abordagens pedagógicas desde a primeira infância ao 3º ciclo no ensino da música e terminando com uma abordagem teórica ao tema acima proposto.

No segundo capítulo, ocorre a contextualização do local da prática, referindo aspetos como as características da escola, o projeto educativo em vigor e a sala de aula onde a prática foi desenvolvida.

O terceiro capítulo é referente à Prática de Ensino Supervisionada (PES). Neste, é apresentada uma descrição detalhada sobre o trabalho desenvolvido ao longo do ano na Escola Básica 2,3, analisando de forma crítica e refletiva as aulas observadas e lecionadas.

O último capítulo refere-se ao trabalho realizado ao longo do ano, pelo grupo de alunos do 2º ano do mestrado, na unidade curricular Seminário de Orientação da Prática de Ensino Supervisionada (SOPES), orientada pelo Professor Doutor João Nogueira, relativo a um questionário referente à plataforma *online* “Cantar Mais”.

1. O ensino da música

“A influência da música ao longo da vida é inquestionável, embora as diferentes maneiras de ouvir, fazer e “usar” música dependam de características pessoais (idade, formação musical), da situação (intenção, atenção) e do contexto (físico, social, cultural, educativo)” (Boal-Palheiros, conforme citado em Rodrigues & Rodrigues, 2014, p.43).

Há uma grande lacuna na nossa sociedade sobre o papel da música nas nossas vidas. A música, primordialmente, era comunitária, social, privilegiando a interligação entre a música e a dança, como ainda acontece em muitas tribos por todo o mundo, onde o principal objetivo é a fruição e a criação de música em conjunto. No entanto, a música erudita ocidental fez da música um objeto de consumo, restrita a momentos e locais adequados (Boal-Palheiros, 2014). Assim, formou-se a ideia de que saber música é ler partituras ou tocar um instrumento (Rodrigues, Nogueira & Rodrigues, conforme citado em Rodrigues & Rodrigues, 2014). Este ensino vocacional de música é efetivamente frequentado por minorias e, é salvo certas exceções, menos acessível a crianças cujo meio social é desfavorecido, sendo uma das razões pelas quais este ensino não é tão questionado como o valor da música na educação (Boal-Palheiros, 2014). O ensino vocacional de música vale por si, enquanto o papel da música na educação tem sido debatido desde sempre.

Apesar das inúmeras investigações em torno da importância da música, tentando sempre provar qual a necessidade da música na educação, esta é sempre posta à prova, tendo de se defender perante questões de carácter económicas, políticas e sociais (Boal-

Palheiros, 2014). Mais ainda, a presença da música no currículo é averiguada perante a utilidade da música relativamente ao enaltecimento de conceitos como a atenção, a inteligência, o raciocínio matemático, o comportamento, a concentração, entre outros (Boal-Palheiros, 2014). O ensino da música nas escolas não poderá funcionar eficientemente enquanto não ocorrer um acordo entre os pais, professores, alunos e governo sobre qual o propósito da mesma no currículo (Sloboda, 2001). Enquanto se debater constantemente se é ou não necessária, a oferta de música na escola será sempre instável. Sendo assim impossível criar alguma coerência relativamente aos métodos de ensino e conferir continuidade ao mesmo.

Mesmo nos países com um forte enfoque na educação artística, como a Finlândia, com a atual situação económica geral, o lugar das artes vê-se drasticamente reduzido no currículo. Com cada vez menos dinheiro para investir na educação, são estas áreas que se vêm exiladas, passando a ser lecionadas em instituições fora do espaço escolar, deixando de ser acessível a todos (Araújo & Veloso, 2016).

A música está cada vez mais presente no dia a dia, no entanto, há muito menos música a ser realizada informalmente, de forma participativa e ativa dentro dos seios familiares ou sociais (Rodrigues, Rodrigues & Nogueira, conforme citado em Rodrigues & Rodrigues, 2014). Nos dias de hoje, a música está presente na vida dos jovens de forma constante, seja nos jogos, na televisão ou nos telemóveis, mas a vivência destes com a música é escassa. Observa-se ainda uma discrepância relativamente ao repertório musical trabalhado em contexto de sala de aula e à música que os jovens ouvem, para eles, o conceito de música cinge-se à “sua” música e ao que os *media* divulgam, sendo que associam a música erudita à escola e aos professores (Boal-Palheiros, conforme citado em Rodrigues & Rodrigues, 2014), o que acaba por criar nos jovens uma ideia negativa relativamente ao ensino da música. Um dos problemas reside na forma como este ensino é lecionado em contexto académico, como será referido a seguir. A dinamização de atividades musicais, que incluam o canto, instrumental Orff ou movimento podem ser fruídas por todos, com ou sem formação musical anterior. Sendo que os professores podem ir ao encontro das necessidades musicais do aluno, tentado interligar o cancionário proposto pelo currículo da disciplina e as vivências e culturas musicais dos alunos, aproveitando para introduzir novos estilos musicais, abrindo horizontes, visto que nos

dias de hoje encontra-se uma ampla diversidade musical em que os estilos e culturas musicais se fundem (Boal-Palheiros, conforme citado em Rodrigues & Rodrigues, 2014). A educação musical não deve ser tratada como uma extravagância, mas sim um direito básico. (Rhodes, 2014). É importante desmistificar-se a ideia de que o ensino da música é uma raridade a que poucos têm acesso e torná-la de todos. De acordo com Rodrigues, Nogueira e Rodrigues (conforme citado em Rodrigues & Rodrigues, 2014), “nascemos musicais e temos na música uma poderosa ferramenta para nos desenvolvermos enquanto indivíduos e seres sociais” (p.23).

1.1. A profissão de Docente

“Aí vêm eles.

E eu não estou preparado.

Como poderia estar?

Sou um novo professor e estou a aprender, trabalhando” (McCourt, 2009, p.23).

Ser docente, seja qual for a disciplina, implica muito mais do que se aprende nos cursos. Um professor não estará pronto para lidar com o contexto de sala de aula antes de enfrentar as adversidades que irão aparecer. A formação de professores não prepara os mesmos para o que aí vem. Por mais que se fale de teorias e filosofias de educação, não contemplam os momentos de crise na sala de aula (McCourt, 2009). E mesmo quando se fala de indisciplina e nas diversas formas de a tentar controlar, analisando os ângulos sociais e económicos que podem estar na origem dos comportamentos rebeldes, é impossível cobrir todas e quaisquer situações, pois cada aluno e cada contexto são diferentes, e cada situação irá colocar o professor à prova. É uma utopia filosofar sobre um ensino individualizado, num contexto com turmas heterogêneas, com 25 alunos por turma (Estanqueiro, 2010). Nem todos os alunos estão com a mesma disposição para aprender, seja por gosto, por contexto social ou familiar. É um erro esperar que vinte cinco a vinte e oito alunos se sentem numa sala, entusiasmados, à espera de beber toda a informação que o professor tem para dar, sem causarem quaisquer distúrbios (McCourt, 2009). Por mais que os cursos ensinem o que lecionar e de que forma lecionar, ou mesmo

estratégias em sala de aula, há muitos momentos que não podem ser discutidos com antecedência, pois nem o professor está à espera que aconteçam.

Um professor não está constantemente a ensinar, também tem muitos momentos de aprendizagem, tanto ensinar como aprender faz parte de ser professor (Freire, 2002; McCourt, 2009). Um professor deve ter a humildade de aceitar que também pode aprender, aliás, para Freire, não há docência sem discência (2002). Para Portela (2018), um indivíduo que pense que é muito bom no que faz, se assim continuar a pensar, será incapaz de fazer melhor, ao invés de quem pensa que pode sempre melhorar e que essa mudança é da sua responsabilidade, pode criar a distanciação necessária para identificar o erro e refletir o suficiente para permitir a progressão. É importante mostrar que o saber não é estanque, que a aprendizagem é para a vida (Estanqueiro, 2010). O professor não tem de saber tudo, “o que importa, no ensino em geral, é ter professores pedagogos, não é ter sábios” (Estanqueiro, 2010, p. 53).

As crianças são cada vez mais influenciadas pelos estímulos à sua volta, (Elias, Friedlander & Tobias, 2000) e a cada ano chega uma geração de alunos diferentes, com diferentes características e interesses definidos pela sua geração, e o professor tem de estar preparado para os enfrentar. Não nos podemos esquecer de que esta é uma era em que a informação está disponível a todos e de uma forma cada vez mais rápida. Por vezes, estão mais atualizados sobre certos assuntos do que o próprio professor, mas nem toda a informação que lhes chega é verídica e por vezes cabe ao professor desmistificar ideias. A curiosidade ingênua dos alunos deve ser estimulada pelo professor que, através da análise crítica, a deve transformar em curiosidade epistemológica (Freire, 2002). No entanto, é preciso ter a sensibilidade de saber respeitar os alunos, as suas culturas e os saberes dos educandos (Freire, 2002). Como afirma Estanqueiro, “a liderança é uma arte que exige flexibilidade e bom senso” (2010, p. 81).

Nem todos os alunos irão demonstrar o mesmo entusiasmo por todas as disciplinas e isso é algo que o professor tem de aceitar. Da mesma forma que nem todos os alunos terão a mesma postura perante a escola. Como professores, o nosso papel é dar todas as ferramentas para que eles descubram o seu caminho, não esperando que as alterações estejam visíveis de imediato, mas sim tendo esperança de que servirão no futuro (Cury, 2004). Cada aluno tem sonhos e ambições e o professor tem o dever de, sem esquecer o

seu papel enquanto docente, ajudar os alunos no que puder. Um professor não deve encorajar sonhos impossíveis nem negar o direito do aluno de sonhar. (Freire, 2002). É Cury que afirma que “educar é ter esperança no futuro, mesmo que os jovens nos decepcionem no presente. Educar é semear com sabedoria e colher com paciência [sic]” (2004, p.9).

1.2. O Professor de Educação Musical

Ser professor de Educação Musical tem alguns desafios, como qualquer profissão. No entanto, neste caso, a desvalorização do trabalho dos professores é notória, não só pelos alunos e pelas respectivas famílias, como na sociedade (Rodrigues, Nogueira & Rodrigues, conforme citado em Rodrigues & Rodrigues, 2014; Estanqueiro, 2010). Bluestine (2000) afirma que adora crianças, adora ensinar e adora música, pelo que juntou as suas três grandes paixões. No entanto, ele expressa a sua frustração relativamente ao ensino de música a crianças, relatando que os professores de música são “bloqueados” por vários obstáculos. Sendo um deles o facto de os professores de música serem “tomados por garantido” e serem considerados, por pais, estudantes e outros professores, como “second-class citizens” (Bluestine, 2000), primando disciplinas como a Matemática, Português, Ciências, entre outras. Por mais que tenham sido realizados esforços, por profissionais da área, ao longo dos anos, “para se fomentar a compreensão e o respeito pela música e pelas artes no geral”, estas ideias persistem (Gordon, 2015, p.1).

1.2.1. A música na primeira infância

Segundo Gordon (2015), o maior potencial de aprendizagem do ser humano é quando se nasce. O período mais importante de aprendizagem é desde o nascimento aos dezoito meses. Quanto mais cedo as crianças tiverem contacto informal com a música, seja através dos pais ou de professores, melhor será o aproveitamento futuro dessa criança. A música é uma forma de atrair a atenção do bebé e de partilhar emoções, através das suas respostas, temos como exemplo a realização de jogos vocais combinados com a fala e a música entre pais e filhos (Boal-Palheiros, 2014).

Um dos aspetos cruciais nas sessões de orientação para a infância é o movimento. O trabalho de consciencialização do corpo e exploração do espaço é fulcral para o desenvolvimento musical (Rodrigues, Rodrigues & Nunes, 2003). Este aspeto será desenvolvido mais à frente em conjunto com a reflexão sobre a prática.

Mesmo Carl Orff baseava-se na exploração, primeiro de forma mais simples e intuitiva, como o movimento pelo espaço e a libertação do corpo, e desenvolvia-se para algo mais complexo, como o canto e o tocar (instrumentos). O corpo era usado como a base primitiva, que permite sentir o ritmo como algo natural, de forma a preparar o corpo e a mente para as etapas seguintes (Wuytack, 1993). As crianças movimentam-se, cantam e tocam os instrumentos mais apropriados (principalmente percussões nos primeiros estádios de dificuldade) e são levadas, de uma forma natural, através das próprias experiências, a percorrer uma grande variedade de escalas e ritmos, adquirindo uma sólida e ampla compreensão da música (Grout & Palisca, 1994).

É de salientar que muitos dos aspetos referidos acima estão presentes num documento designado Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016), presente no site da Direção Geral da Educação (DGE), que pretende informar quaisquer profissionais que trabalhem com esta faixa etária das abordagens em vigor para com a mesma. De acordo com o documento, estão apontados como pontos cruciais na dinamização de atividades musicais com crianças em idade pré-escolar as seguintes considerações: ouvir, “fazer” música, experimentar e criar; interligação entre a audição, interpretação e criação; audição de diferentes géneros musicais, de várias épocas e culturas e desenvolvimento da linguagem através das letras das canções, rimas, lengalengas, entre outros.

Nota-se que não existe referência ao conceito de movimento, mas muitos dos restantes conceitos vão ao encontro do trabalho desenvolvido por alguns pedagogos, como descrito acima. De qualquer forma, se as atividades de música no pré-escolar evidenciassem todas as componentes descritas acima, pelo documento orientador, poderia afirmar-se que as crianças têm um contacto com a música bastante rico e completo desde uma idade precoce. A questão que se coloca é se efetivamente estes objetivos são cumpridos pelos profissionais dando às crianças esta vivência musical.

1.2.2. A música no ensino básico (1º ciclo)

Como afirma Gordon (2015), o potencial de aprendizagem da criança vai desde o nascimento até aos 9 anos. Neste período, a criança está mais apta à captação dos estímulos musicais, sendo que, mais tarde, começa a criar a sua própria entidade musical. Estes quatro anos deveriam ser, à semelhança do que foi referido no subcapítulo anterior referente à primeira infância, anos de exploração musical e criação de identidade musical.

Esta abordagem prática do ensino da música torna-se crucial numa realidade tecnológica que rapidamente se instalou no seio da sociedade. O mundo tecnológico tem apresentado uma forte presença na vida das crianças, que, cada vez mais cedo, são emergidas neste contacto. Sendo que é no 1º ciclo que começam a ter um telemóvel a tempo inteiro. Nunca se verificou, na História da humanidade, um número tão grande de crianças passarem tantas horas das suas vidas frente a um ecrã (Goleman, conforme citado em Elias et al., 2000). Seja jogos educativos ou apenas entretenimento, este tempo passado individualmente não é gasto a brincar com outras crianças. É importante que elas brinquem, descubram e explorem, em conjunto.

Para além do fator tecnológico, a pressão social exercida sobre as crianças para “se comportarem” e “não fazerem asneiras”, parece ignorar o facto de elas serem, como mencionado, crianças. Estas vão ao encontro do que os adultos esperam delas, sendo “manipuladas” a agir de certa forma, perdendo a sua autenticidade (Araújo & Veloso, 2016). Permitir às crianças que se expressem é essencial para o equilíbrio da sua personalidade e no seu bem-estar. Basta ver as crianças enquanto brincam ou estão no recreio, no seu estado natural. Assim, cada vez mais cedo as crianças aprendem a estar sentadas, caladas, em plena concentração, agindo “corretamente”, pois já são crescidas e o seu comportamento deve refleti-lo (Araújo & Veloso, 2016). Neste sentido, parece uma boa premissa aproveitar a forma como as crianças brincam e exploram como recurso de aprendizagem, pois não é dessa forma que as crianças deixam de adquirir competências essenciais ao seu crescimento. Os jogos musicais, as lenga-lengas e as atividades de movimento ajudam a desenvolver competências de atenção, comunicação, coordenação motora e dicção (Boal-Palheiros, conforme citado em Rodrigues & Rodrigues, 2014).

a) Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC)

Um dos problemas inerentes à criação das AEC's advém da crescente necessidade de professores de música que se gerou, necessidade essa “para o qual o sistema não estava preparado para responder” (Rodrigues, Nogueira e Rodrigues, conforme citado em Rodrigues & Rodrigues, 2014, p.26). Sendo muitas vezes lecionadas por pessoas sem formação na área da música. Apesar desta iniciativa ter sido um passo no sentido de erradicar a lacuna da falta de música no 1º ciclo do ensino básico, o facto de não serem tempos letivos obrigatórios e o facto de nem todos os alunos as frequentarem faz com que não chegue a todos.

Segundo o Programa de Educação Musical no Ensino Básico (PEMEB) (2014) do 1º ciclo o canto é referido como a base da expressão musical, sendo o primeiro instrumento explorado pelas crianças. Ao longo do documento são inumerados diversos aspetos relativos à dinamização de atividades musicais neste período como a exploração musical através do corpo em movimento, jogos de roda e danças. No entanto, se muitas das aulas de música são lecionadas em sala de aula, como será possível a realização destas atividades de movimento? E tal como foi colocada a questão no Subcapítulo anterior, será que os professores que lecionam esta disciplina atendem aos parâmetros acima designados?

1.2.3. A Educação Musical no 2º Ciclo do Ensino Básico

Como foi discutido anteriormente, apesar da análise realizada sobre os programas no âmbito da formação musical designados a cada faixa etária, não é possível precisar se os professores as põe em prática, não sabendo assim se as crianças têm efetivamente esse contato com a música. Atendendo a esta asserção, é possível compreender porque razão os alunos, quando chegam ao 5º ano não estão preparados para participar em atividades práticas de música. E não havendo continuidade na atividade, os alunos deparam-se com uma nova realidade ao entrar para o 5º ano. No entanto, é difícil processar como a música pode ser algo aborrecido ou entediante. Seria nesta hora que os alunos poderiam cantar, tocar instrumentos, realizar jogos em grupo. “O problema é que, muito frequentemente,

a música no ensino genérico nada tem de apelativo, lúdico ou ajustado à ideia de fruição” (Rodrigues, Nogueira & Rodrigues, conforme citado em Rodrigues & Rodrigues, 2014, p.27). Com a criação de turmas cada vez maiores, é mais fácil seguir o manual e ceder ao ensino tradicional (Rodrigues, Nogueira & Rodrigues, conforme citado em Rodrigues & Rodrigues, 2014), ao invés de criar atividades desafiantes que permitam aos alunos vivenciar a música através do movimento.

Isto compromete a forma de ensino na ótica da aprendizagem do aluno. Seguir o manual à risca não permite ao professor ser flexível relativamente ao que os alunos querem aprender ou à forma como eles aprendem. Este aspeto vai contra a filosofia de ensino proposta por Gordon que pretende descentralizar o ensino do docente, focando-se no que o aluno tem para aprender, ou seja, a educação não deve estar centrada no que o professor tem para ensinar, mas sim no processo de aprendizagem do aluno (Rodrigues, conforme citado em Rodrigues, Rodrigues & Nunes, 2003).

Apesar do caráter teórico que muitas aulas têm, no Programa de Educação Musical (PEM) do Ensino Básico do 2ºCiclo (*Vol. I*), é claramente referida a importância da vivência musical prática, sendo referido que “FAZER MÚSICA é a questão mais importante” e que “Teoria e informação são meios e suportes que, por si só, não levam à compreensão musical. Nunca poderão substituir o envolvimento pessoal dos alunos com a arte” (1991, p.213).

A estrutura curricular do programa de música do 2º Ciclo tem por base a *Teoria da Estrutura* de Jerome Bruner, resultando na elaboração de um currículo em espiral (Anexo A). Cada etapa da espiral apresenta uma etapa de aprendizagem, sendo que à medida que se avança na espiral, o nível dos conteúdos vai aumentando. Visto que os ensinamentos são cumulativos, em cada etapa deve contemplar-se os níveis anteriores. A organização dos conteúdos está dividida em doze níveis, cada nível englobando os conceitos de Timbre, Dinâmica, Altura, Ritmo e Forma (Anexo B). Os mesmos encontram-se distribuídos pelo 5º e 6º ano de escolaridade. Os objetivos gerais do plano são apresentados em três domínios: Atitudes e valores, Capacidades e Conhecimentos. Sendo que, de acordo com o documento orientador estes devem relacionar-se e influenciar-se entre si. Dentro destes domínios estão referidos aspetos como o desenvolvimento do pensamento criativo e crítico, da motricidade e da memória auditiva,

a aferição de conceitos relativos à disciplina, como Timbre, Dinâmica, Ritmo, Altura e Forma e a valorização do património português, bem como a identificação de características da música portuguesa e a exploração de outros géneros, épocas e culturas (PEM, *Vol I*, 1991).

Relativamente à orientação metodológica, de acordo com o PEM (1991), deverão ser trabalhadas as seguintes áreas: Composição, Audição e Interpretação (p.225). Dentro da área “Composição” é referido ainda o conceito de improvisação. Pretende-se que os alunos sejam capazes de criar/compôr e improvisar, mas não são providenciadas bases suficientes para tal. A ideia vai ao encontro dos autores Barbosa, Carvalho e Geraldês (1990), que afirmam ser um engano pensar que, no ato de formação de jovens, apenas esporadicamente há lugar para a criatividade e imaginação. No entanto, para haver criatividade é necessário existir conhecimento, “a criatividade é uma ousadia póstuma - antes, venham as regras e o status quo!” (Rodrigues, 2001, p. 2).

A referência à audição é bastante importante, pois é uma competência central na música e deve ser estimulada nas aulas. Centrar o conhecimento na mente do aluno descorando a sua capacidade auditiva é um problema (Dalcroze, conforme citado em Fonterrada, 2016), que pode levar à secundarização do ouvido, ou seja, “induz-nos a ouvir sem escutar” (Barenboim, 2009, p.32). Vivendo numa sociedade cada vez mais visual, é importante explorar o sentido da escuta. Relativamente ao último ponto, “Interpretação”, o programa refere a importância da execução musical de qualquer peça, voltando a focar a escuta como elemento fundamental nesta prática.

1.2.4. A Educação Musical no 3º ciclo do Ensino Básico

Nos anos 1989-90, a disciplina de Educação Musical era oferecida apenas em 5,4% das escolas públicas, no entanto, estes números aumentaram ao longo dos anos, fazendo com que, em 2010-11, quase metade das escolas do país oferecessem esta disciplina. Contudo, após uma revisão do currículo do ensino básico, em 2011, a disciplina de Educação Musical desaparece do currículo do 3º ciclo (Boal-Palheiros, conforme citado em Rodrigues & Rodrigues, 2014). No entanto, apesar de deixar de fazer parte do plano curricular do 3º ciclo, a mesma foi substituída pela opção de Oferta de Escola. De acordo

com o Artigo 11º do Decreto-Lei 139/2012 de 5 de Julho, os 7º e 8º anos podem ter uma disciplina de Oferta de Escola na área artística ou tecnológica, tendo em conta a sua especificidade e no âmbito do projeto educativo da escola em questão. Segundo o mesmo decreto, estas alterações visam conceder à escola mais autonomia pedagógica, reforçando o espaço de decisão dos agrupamentos de escolas relativamente às escolhas curriculares e ofertas formativas.

Assim, o estatuto da disciplina de Educação Musical no plano curricular no 3º ciclo do Ensino Básico tem vindo a alterar-se ao longo dos anos. Dado que, nos últimos anos, com a alteração para a componente de Oferta de Escola, e visto que nem todas as escolas providenciam esta oferta, o ensino da música acaba por cessar no 6º ano, à exceção dos alunos no ensino vocacional de música, o contacto com o ensino de música acaba por aqui para os restantes estudantes.

1.3. O papel da prática musical de conjunto no desenvolvimento intrapessoal e interpessoal da criança

“Os jovens conhecem cada vez mais o mundo em que estão, mas não sabem quase nada sobre o mundo que são” (Cury, 2004, p.15).

Segundo os atores Elias et al. (2000), é cada vez mais difícil não só ser pai como ser criança. Com a tentação das tecnologias e o acesso à informação mais rápida de sempre, as crianças estão constantemente a ser influenciadas, direta ou indiretamente, por estímulos exteriores (Elias et al., 2000; Estanqueiro, 2010). Elas podem ter acesso a muita informação e saber lidar melhor com a tecnologia do que muitos adultos, mas isso não significa que estejam preparadas para enfrentar o mundo e tomar decisões. Nesse sentido, “a escola deve preocupar-se não só com os conteúdos programáticos e as classificações, mas também com a formação pessoal e social do aluno” (Estanqueiro, 2010, p. 21), algo que tem vindo a ser descorado ao longo de muitos anos. Como afirma Cury (2004), “As crianças e os jovens aprendem a lidar com factos lógicos, mas não sabem lidar com fracassos e falhas” (p. 12).

Isto leva a uma falta de autocontrole, essencial para controlar as respostas emocionais face a situações negativas. As crianças irão revelar, por vezes, atitudes imaturas provenientes da sua falta de experiência de vida, mas cabe aos adultos educá-las ética e moralmente, de forma a que, num futuro, estas não encarem o mundo apenas de acordo com os seus desejos e necessidades (Elias et al., 2000). Os adultos negligenciam o papel dos sentimentos na vida quotidiana e também no crescimento saudável das crianças, o que leva a uma sociedade cujo desrespeito e violência aumentam cada vez mais (Goleman, citado em Elias et al., 2000; Estanqueiro, 2010).

É importante ter em atenção que nem todos os alunos são alvo do mesmo tipo de atenção. Quando um aluno revela um problema de indisciplina, é claro que algo tem de ser feito no sentido de perceber o que leva o aluno a agir de determinada maneira. Quando um aluno, mesmo que o seu comportamento seja exemplar, tem resultados mais fracos, tenta-se perceber se tem problemas de aprendizagem. No entanto, quando o aluno apresenta bons resultados, normalmente, recebe apenas elogios. Isto porque o que a escola avalia são notas, que refletem resultados de testes. No entanto, “o sucesso académico dos alunos não é o único critério de qualidade na educação” (Estanqueiro, 2010, p.107). Tanto os alunos com bons ou maus resultados merecem atenção, por vezes os alunos com bons resultados necessitam de se tornar mais alegres, menos competitivos e mais solidários (Sampaio, 1996). É preciso ter em atenção que intelectualidade não é inteligência, “inteligência é o crescimento da consciência interior” (Osho, 2004, p.7) e os testes são para a memória, não para a inteligência (Osho, 2004). E por vezes, mesmo estes alunos que parecem não necessitar de atenção, precisam de desenvolver competências sociais e emocionais mais do que qualquer outro aluno. Citando Estanqueiro (2010), “cada aluno deve aprender a superar-se, antes de querer superar os colegas; ser ambiciosos sem deixar de ser solidário; competir consigo mesmo e cooperar com os outros” (p.21).

Sendo importante que as crianças desenvolvam estas competências extramusicais no seu processo de desenvolvimento para se tornarem cidadãos responsáveis ética e moralmente, não só a nível pessoal, mas nas suas ações para com os outros, a música pode revelar-se uma ferramenta auxiliar bastante útil e facilitadora do processo (Pinheiro et al., 2017). Segundo Hargreaves (1999), os três domínios principais das funções psicológicas da música são as funções cognitivas, emocionais e sociais, sendo que estas

se completam entre si. E para o autor, estes aspetos são gravemente negligenciados no que toca à educação musical.

A música tem uma componente comunitária que se revela de grande importância quando refletimos sobre estes assuntos acima mencionados. As crianças necessitam, com urgência, de desenvolver competências sociais e emocionais que estão em decadência. As crianças deviam estar mais calmas e felizes, com tudo o que está à sua disposição, mas não, nunca foram tão infelizes e inseguras (Cury, 2006). Nesse sentido, a música, sendo capaz de atuar constantemente sobre os indivíduos, “age como uma ferramenta de canalização emocional e desenvolvimento, ajudando a explorar os sentimentos, lidar com o estresse, ansiedade, resolução de conflitos e sociabilidade [*sic*]” (Pinheiro et al., 2017, p. 100) e também as emoções, visto que “a música é absorvida na parte do cérebro que normalmente é estimulado pelas emoções” (Pinheiro et al., 2017, p. 97).

Cito Rodrigues, Nogueira e Rodrigues (citado em Rodrigues & Rodrigues, 2014), no que concerne ao impacto da música ao nível pessoal e emocional e na relação com o outro:

“Contribui para a consciência de nós próprios e dos outros, para o desenvolvimento emocional, intelectual e social. Tem o poder de induzir emoções e sentimentos complexos como *empowerment*, realização, satisfação e bem-estar. E expressão, comunicação e transcendência, e um poderoso elicitador do sentimento de ligação, de ser parte de um grupo, tem o poder de reabilitar e ajudar a construir ambientes onde o afecto pode crescer” (p.22).

As múltiplas vantagens do contacto com a música para as crianças são visíveis. E através do envolvimento em atividades musicais práticas de conjunto, é possível que elas aprendam novamente a brincar e a criar. Quando refiro a palavra “prática” refiro-me a atividades que envolvem verdadeiramente as crianças no seu contacto com a música, como cantar, tocar, dançar ou mesmo escutar em conjunto. Atividades que pressuponham não só um trabalho individual, mas também de grupo. O pressuposto é que os alunos sejam capazes de explorar e empenhar-se em conjunto face a uma tarefa cujo resultado final é de todos. E foi este o meu objetivo ao longo do ano, desenvolver atividades cujo

trabalho envolvesse todos os alunos e, de alguma forma, os unisse no sentido de trabalhar para algo em conjunto. A participação em atividades musicais de grupo promove aspetos como a amizade, competências sociais, autoconfiança, sentimento de pertença, trabalho de equipa, auto-disciplina, responsabilidade, sensação de um objetivo em comum, respeito e confiança nos pares (Hallam, 2010).

No entanto, não quer isto dizer que expondo os alunos a atividades musicais irá resolver todos os problemas, pois o prazer na realização de uma atividade depende de diversos fatores individuais como o gosto pessoal, a familiaridade com a música, o humor do indivíduo no momento e a sua personalidade (Pereira et al., 2011). O que significa que nem todos os alunos se irão envolver da mesma forma em todas as atividades. No entanto, a música tem o potencial “para aumentar a capacidade de interação social” (Boal-Palheiros, 2014, p. 170), e, seja do agrado dos alunos ou não o conteúdo musical, uma atividade conjunta pode estimular novas interações entre pares.

Assim, a prática musical em conjunto exerce uma forte influencia no desenvolvimento de caraterísticas intrapessoais, sendo que a música “desempenha um papel claro na formação e na expressão da auto-identidade” (Hargreaves, 1999, p. 10) e interpessoais da criança, sendo que “group music making is also beneficial to the development of social skills and can contribute to health and well-being throughout the lifespan and can therefore contribute to community cohesion providing benefits to society as a whole” (Hallam, 2010, p.22).

2. Contexto da escola/estágio

Este capítulo tem como objetivo a apresentação de um conjunto de informações e dados relativos ao agrupamento de escolas onde a prática foi realizada. Desta forma, essa recolha foi realizada através da análise de documentos relativos ao agrupamento de escolas em questão. Este método, identificado como “pesquisa arquivística” (Afonso, 2005, p.89), tem como finalidade a apresentação do contexto escolar, através da caracterização do agrupamento e da escola, do plano curricular e projetos desenvolvidos, a apresentação do Projeto Educativo em vigor e da Sala de Educação Musical onde foi realizada a prática.

2.1. Caraterização do Agrupamento

O agrupamento de escolas onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada (PES) situa-se no concelho de Vila Franca de Xira, distrito de Lisboa, sendo a sede deste Agrupamento de Escolas. Este é composto por nove estabelecimentos de ensino, destes, cinco são Escolas Básicas e quatro são Jardins de Infância.

A comunidade escolar conta com a participação de com 17 professores, 17 assistentes operacionais e 384 alunos no âmbito do Jardim de Infância e 34 professores, 28 assistentes operacionais e 763 alunos no âmbito das Escolas Básicas (1º ciclo).

2.1.2. Caraterização da Escola

A Escola Básica 2,3 é a única escola básica com 2º e 3º Ciclo do agrupamento. Foi nesta escola que a PES foi realizada. Nos anos 2010-2011, a escola sofreu obras de remodelação sendo que o espaço atual tem apenas 8 anos. A renovação da escola permitiu um melhoramento substancial nas instalações.

A escola abrange uma área bastante ampla, constituída por:

- Edifício principal, com rés-do-chão e 1º andar, onde se situa: grande parte das 22 salas de aula, seis laboratórios de Ciências e Físico-Química, seis salas de Educação Visual e Tecnológica, duas salas de informática, duas salas de Educação Musical (sendo que as aulas eram lecionadas na Sala 1 (EM1)), o refeitório, o bar/sala de convívio, a Biblioteca, a papelaria e reprografia, gabinete de psicologia e orientação, o gabinete da direção, a sala dos diretores de turma e a sala de professores.
- Edifício secundário (mais pequeno), com rés-do-chão e 1º andar, onde se situa: Sala para a Educação Especial, quatro salas para pequenos grupos, Anfiteatro e sala de ocupação de tempos escolares.
- Complexo desportivo: Ginásio interior, Casas-de-banho e Campo de jogos coberto.

Relativamente à comunidade escolar é constituída por 101 professores, 31 assistentes

operacionais, 8 assistentes administrativos, 3 técnicos superiores e 1020 alunos, perfazendo um total de 2160 alunos distribuídos pelos diferentes estabelecimentos de ensino do agrupamento.

a) Plano Curricular

O plano curricular em vigor para o 2º Ciclo vai ao encontro da matriz curricular do 2º Ciclo, conforme estipulado pelo Ministério da Educação, de acordo com o Decreto-Lei nº139/2012 de 5 de Julho (Projeto Educativo 2017-2021, p.16). Nesse sentido, a prática educativa compreende às seguintes componentes curriculares: Línguas e Estudos Sociais: Português, Inglês, História e Geografia de Portugal; Matemática e Ciências: Matemática e ciências naturais; Educação Artística e Tecnológica: Educação Visual, Educação Tecnológica e Educação Musical; Educação Física; Educação Moral e Religiosa (facultativa); Cidadania e Desenvolvimento e TIC (as seguintes disciplinas “funcionam em organização quinzenal com recurso a desdobramento” (Orientação e Organização Pedagógica do Agrupamento (OOPA), 2018/19, p.7).

O plano curricular em vigor para o 3º Ciclo vai ao encontro da matriz curricular do 3º Ciclo, conforme estipulado pelo Ministério da Educação, de acordo com o Decreto-Lei nº139/2012 de 5 de Julho (Projeto Educativo 2017-2021, p.16). Nesse sentido, a prática educativa compreende às seguintes componentes curriculares: Português; Línguas Estrangeiras: Inglês e Francês; Ciências Humanas e Sociais: História e Geografia; Matemática; Ciências Físicas e Naturais: Ciências Naturais, Físico-Química; Expressões e Tecnologias: Educação Visual, TIC e Oferta de Escola (Oficina de Música), Artes e Tecnologias; Educação Física; Educação Moral e Religiosa (facultativa) (OOPA, 2018/19).

- **Oferta de Escola**

A Escola Básica 2,3 proporciona, como Oferta de Escola, a disciplina de Oficina de Música, para o 7º ano, de carácter obrigatório, que é lecionada em três módulos: Músicas do Mundo, Música Pop e Rock e Música e Tecnologias.

De acordo com o Projeto Educativo em vigor, cujo lema é “Humanizar para Crescer” (2017-2021), com esta Oferta de Escola pretende-se consolidar as competências e saberes adquiridos no 2º ciclo e abranger a experiência musical a outras técnicas e áreas musicais. A disciplina tem uma carga horária de 50 minutos semanais e tem um carácter anual. Segundo o Projeto Educativo, a metodologia de trabalho consiste no desenvolvimento de projetos musicais que visem a apresentação de um produto final em conjunto ou individualmente. Mais concretamente, o Projeto propõe os seguintes objetivos gerais (Projeto Educativo, 2017, p. 19):

- Privilegiar o desenvolvimento de atividades de carácter lúdico, performativo e prático da vivência musical, quer a nível individual, quer a nível de trabalho de grupo;
 - Explorar criativamente as potencialidades expressivas e musicais do corpo e da voz e de materiais sonoros diversificados;
 - Utilizar recursos específicos de expressão musical;
 - Promover o desenvolvimento de capacidades: motoras e vocais (prática e improvisação); percetivas (audição e análise musicais); expressivas (comunicação);
 - Desenvolver a compreensão e exploração criativa de conceitos musicais
-
- Oferta Complementar

Os alunos do 2º e 3º ciclo, à exceção dos 5º e 9º anos de escolaridade, o Agrupamento de Escolas faculta como Oferta Complementar a disciplina “Sociedade e Cidadania” que é descrita no documento de Orientação e Organização Pedagógica do Agrupamento (2018/19), como “um espaço aberto ao diálogo, ao debate e à reflexão que promove o desenvolvimento de capacidades que permite pôr em prática noções de respeito mútuo, cooperação, responsabilidade e autonomia, visando uma maturidade social e de intervenção” (p. 10).

b) Ensino Articulado

Na Escola Básica 2,3 existem alunos matriculados no Ensino Básico da Música e Dança, no âmbito da Portaria no 225/2012, de 30 de julho. Os alunos abrangidos por esta Portaria não cumprem a totalidade da matriz curricular do 2º e 3º ciclos.

No caso do 2º ciclo, os alunos que frequentam o Ensino Articulado de Música ou o Ensino Articulado de Dança não comparecem as seguintes disciplinas: Educação Musical, Educação Tecnológica e Oferta Complementar, sendo que, no caso dos alunos de Dança, estão dispensados também de Educação Física.

No caso do 3º ciclo, os alunos que frequentam o Ensino Articulado de Música e o Ensino Articulado de Dança não comparecem as seguintes disciplinas: Oficina de Música, Oferta Complementar, TIC e Educação Visual, podendo frequentar esta última, por opção do Encarregado de Educação. Sendo que no caso dos alunos de Dança, estes são dispensados também de Educação Física no 7º ano.

Os alunos deslocam-se às instalações do Conservatório Regional SM, no qual recebem formação específica em ambos os cursos (OOPA, 2018/19, p.9 e Projeto Educativo “Humanizar para crescer 2017/21).

2.2. Projeto Educativo do Agrupamento

O Projeto Educativo do Agrupamento (PEA) é um “documento estratégico orientador de toda a dinâmica do Agrupamento e mobilizador de toda a comunidade educativa” (p.42). Este documento foi desenvolvido pelo conselho pedagógico e aprovado no conselho geral em 2018. O PEA em vigor tem como premissa o lema “Humanizar para crescer” e estará em vigor de 2017 a 2021. A Visão do projeto assenta em três princípios base: Promover uma cultura de Escola de qualidade: Cimentar as bases para uma aprendizagem ao longo da vida e Ser uma escola de referência. Para maior compreensão dos objetivos de trabalho a desenvolver com esta proposta, consultar o Anexo C.

2.3. Projetos/Programas e Clubes

A escola conta com diversas iniciativas ao longo do ano, dinamizadas por docentes da mesma, das diversas disciplinas. Alguns dos projetos e programas dinamizados são: Parlamento dos Jovens (2º e 3º ciclos), ERASMUS+ (3º ciclo), CALEIDOSCÓPIO, “Aprendizes do Fingir” (parceria com a Câmara M. Vila Franca de Xira, Viagem M. . . , “#WalktheglobalWalk” (8º ano), APPS for Good, PES – Projeto de Educação para a Saúde, Concursos, Torneios e Exposições diversas (OOPA, 2018/19, p.13).

Relativamente aos clubes, dinamizados entre os docentes do 2º e 3º ciclos, são: Clube de Música, Oficina D’Arte, Clube de Teatro, Clube de Ciência, Clube de Matemática, Clube de Informática, Rádio Escolar, TunaM e Desporto Escolar (OOPA, 2019/19, p.14).

2.4. Sala de Educação Musical / Oficina de Música

A sala de Educação Musical 1 (EM1) foi o espaço onde foi realizada a prática. Esta situa-se no R/C do edifício principal. A disposição das cadeiras é em U, onde todos têm visibilidade para o centro da sala (Anexo D). Do lado esquerdo da secretária do professor está um teclado e uma estante metálica e do lado direito um armário com colunas ligadas diretamente ao computador fixo do professor. Existe uma segunda sala, com parede partilhada, que ocupa um espaço substancialmente menor, cuja ala está coberta com as mesas dos alunos. No entanto, visto que o professor orientador não lecionava nesta sala, nunca foi realizada nenhuma prática neste espaço no âmbito da PES. O lugar dos alunos na sala de aula é definido pelo Conselho de turma no início do ano, sendo que, os professores das disciplinas os podem alterar se considerarem necessário.

A sala está equipada com um vídeo-projetor, um quadro de caneta com cerca de 5 metros de comprimento e uma pequena arrecadação onde estão guardados inúmeros instrumentos, desde uma variedade de instrumentos de percussão de altura definida e indefinida (instrumental Orff), a cavaquinhos, bandolim, microfones, guitarras acústicas, instrumentos tradicionais portugueses, entre outros, muitas vezes utilizados em aula. Nesta sala existia uma pequena caixa com algumas flautas de reserva e um pacote de

algodão e álcool. Desta forma, quando algum aluno não trazia flauta o professor ou os estagiários cediam uma flauta desinfetada ao aluno. Do lado de fora da arrecadação existe um armário com materiais dos professores de música como antigos manuais, recursos didáticos, livros e material escolar. Este espaço foi bastante propício ao desenvolvimento das atividades ao longo da PES.

3. Prática de Ensino Supervisionada (PES)

Neste capítulo será descrita a minha atividade no âmbito da PES, através da reflexão crítica dos momentos de observação, lecionação, atividades dinamizadas e vivência do contexto escolar, culminando numa nota conclusiva relativamente aos assuntos abordados.

Este estágio teve início na sexta-feira, dia 28 de Setembro de 2018, pelas 10 horas. Nesta hora, foi realizada uma reunião com a diretora do agrupamento (cujo gabinete se situa na escola sede), o professor cooperante, o professor coordenador João Nogueira e os estagiários. Neste dia, após a reunião, realizada no gabinete da direção, os estagiários foram acompanhados pelo professor cooperante numa visita pela escola. A forma como fomos recebidos, tanto pela diretora como pelo professor demonstrou logo um clima de boas-vindas e acolhimento. A diretora do agrupamento evidenciou o seu interesse em apoiar quaisquer projetos que quiséssemos pôr em prática e a sua disponibilidade caso precisássemos de algo.

O grupo de estagiários era composto por quatro elementos. Este aspeto foi positivo, pois cada um de nós tinha uma visão diferente de como estar em sala de aula e a sua própria forma de lecionar, o que foi um forte ponto de aprendizagem. No entanto, por sermos quatro e assistirmos a apenas duas turmas de 6º ano, não foi possível seguir uma lecionação regular com as turmas de modo a desenvolver atividades a longo prazo.

Este estágio teve uma componente emocional bastante forte para mim pois foi realizado na escola onde estudei do 5º ao 9º ano. Muitos dos meus antigos professores ainda lá estavam e foi uma sensação emotiva entrar na sala de professores e poder falar com os meus antigos professores, muitos deles que marcaram bastante o meu percurso académico.

A sala de professores era muito acolhedora. Era composta por algumas mesas redondas (local de trabalho dos professores durante os intervalos), vários cadeirões de descanso e duas mesas com dois computadores. O ambiente sempre foi muito animado, os professores tinham um espírito muito grande de entreaajuda e não se verificava a separação por disciplinas, todos os professores conviviam entre si. Para além disso, o pessoal não-docente era sempre muito prestável e atencioso, e trataram-nos sempre como “professores”, principalmente as funcionárias do bar quando lá íamos com o professor para lanche. A relação das funcionárias com os professores e a própria direção era de louvar, muitas vezes havia “brincadeiras” na sala de professores e via-se o carinho e a estima dos professores para com as funcionárias, muitas delas que já estão na escola há vários anos, quando estas iam à sala de professores dar recados.

O horário do professor cooperante abrangia turmas de 2º e 3º ciclo pelo que foi possível assistir e, mais tarde, lecionar, aulas a dois ciclos distintos do ensino básico. No entanto, o horário não contemplava turmas 5º ano, que eram lecionadas exclusivamente pela outra professora de Educação Musical da escola. Este aspeto foi desfavorável, pois não tivemos qualquer contato com os 5º anos. No entanto, considero uma mais valia a oportunidade de lecionar 7º anos pois não é frequente encontrar uma escola que ofereça a componente de música como disciplina nesta faixa etária.

É bastante importante mencionar o papel do professor cooperante ao longo de todo o ano. O professor mostrou-se sempre pronto a facultar documentos, disponível para esclarecer dúvidas e refletir sobre a nossa prática, em conjunto e partilhar e refletir com os estagiários o que é ser professor de Educação Musical numa escola de ensino básico. É também de referir a humildade como fomos recebidos. O professor não nos tratou como meros estagiários, mas sim colegas professores. Cedeu-nos liberdade para intervir nas aulas caso achássemos pertinente ou quiséssemos acrescentar algo e valorizou as nossas ideias e sugestões. Os intervalos entre as aulas eram aproveitados para discutir estratégias e ideias sobre as abordagens pedagógicas. Muitas vezes, o professor explicava, no fim da aula, porque motivo realizava determinada atividade ou porque razão tinha tido determinada ação relativamente a um comportamento e, em conjunto, refletíamos sobre os assuntos. No início do 1º Período, o professor admitiu que as aulas, por vezes, não estavam a ser muito musicais, mas era necessário estipular regras e, por vezes, perder

mais tempo de aula nas questões comportamentais, de forma a que os alunos entendessem que as regras eram para cumprir. Este espírito de partilha foi deveras importante para o percurso feito ao longo do ano, pois a “aprendizagem cooperativa e a cocriação de conhecimentos” é uma ferramenta significativa na formação de professores (Korthagen, 2012, p.145).

Na relação com os alunos, o professor sempre nos mencionou como professores, exigindo o mesmo respeito para connosco que eles teriam com os restantes docentes. Foi sempre atento relativamente a qualquer dificuldade demonstrada e pronto a ajudar no que fosse necessário. Todos estes aspetos facilitaram claramente a nossa integração na escola.

De acordo com o Despacho nº19/2018, Artigo 3º, acerca das Normas internas dos mestrados em ensino, o estagiário deve passar pelas seguintes fases da PES: observação de pelo menos 50% das aulas do professor cooperante, de duas turmas de ciclos distintos; a lecionação de 20 aulas de 90 minutos ou 40 aulas de 45 minutos; desenvolvimento e participação de atividades de integração escolar, de acordo com o projeto educativo das escolas cooperantes (p.9). Deste modo, o estágio foi realizado em duas partes: primeiramente ocorreu a fase de observação, inicialmente não participante e transformando-se aos poucos em observação participante, das aulas do professor cooperante e mais tarde a lecionação, em par pedagógico e individual. Ao longo da prática foi possível desenvolver alguns projetos extracurriculares com algumas das turmas, tanto de 6º como de 7º ano. Estes projetos facilitaram bastante a relação criada com os alunos.

Os nomes dos alunos mencionados ao longo deste capítulo são representados por letras (ex.: aluno A, aluno M) devido a proteger a identidade dos mesmos.

A forma como este estágio foi conduzido pelo professor cooperante, de acordo com os aspetos mencionados acima, as condições da escola, ambiente, o pessoal docente e não-docente, as condições da sala de aula e os recursos, foram aspetos que facilitaram bastante, ao longo do ano, o desenrolar da prática.

3.1. Aulas Observadas

No período inicial da prática os estagiários assistiram às aulas do professor orientador, como forma de conhecerem as turmas, observar o trabalho do professor cooperante para mais tarde começar a lecionar. Neste subcapítulo irei descrever alguns momentos que considero pertinentes, integrantes dessa observação participante.

Foi deveras importante esta oportunidade de assistir às aulas primeiro, pois permitiu uma análise e reflexão de como lidar com algumas situações em sala de aula e observar a forma de lecionar de um professor com vários anos de experiência na área. Foi uma forma de presenciar em tempo real o tipo de problemas que, por vezes, um professor enfrenta e a sua posterior resolução. De certa forma, a observação direta faz também parte do processo de intervenção, pois é uma forma de comunicar e interagir com os alunos de uma forma mais informal, antes de passar à prática (Guerra, 2002).

3.1.1. Modelo de Aula

O professor começava as aulas por fazer a chamada, onde verificava a presença dos alunos e se tinham ou não o material necessário (caderno, Manual e flauta de bisel). Depois era ditado o sumário, fase da aula à qual os alunos davam extrema importância. Mais para o fim do ano tornou-se difícil para o professor, por vezes, realizar sempre o sumário e os alunos todas as semanas o pediam. As aulas seguiam normalmente o livro, apesar de existir liberdade para outras atividades que surgissem através de ideias dos alunos ou mesmo do professor. Visto que as atividades do manual estão, em grande parte, relacionadas com a flauta, os alunos utilizavam este instrumento praticamente todas as semanas. No entanto, em muitas das aulas, vários alunos não trazem flauta. Isto por vezes era um problema, pois nem todos os alunos queriam usar as flautas que estavam na dispensa, que serviam precisamente para este tipo de situações. No entanto, apesar de respeitar o direito dos alunos de não quererem utilizar as mesmas, o professor avisava sempre que era da responsabilidade dos alunos trazerem o material deles e que não fazer as atividades apenas os prejudicava a eles (com três faltas o professor escreve um recado na caderneta). Por vezes, dependendo da atividade, o professor utilizava uma estratégia,

na minha opinião, muito produtiva, pois entregava aos alunos sem flauta instrumentos de percussão indefinida, como clavas, maracas ou pandeiretas, por exemplo. Esta estratégia impedia esses alunos de ficarem simplesmente no lugar sem fazer nada e muitas vezes a perturbar o ambiente da sala de aula e assim participavam também na atividade. Esta estratégia enquadra-se na ideia de Kaplan (1995), que refere que se o professor pretende substituir o comportamento do aluno por outro mais favorável, este deve passar no “Teste do morto”, ou seja, se a ação que o aluno deve realizar puder ser realizada por um morto, então não é vantajosa para o aluno, apenas para o professor. Neste sentido, ao invés de o professor obrigar o aluno a ficar sentado e calado a aula toda porque não trouxe material, envolve o mesmo na atividade.

Relativamente aos momentos de avaliação, o 6º ano realizou um teste escrito e prático todos os períodos. O teste escrito era composto por uma parte auditiva e outra teórica (Anexo E). O teste prático era realizado pelo professor e pelos estagiários, de forma a facilitar a avaliação individual de cada aluno, e continha exercícios melódicos e rítmicos. Os testes de flauta também eram realizados por período e os alunos eram divididos em grupos de 5, sendo que cada grupo era avaliado por um dos professores. Os concertos e apresentações, juntamente com a participação em sala de aula completaram a avaliação. O 7º ano teve dois momentos de avaliação escrita. O primeiro teste foi referente ao módulo Pop&Rock (Anexo F) e o segundo foi referente ao módulo Música e Tecnologias (Anexo F). De resto, a avaliação incidiu sobre a prática e um PowerPoint realizado pelos alunos, em grupos, sobre duas bandas de Pop&Rock, à escolha, dos anos 60, 70, 80 ou 90. Em ambos os casos a avaliação foi realizada apenas pelo professor.

a) Manual 100% Música

O manual adotado pela escola foi o Manual 100% Música – 6ºano Educação Musical. Este manual está dividido em 4 capítulos, sendo que, em cada um deles constam os mesmos seis subcapítulos, *Timbre*, *Ritmo*, *Altura*, *Dinâmica*, *Forma* e *Recorda*. A dificuldade das atividades e dos conceitos vai aumentando ao longo dos capítulos.

Cada capítulo apresenta a mesma estrutura: inicialmente é apresentado um Loto Sonoro referente à matéria lecionada anteriormente, seguido de uma variedade de

canções, desde portuguesas, africanas, brasileiras, Natal, entre outros, com interpretação na flauta ou na voz, e em alguns casos, ambas. No meio destas, existem sempre algumas páginas referentes a instrumentos tradicionais portugueses, sendo que em cada capítulo é apresentado um dos grupos: Cordofones, Aerofones, Idiofones e Membranofones. Cada música, ao longo do livro, está associada aos conceitos que se pretendem trabalhar, seja uma escala, notas na flauta ou conceitos musicais de Dinâmica, Ritmo, Altura, Timbre ou Forma.

É disponibilizada uma plataforma digital, Aula Digital, como complemento à informação presente no manual, de acesso livre aos professores da disciplina, que contém Karaokes das músicas e acompanhamentos instrumentais para voz e flauta, vídeos de instrumentistas a tocarem os instrumentos tradicionais referidos no livro e modelos 3D dos mesmos com legenda dos componentes e jogos lúdicos.

3.1.2. Reflexão das aulas observadas

As aulas eram, no geral, de acordo com o manual e utilizando a flauta de bisel, mas o professor demonstrava imenso interesse em dinamizar novas atividades e estava sempre disposto a alterar o seu modo de leção. Para além de todas as estratégias serem bem-vindas, em algumas aulas o professor iniciou atividades fora do plano apenas porque surgiam novas oportunidades. Refere-se o caso de um aluno que tinha uma bola pequena de futebol e não parava de brincar com ela, o professor chamou o aluno em questão para o centro da sala e pediu que ele se sentasse no chão, ação que o professor fez também e pediu aos estagiários para o seguirem, formando uma roda. Cinco minutos mais tarde, a roda crescia, já com outros alunos da turma que se vinham juntar à vez, e a bola ia passando de pessoa para pessoa marcando a pulsação da música trabalhada. Para além disso, o professor nunca se limitou a ditar matéria, envolvendo sempre os alunos nas atividades, colocando questões e criando situações de diálogo entre os alunos para que, em conjunto, encontrassem as respostas. Segundo Estanqueiro (2010), quanto menos um professor falar para os alunos mais tempo lhe resta para falar com os alunos (p.33).

Apesar de seguir as atividades do manual, o professor nunca se cingiu a fazer apenas o que era indicado no manual, realizando várias vezes atividades rítmicas ou

melódicas que não estavam no manual, mas que, de alguma forma, ajudavam na compreensão dos conceitos.

Relativamente à flauta, o uso era bastante regular, pois mesmo quando o trabalho não incidia no instrumento em si, no fim das aulas o professor por vezes pedia aos alunos para pegarem na flauta e realizava com os mesmos algumas sequências em pergunta resposta, de forma a treinar a destreza na dedilhação. Por vezes, estas sequências ficavam como trabalho de casa.

O professor tentou sempre envolver os estagiários nas aulas, mesmo numa altura inicial, fosse com os nossos instrumentos ou de outras formas, para que começássemos, o mais cedo possível, a ter contacto com os alunos e a criar uma relação com estes. Em várias aulas saíamos dos nossos lugares, espalhando-nos pela sala, por lugares livres, tentando conter conversas entre alunos e ajudando por vezes quando estes não entendiam uma explicação ou tinham dificuldades na execução na flauta de bisel.

Uma das estratégias utilizadas pelo professor era marcar a pulsação no peito. Esta técnica foi nova para mim, mas revelou-se muito útil. Por vezes, marcar a pulsação com o pé leva a demasiado barulho e com palmas ou as mãos nas pernas, cria alguma fadiga aos alunos. Esta é uma forma simples e eficaz de o fazer, sendo que o movimento é suave e silencioso. Esta estratégia era usada em todas as aulas, pois antes de iniciar qualquer trabalho o professor normalmente pedia aos alunos que escutassem ou cantassem enquanto marcavam a pulsação, dependendo da atividade. Outra estratégia que considerei muito útil foi a utilização de paus chineses para marcar a pulsação. Por vezes, o professor distribuía dois paus por aluno e utilizava este material como recurso para marcar a pulsação ou o compasso da música. Os paus chineses fazem menos barulho que, por exemplo, clavas, criando um som mais suave quando tocados em conjunto.

Relativamente a questões comportamentais, o professor não hesitava em parar a aula se fosse necessário silêncio para a execução da atividade. O professor tentava sempre resolver os problemas em sala de aula servindo de reflexão para toda a turma e um momento de aprendizagem coletiva. Quando se tratava de questões mais específicas ou problemas entre dois alunos, o professor ficava com esse/s aluno/os no fim da aula e conduzia uma conversa individual com o/s mesmo/s. É de frisar que o professor demonstrou sempre interesse pelos problemas dos alunos e um cuidado em perceber se

estavam bem, mesmo que fossem assuntos não relacionados com a aula. Além disso, o professor sempre discutiu connosco qualquer situação que se passasse numa das aulas a que assistíamos, explicando também a razão pela qual agia da forma que agia.

3.2. Aulas lecionadas

No seguinte subcapítulo irei descrever a minha intervenção enquanto professora. Primeiramente, será apresentando o modelo de ensino utilizado, refletindo sobre a importância dessas abordagens pedagógicas. A componente de lecionação será apresentada em duas partes, primeiro será feita uma descrição turma a turma das atividades planeadas e desenvolvidas com cada uma, refletindo sobre o processo de lecionação, dificuldades encontradas e da relação criada com cada turma. São também referenciadas algumas planificações, presentes nos Apêndices, que completam a informação dada neste subcapítulo. Por fim irei refletir sobre acontecimentos específicos, como concertos e apresentações desenvolvidas com algumas das turmas. Tomei a decisão de separar estes acontecimentos por alíneas, pois envolveram várias turmas e elimina a necessidade de repetir informação, tornando mais sucinta a descrição do evento.

O momento de lecionação foi desenvolvido entre Janeiro e Junho. Devido ao número de estagiários e às aulas de 6º ano às quais assistíamos, não foi possível cada estagiário ter uma turma para si, de modo a criar algum seguimento nas atividades. Dei, inicialmente uma aula em par pedagógico e depois desenvolvi algumas atividades com algumas das turmas, como será descrito mais à frente. Das aulas lecionadas foram selecionadas algumas que demonstram marcos importantes da PES, nos quais reflito sobre o processo de ensino. O que Korthagen (2012) refere como abordagem realista na formação de professores, trabalhando “com base em situações reais encontradas durante a lecionação que tenham causado uma preocupação no formando” (p.144), refletindo sobre as próprias experiências, resultando numa reinvenção das estratégias. Muitas das aulas que lecionei ao longo do ano as aulas que lecionei foram aulas espontâneas, sendo que não houve planificação prévia.

Muitas vezes o professor perguntava-me antes da aula se queria lecionar e eu aceitava o desafio. No entanto, serão apresentados os planos de aula mais à frente, sendo

indicados quais os planos das aulas que foram previamente planeadas e os planos das aulas improvisadas.

O modelo geral aplicado a todas as aulas baseia-se em Bluestine (2000), que pretende primar a audição à teoria. Este modelo, referido como “Sound-Before-Sight-Before-Theory”, ou seja, “Som, antes da visão, antes da teoria”, reflete sobre a forma como as crianças aprendem música. Bluestine expressa esta ideia afirmando que as crianças aprendem a sua língua materna primeiro ouvindo, depois falando e só então lendo. Sendo que, depois de desenvolvidas as competências auditivas e de leitura, estas complementam-se entre si. Para Wuytack (1993), é importante conhecer a música através da audição. Apesar de ser imperativo o envolvimento da música com a dança, o canto e a prática instrumental, não se deve descurar a capacidade de saber escutar.

É de vital importância que a aprendizagem musical seja experienciada através da vivência de atividades musicais e da interligação da voz com o corpo. Criar memórias físicas de elementos formais é uma boa forma de compreender conceitos (Findlay, 1971). Abraçando esta premissa, tentei, quanto me foi possível, envolver as turmas em atividades de movimento, não só como forma de facilitar a aprendizagem de conceitos, mas também de forma a criar um espírito de grupo no desenvolvimento das atividades. Ao invés de ficarem nas suas cadeiras, individualmente, os alunos são estimulados a trabalhar em conjunto.

Tentei sempre criar um ambiente divertido nas aulas, pois creio que esta é uma componente essencial na criação de laços entre o professor e a turma e também na criação de um ambiente descontraído em sala de aula, que promove não só a aprendizagem, mas também a participação ativa dos alunos nas atividades. De acordo com Hallam (2010), os efeitos causados pelo envolvimento dos alunos em atividades musicais ao nível do desenvolvimento pessoal e social apenas irão ocorrer caso as mesmas sejam prazerosas e gratificantes (p.3). Da mesma forma, tentei resolver os problemas de indisciplina de forma descontraída e tentando ao máximo que os alunos não deixassem a atividade. Segundo os autores Elias et al. (2000), as crianças não querem ser mal-educadas, pois uma criança que é mal comportada não é realmente feliz, estando apenas à procura do seu papel na sociedade. Assim, em situações problemáticas, torna-se mais eficaz surpreender

a criança do que gritar ou elevar o tom de voz, que é a resposta óbvia, da qual ela está à espera.

O calendário letivo das aulas por mim lecionadas, seja individualmente ou em par pedagógico, pode ser consultado no Apêndice A.

3.2.1. Lecionação: Análise por Turmas

6ºD

A turma 6ºD é constituída por 26 alunos (13 raparigas e 13 rapazes). Esta turma não fazia parte do horário estabelecido entre os estagiários no início do ano para ir à escola, pois a aula do 6ºD era lecionada às terças-feiras, das 13h15 às 15h05, horário reservado para as aulas na faculdade. No entanto, na pausa letiva de Janeiro aproveitei para ir à escola às Terças e acabei por criar uma relação muito boa com esta turma em particular.

Após duas semanas a assistir às aulas desta turma, o professor estava a chegar a um ponto no manual onde se seguia uma canção tradicional brasileira, “Cirandeiro” (Apêndice B), cuja interpretação contava com uma dança realizada pelo Coro Infantil da Universidade de Lisboa (CIUL). Neste sentido, e sendo que através de várias conversas o professor já tinha percebido o meu interesse em criar dinâmicas de movimento com os alunos, ficou acordado que eu daria os 100 minutos, na semana seguinte, dinamizando esta atividade. Esta foi a minha primeira aula planeada e também a primeira aula que eu ia lecionar no estágio, sozinha. O facto de iniciar esta atividade logo com os alunos em roda e em pé teve um impacto significativo. Quando chegaram à sala, as mesas já estavam encostadas à parede, criando mais espaço para a atividade. No entanto, os alunos mostraram-se logo mais agitados e vi-me obrigada a reagir perante o conjunto de alunos conversadores que estava à minha frente. Isto resultou numa modificação radical do meu plano inicial. Sem dar espaço a conversas paralelas dinamizei uma série de pequenos jogos/atividades musicais, que incluíam dinâmicas corporais rítmicas e vocais e jogos de pergunta-resposta. Esta dinâmica permitiu agarrar a turma e captar a sua atenção. A falta de espaços mortos entre as mesmas fez com que as atividades fluíssem bastante bem. Os alunos demonstraram-se divertidos e a partir daí foi mais fácil continuar com o plano.

Nesta turma deparei-me com três casos mais complicados de indisciplina, mas senti facilidade em lidar com os mesmos adotando uma atitude mais descontraída perante as atitudes destes alunos e repreendendo-os, de certa forma, sempre de uma maneira “divertida” com o intuito de não interromper a aula.

Mantive a minha presença nas aulas desta turma até as aulas na faculdade recomençoem (no início de Fevereiro), sendo que acabei por não lecionar mais neste período. Pensava que teria acabado por aqui, mas perto do fim do ano tive a oportunidade de voltar a este horário e reestabelecer o meu contacto com esta turma. Todas as semanas quando chegava perguntavam se era eu que ia dar a aula, mesmo no primeiro dia após o término da minha observação de Janeiro, o que me fez perceber que não tinham esquecido aquela aula. Mais ainda, um grupo de alunos perguntava sempre se íamos “fazer aula de movimento”. Estas observações foram muito positivas para mim e, ao ver o entusiasmo da turma, pedi ao professor para realizar uma outra canção do manual, “Makumaná” (Apêndice C), também interpretada pelo CIUL, que se encontrava no fim do manual e já não havia tempo de chegar a essa canção. O professor acedeu ao meu pedido e, na penúltima aula do ano, lecionei os dois blocos de 50 minutos. Neste dia, o professor ligou-me perto da hora da aula a informar que tinha ocorrido um imprevisto e não sabia a que hora chegava, mas deu-me permissão para começar a aula sozinha. Na altura estava um pouco receosa, pois sabia que a aula de movimento poderia gerar um pouco mais de confusão. Acabei por ficar sozinha os 50 minutos sendo que o professor chegou mesmo nos 5 minutos finais. Foi uma experiência diferente estar perante a turma completamente sozinha sendo que o único foco de autoridade era eu.

Para além das aulas de movimento, esta turma também demonstrou um gosto pelo canto, sendo que, nessas mesmas aulas, foi sempre um elemento presente. Uma das aulas na qual o canto foi o foco principal foi na atividade Akai Hana (Apêndice D). Nesta aula a turma voltou a surpreender-me e o seu desempenho vocal foi exemplar. O resultado final foi ao encontro do que pretendia e seguiram sempre as indicações que dei. Fiquei surpresa quando, ao recordar as dinâmicas, lecionadas na aula “Cirandeiro”, os alunos ainda se lembravam da atividade desenvolvida em Janeiro.

Na atividade “Chariots of Fire” (Apêndice E), experimentei uma estratégia nova e utilizei o manual. Pretendia encontrar outras formas de lecionar uma aula com flauta.

Como pretendia também introduzir um novo conceito, tentei encontrar uma forma divertida de explorar o mesmo.

No geral, esta turma demonstrou interesse e entusiasmo em realizar atividades de movimento. Sempre que chegava perguntavam se iria dar a aula e se iria fazer uma aula de movimento. Sinto que criei uma boa relação com esta turma em específico. No fim da minha primeira aula que lecionei a esta turma, em Janeiro, o professor cooperante referiu logo que achou que eu tinha criado uma boa relação com a turma. As aulas eram descontraídas e divertidas. A atitude que tive perante a turma teve de certeza impacto na ligação que criei com os mesmos. Como afirma Estanqueiro “educamos mais pelo que somos do que pelo que sabemos” (2010, p. 108).

A reflexão geral que faço, do contacto com esta turma, é que, não estando habituados a aulas de movimento e a respeitar as regras fora do lugar, estas aulas podem criar mais momentos de ruído que as aulas em que os alunos estão sentados nos lugares. No entanto, e devido à reação desta turma, creio que, aos poucos, e alternando os dois estilos de leção, é possível demonstrar aos alunos que eles conseguem fazer estas aulas facilmente. Muitas vezes quando dava uma atividade para fazer criava-se mais barulho na sala e tinha alguma dificuldade em fazer com que os alunos voltassem a centrar a sua atenção em mim, mas pergunto-me se isso é assim tão importante, pois não pretendo ser o foco da atividade, apesar de ser necessário dar as diretrizes para a mesma. Se os alunos se entusiasmarem, criando algum ruído, mas estiverem envolvidos na atividade, talvez o objetivo esteja cumprido. O facto de estarem fora dos seus lugares criou sempre mais confusão do que se todos os alunos estiverem sentados, mas a envolvência nas atividades não é a mesma. No entanto, em qualquer das aulas que lecionei a esta turma estranhei o facto de os alunos perguntarem sempre se eu iria lecionar e depois, nos dias em que efetivamente isso acontecia, havia sempre ruído na sala. No entanto, em algumas aulas, havia sempre alunos que tentavam chamar a atenção dos colegas para que se concentrassem ou fizessem menos barulho para que a aula prosseguisse e de modo a continuarem a atividade.

Por último, quero referir o comportamento de uma aluna desta turma, aluna M, que, ao longo do ano, em momentos específicos, demonstrou uma mudança de comportamento inesperada face às atividades por mim propostas. Esta aluna demonstrava

alguns problemas de indisciplina, estando sempre a conversar com a colega do aluno, ou a desenhar e raramente participava e, desde a primeira aula que dei que, sempre que dava aula, esta mostrava-se entusiasmada e o seu comportamento era exemplar. Na atividade “Makumaná”, apesar de eu treinar uma roda de cada vez, a aluna recusou-se a sentar depois da sua roda ter treinado a coreografia insistindo que queria treinar com as restantes rodas também. No Apêndice F é possível visualizar uma sequência de acontecimentos da dita aluna, que demonstra algumas atitudes da mesma face à minha presença.

6ºE

A turma 6ºE é constituída por 28 alunos (12 rapazes e 16 raparigas), sendo que destes, 2 alunos e 1 aluna frequentam o ensino articulado de Música e 3 alunas frequentam o ensino articulado de Dança do Conservatório Regional SM. Ou seja, apenas 22 alunos estão presentes nas aulas de Educação Musical.

Devido ao número de alunos que constituem a turma na aula, a sala tornava-se mais “vazia” e a turma, no início do ano, parecia colaborar bem com as atividades. Ao longo do ano assistimos a uma clara mudança comportamental, sendo que alguns dos rapazes demonstraram atitudes mais rebeldes em sala de aula.

A leção a esta turma ocorreu mais em par pedagógico do que individualmente. Mais para o fim do ano, devido a um projeto de uma das estagiárias (descrito à frente na alínea c)), e aos meus ensaios referentes à obra *Dança de las Hachas*, as aulas acabaram por ser divididas em períodos de 50 minutos, entre mim e a estagiária Filomena.

A primeira aula que lecionei a esta turma foi em par pedagógico com a estagiária Filomena, e incidiu sobre a canção “Cirandeiro” (Apêndice G). Apesar de já ter lecionado duas aulas, sozinha, às turmas 6ºD e 6ºG com esta canção, neste dia em particular estava a recuperar de uma constipação, que se agravou ao longo das aulas que lecionei nesta tarde, acabando por acabar mesmo o dia sem voz devido ao esforço de cantar a canção. A abordagem pedagógica foi completamente diferente destas turmas para as que lecionei sozinha, mas visto que o plano de aula foi idealizado em conjunto, cada uma de nós colocou um pouco do seu modo de lecionar. Gostei bastante de trabalhar com esta colega,

pois sinto que funcionámos bem enquanto par, o que se veio a provar ao longo do estágio verídico, pois mesmo no desenvolvimento de um projeto meu pude contar com a ajuda deste colega.

Na atividade “Dança Russa” (Apêndice H), pretendi utilizar os instrumentos Orff como base. A atividade teve alguns percalços, como refiro na reflexão da mesma, e senti bastante dificuldade em controlar a turma. Nesta aula pretendia que os alunos escutassem o que cada grupo fazia, tendo em atenção a sua vez de entrar, revelando concentração e espírito de grupo. No entanto, os alunos estiveram, no geral, sempre muito agitados e conversadores. O facto de saírem dos lugares agregado ao facto de terem instrumentos nas mãos tornou a aula bastante mais agitada do que estava à espera. Apesar disso, ao refletir sobre os pontos menos bons da minha performance enquanto professora foi-me possível melhorar nas aulas seguintes e progredir.

A atividade *Dança de las Hachas* (Apêndice I), veio a propósito de uma proposta feita pela professora de Ciências desta turma. A professora pretendia que a turma apresentasse uma dança ou música medieval no dia da celebração dos 500 anos das viagens de F.M.. Assim, propus a obra referida acima, que foi do agrado da professora e comecei a ensaiar com a turma no dia 29/04. A prestação da turma no desenrolar desta atividade não foi a mais correta e originou na realização de algumas alterações ao plano inicial. As informações relativas a este evento estão presentes na alínea c).

6°F

A turma 6°F é constituída por 28 alunos (12 raparigas e 16 rapazes). A maioria dos alunos tem origem português, sendo que três alunos têm origem chinesa. Estes estão indicados como alunos com Português Língua Não Materna (PLNM). Dois destes alunos revelavam dificuldades a nível da compreensão oral e auditiva pelo que nos testes dois dos estagiários acompanhava cada um dos alunos, ajudando na compreensão das questões.

Devido ao número de alunos da turma, por vezes existia bastante barulho ao longo das atividades. Na turma, existiam alguns focos de indisciplina, e, a meados de Outubro, os estagiários começaram a espalhar-se pela sala, sentando-se ao pé de alguns

alunos, de forma a rentabilizar a sua participação em sala de aula e ajudar a controlar aspetos comportamentais. Esta estratégia revelou-se muito útil à fluência da aula.

Como fomos informados ao longo do ano, seja pelo professor ou nas reuniões de turma, alguns desses alunos sofriam de problemas a nível familiar e/ou económico, sendo que não tinham qualquer acompanhamento e por vezes, falta de comida, o que conduzia, por vezes, a um comportamento hiperativo e irracional em sala de aula. Tendo sempre isto em atenção, o professor tentava lidar com os alunos da melhor maneira tentando estimulá-los a participar nas aulas. No entanto, teve de, por vezes, pedir a certos alunos para sair da sala, tendo mesmo marcado duas faltas disciplinares a um aluno que perturbava a aula de tal forma que se tornava impossível a realização das atividades.

Apesar do número de alunos ser elevado e de existirem de facto estes focos, a turma demonstrou ser muito boa musicalmente. Os alunos eram muito diferentes entre si, a turma era muito heterogénea, mas quando se uniam como grupo de trabalho em atividades musicais realizavam um ótimo empenho.

Apenas lecionei duas aulas a esta turma. Na atividade Cirandeiro (Apêndice G), a turma demonstrou-se participativa, mas, devido à vertente de movimento, foi difícil controlar todos os alunos. Estes revelaram, por vezes, atitudes infantis, quebrando o ritmo da aula, principalmente no ensaio da coreografia. De resto, a nível musical (canto) revelaram uma boa performance.

A atividade Dança Russa (Apêndice H), já tinha sido realizada no tempo letivo anterior à turma 6ºE (como descrito anteriormente). No entanto, os problemas que surgiram na aula anterior permitiram-me realizar algumas alterações nesta turma que se revelaram produtivas. Realizei o ensino da música de forma mais compartimentada e metódica, o que ajudou aos alunos a perceberem melhor o que era esperado deles. No entanto, a componente dos instrumentos e da deslocação dos lugares originais voltou a ser um fator de conversa e distração que se tornou difícil de controlar. Apesar disso, os alunos executaram a peça bastante bem demonstrando muita estabilidade rítmica no som de conjunto.

6ºG

A turma 6ºG é constituída por 28 alunos (20 rapazes e 7 raparigas), sendo que um dos alunos está no Ensino Articulado de Música no Conservatório Regional. Esta turma, tal como o 6ºD, era lecionada à terça-feira, pelo que o contato com os alunos foi menos do que as restantes turmas de 6º ano. No entanto, e tal como no caso do 6ºD, acabei por iniciar mais rapidamente o contacto pedagógico com os alunos.

Após somente uma aula a observar, na semana seguinte, o professor propôs-me lecionar uma aula sobre os instrumentos tradicionais portugueses (Aerofones em Portugal). Na hora anterior o professor lecionou a mesma aula à turma 6ºD e eu acabei por dar a mesma matéria. Foi uma experiência um pouco diferente do que eu viria a fazer mais à frente, mas serviu para conhecer melhor a turma. Apesar do carácter teórico da aula, a plataforma virtual do manual 100% Música disponibiliza uma série de ferramentas interativas que tornam esta matéria mais lúdica.

A atividade Cirandeiro (Apêndice B) pressupunha o desenvolvimento de uma atividade de movimento. Como eu tinha conhecimento que esta turma tinha sido lecionada no ano anterior por uma das estagiárias cujas aulas tinham enfoque em atividades de movimento, não sei se, sem me aperceber, fiz um constructo para com a turma, mas, ao pensar que esta aula correria melhor que a anterior, enganei-me. A turma não revelou um comportamento adequado durante a atividade, tornando-se difícil realizar a coreografia com toda a turma, devido aos atritos entre os alunos. Soube, pelo professor, que sempre revelaram problemas de comportamento, estando estes, este ano, a piorar, o que me levou a refletir que, quiçá soubesse desta questão antes, não teria demonstrado outra postura perante a turma.

Na semana seguinte voltei a lecionar uma aula de 50 minutos a esta turma, com a atividade “Fácil de Entender” (Apêndice J) e senti-me muito mais confortável. Essa aula correu muito bem e fui capaz de controlar os momentos de indisciplina de outra forma. O facto de ter tido o contacto com a turma na semana anterior e de ter refletido muito sobre a forma como a aula tinha ocorrido ajudou muito na forma como enfrentei a turma desta vez.

No fim do ano desenvolvi com a turma a atividade Passo Dobrado (Apêndice K), que se revelou uma aula bastante divertida. Os alunos, apesar de irrequietos, foram participativos e empenhados. A aula foi passada sempre a fazer música em conjunto e, por mais que pudessem surgir conversas em pequenos tempos mortos, assim que a música recomeçava a turma estava pronta para tocar e nesse momento não havia mais nada senão um grupo de alunos a fazer música em conjunto.

7°C

A turma 7°C é constituída por 27 alunos (13 rapazes e 14 raparigas), sendo que dois têm Necessidades Educativas Especiais (NEE) contendo por isso um Plano Educativo individual (PEI).

Por volta do fim de Março foi decidido que era importante cada estagiário ter contacto direto com o 7º ano a nível de lecionação. Desta forma, repartidos as 4 turmas de 7º ano por todos. Fiquei com a turma 7°C e, na semana seguinte, lecionei a aula, seguindo o trabalho que estava a ser realizado pelo professor e introduzindo a canção “Sailing” (Apêndice L) na flauta. Esta acabou por ser a única aula que lecionei a esta turma.

Nesta semana, tinha dado duas aulas ao 6º ano (atividade Dança Russa) que não correram da forma que desejava, como descrevi acima. Nesse sentido, esta aula foi bastante importante para mim. Estava numa situação em que me sentia insegura relativamente às minhas capacidades de professora e trabalhei muito em casa no meu plano de aula, já com a ideia de que os alunos poderiam fazer com que não seguisse esse plano à risca.

Quando cheguei à sala, iniciei a aula com algum receio, mas senti logo uma boa receção por parte dos alunos. No entanto, de forma a ter mais controlo sobre a atividade, senti que seria melhor iniciar a mesma com os alunos sentados nos respetivos lugares, só depois pedir para se levantarem e mais tarde então para se deslocarem para o centro da sala a fim de fazer uma roda. Esta estratégia surtiu efeito e a aula correu muito bem. Quando pedi para se sentarem no chão, achei que poderiam gostar por ser diferente e saírem das cadeiras, mas duas alunas refilaram porque normalmente costumam estar meio a dormir na parte de trás da sala. De resto, os alunos demonstraram entusiasmo ao longo

da aula. O facto de ter utilizado o Ukulele surgiu como uma surpresa bastante positiva para os alunos.

7ºH, 7ºD, 7ºB e 7ºE

- **Jogo do Copo**

Esta atividade foi realizada na última aula de música destas turmas e eu lecionei as quatro aulas. As mesas foram dispostas de forma a formar um quadrado com todos sentados para o centro. Assim, todos os alunos me viam. Esta atividade foi sugerida pelo professor, sendo que a ideia partiu de um vídeo que o professor tinha cujos figurantes demonstravam como se realizava o jogo do copo. O jogo era composto por duas frases, cada uma com oito tempos. Sendo que os alunos repetiam após a execução de cada sequência. Depois de os alunos visualizarem o vídeo, eu demonstrei a primeira frase lentamente, primeiramente sem copo, para não criar muita confusão inicialmente, pois se os copos já tivessem distribuídos era pouco provável que os alunos não fizessem barulho com os mesmos, não ouvindo a explicação. Depois desta primeira abordagem cada aluno recebeu um copo. Quando todos estavam mais à vontade com a primeira frase fazíamos uma pequena sequência: eu começava a primeira frase sozinha e o aluno sentado à minha direita entrava na segunda repetição da mesma, sendo que o terceiro aluno entrava na terceira e por aí fora até todos fazermos em conjunto.

Seguidamente passámos à segunda frase, que era bastante mais complicada. O método foi o mesmo, e fazíamos bastante devagar cada um dos passos.

No fim, dependendo do à vontade das turmas com a atividade, realizávamos uma roda, sentados no chão, no centro das mesas e, depois de realizarmos as duas frases, passávamos o copo para a pessoa do lado direito, recebendo o copo da pessoa do nosso lado esquerdo. Depois, a sequência iniciava-se com este copo, e assim sucessivamente. Os alunos reagiram muito bem à atividade. Alguns já conheciam o jogo do copo e outros demonstraram mais dificuldade. Quando chegava à parte de ir para o chão, o desafio era maior, mas a atividade tornava-se mais divertida e os alunos aderiram muito bem à mesma. Foi uma excelente forma de fechar o ano-letivo.

3.2.2. Outros projetos

Estes momentos de interação fora do ambiente de sala de aula foram deveras importantes, pois a participação dos alunos em apresentações escolares facilita a criação de laços de amizade entre os mesmos, contribuindo para a sua vida social escolar (Hallam, 2010).

a) Concerto de Natal

Em meados de Novembro, num dos momentos de conversa num intervalo grande com o professor cooperante, este questionou-nos sobre ideias para a altura do Natal. Após alguma discussão decidimos realizar um concerto de Natal em que todos colaborássemos. Desse modo, sentámo-nos e escrevemos, com o professor, uma lista de ideias, como a data, local, divulgação, estrutura, entre outros e músicas para a atuação. Estas ideias foram sendo concretizadas ao longo desse tempo, pois as canções necessitavam de ensaio. Os ensaios para o concerto iniciaram-se dia 12 de Novembro e todas as aulas as turmas de 6º e 7º ano ensaiaram as canções até ao dia do concerto.

Assim, ficou estipulado que as turmas de 6º ano iriam cantar três músicas, sendo que destas, uma foi recolhida de um antigo livro de Educação Musical, e duas de um livro de canções infantis de Natal. Os 7º anos ensaiaram também três músicas, duas de dois antigos livros de Educação Musical e outra do manual 100% Música (6º ano). No fim, os 6ºs e 7ºs anos juntaram-se para cantar duas músicas em conjunto. O professor cooperante propôs à professora de Educação Musical participar também com os seus alunos do 5º ano, e com as restantes turmas do 6º ano. Assim, foram os alunos de 5º ano e duas das turmas de 6º ano da professora que abriram o concerto interpretando quatro músicas da plataforma Cantar Mais.

O Concerto de Natal contou com a participação das quatro turmas do 6º ano do professor cooperante e das oito turmas do 7º ano. Relativamente à professora, participaram uma turma de 5º e uma de 6º, e de um aluno de uma turma de 8º e uma aluna de uma turma de 9º que têm Necessidades Educativas Especiais. Nem todos os alunos das

turmas participaram. O professor perguntou, em cada turma, que alunos gostariam de atuar e foi realizada uma lista com os nomes dos respectivos alunos.

O concerto foi realizado a uma quarta-feira, às 11h15, horário letivo da turma 7ºA. Os restantes alunos foram dispensados dessa hora para participar no concerto. A realização do cartaz de divulgação do concerto, que esteve projeto atrás do coro ao longo do concerto, ficou a meu encargo e pode ser visualizado no Apêndice M. A canção *El Noi de la Mare* foi acompanhada pelos estagiários Inês e Miguel que tocaram os seus instrumentos, flauta transversal e violino, respetivamente. Como público, a escola organizou a ida de uma turma de 4º ano, de uma das Escolas Básicas pertencentes ao agrupamento, cuja localização permite os alunos irem a pé ao local e dispensou duas das turmas de 5º ano da escola para irem com as professoras da disciplina assistir ao concerto nesta hora. Para além disso, os restantes alunos da turma 7ºA que não quiseram participar assistiram também ao espetáculo.

Cada aluno partilhava com outro colega uma folha A4, dobrava em dois (fazendo um caderno), com as letras das canções. As letras das músicas foram projetadas numa tela de projeção ao lado do palco para que o público conseguisse ler as mesmas. A direção das músicas foi dividida entre os estagiários e o professor cooperante para que todos pudessem dirigir.

Antes do concerto começar a diretora da escola fez um breve discurso sobre a importância destes momentos, de fazer música em conjunto e da presença dos alunos do 4º ano neste concerto, no local que viria a ser a sua escola no ano seguinte. No fim, o concerto foi fechado também com um agradecimento ao professor cooperante e aos estagiários pelo trabalho desenvolvido.

b) Ópera: “Nos castelos de D. Afonso Henriques”

Esta atividade foi dinamizada por uma das estagiárias, Filomena, que propôs ao professor cooperante dinamizar uma Ópera Infantil com duas turmas de 6º ano, 6ºE e 6ºF. A estagiária ensaiou os alunos todas as semanas, nos primeiros 50 minutos de cada bloco de 100, a partir do dia 29 de Abril. Esta obra fazia parte de um manual antigo de Educação Musical de 5º ano da Santillana intitulado “Era uma vez a Música...”, que, para além de

uma série de atividades diversas de sala de aula, continha cinco óperas, compostas por João Carlos Godinho, sendo uma delas intitulada “Nos castelos de D. Afonso Henriques”. Cada Castelo conquistado por D. Afonso Henriques era representado por uma canção, na qual o castelo contava a sua história.

A estagiária projetou as letras na zona do quadro e a abordagem pedagógica para cada canção foi a seguinte: 1) A professora canta a canção com o instrumental, sozinha, tendo a letra projetada para todos verem; 2) A professora coloca o áudio da música e pede aos alunos que cantem com ela. 3) Se o resultado for o esperado, a professora passa à canção seguinte. Por vezes, repetia-se alguma canção mais difícil, mas no geral cada uma era cantada uma vez. Na aula seguinte, o processo era o mesmo, mas logo no início a professora colocava o áudio no início e cantavam todas as canções já aprendidas. As letras estiveram sempre projetadas.

Na manhã do concerto, dia 27 de Maio, como tinha disponibilidade de manhã, fui para a escola e ajudei o professor a montar o cenário do espetáculo. Os adereços que completaram o palco foram os seguintes:

- um dos alvos do clube de Tiro com Arco da escola, incluindo o arco e a flecha, foram colocados em disposição ao lado do palco;
- uma bandeira branca com cruz azul clara (a bandeira de Afonso Henriques), feita por mim e por dois alunos da rádio que tinham tempo livre de manhã e ajudaram, com um pano branco cedido por uma das auxiliares e cartolina azul que pedimos na sala de Educação Visual;
- Uma espada e coroa dos adereços do teatro que se encontravam atrás do palco;

Com a ajuda dos alunos, carregámos ainda uma coluna, que, ligada ao computador, emitiu o áudio das canções. O professor realizou ainda um PowerPoint com fotografias de cada Castelo, pela ordem da obra, que foi projetado na parede atrás dos alunos. Por fim, montámos a tela de projeção que foi utilizada para projetar as letras, que se encontrava virado para o palco.

Quando chegou a hora da aula da turma 6ºE, a primeira hora foi realizada já no auditório, como forma de ensaio para o concerto. Os alunos da turma 6ºF que foram escolhidos juntaram-se aos restantes. No ensaio já se notava algum barulho e alguns

alunos a perturbar a atuação. Os avisos da estagiária Filomena e do professor pareceram não ter efeito, visto que o comportamento dos mesmos se revelou igual ao longo do espetáculo.

A estagiária Inês C. começou por ler, antes da Abertura da obra, um pequeno excerto, presente no livro, que contextualiza a obra. Ocorria, antes de cada canção, a leitura do recitativo (pequeno texto introdutório à história de cada castelo) por parte da estagiária Inês C.. O professor cooperante ficou encarregue de mudar os slides dos Castelos e a letra das canções. A estagiária Filomena dirigiu os alunos em toda a obra e o estagiário Miguel ficou encarregue da gravação do espetáculo. Por fim, foi-me pedido pela colega Filomena que me inserisse no coro e cantasse com os alunos.

Visto que o concerto iria ocorrer na hora da aula da turma 6ºE, todos os alunos desta turma participaram. No entanto, relativamente ao 6ºF, a turma tinha aula de Ciências a essa hora e seria teste. Assim, foi pedido à professora se havia alguma hipótese de eles participarem e esta demonstrou-se muito prestável e alterou o teste para uns dias antes, afirmando que não fazia diferença pois já tinha dado toda a matéria e estavam a fazer revisões. Como iria ter de pedir dispensa destes alunos, o professor decidiu selecionar um grupo de alunos para participarem no concerto, sendo que foram selecionados todos aqueles que cantaram e participaram na atividade. É de frisar que os restantes alunos, enquanto a professora Filomena ensinava as canções, não cantaram, falaram com outros colegas, ou simplesmente não fizeram nada e dessa forma não sabiam as canções. Apesar da seleção de alunos, quando estas duas turmas se juntaram, sendo que a sua relação era bastante próxima, ocorreu muito barulho durante todo o ensaio. Durante o concerto este comportamento persistiu. Entre cada música os alunos falavam e riam, e por vezes houve conversas durante as músicas.

No entanto, é de mencionar o desempenho de um grupo de alunas da turma 6ºE que se mostraram comprometidas ao longo dos ensaios, cantando sempre as músicas e, a certa altura durante os ensaios, começaram a criar gestos para as canções. No dia do concerto cantaram todas as músicas sem distrações, guiando todo o grupo ao longo do espetáculo e revelaram um comportamento e postura em palco exemplar.

À semelhança do concerto de Natal, o público foi constituído por quatro turmas de 5º ano que foram com os professores da disciplina dessa hora assistir ao concerto, e

duas turmas de 3º ano de uma escola pertencente ao agrupamento, cuja distância também permitia a viagem ser feita a pé. Estes alunos não vieram da mesma escola da turma que veio assistir no Natal. Ocorreram várias tentativas de convidar turmas de 4º ano, mas sendo tão perto do fim do ano letivo, estas estavam em visitas de estudo.

c) Celebração dos 500 anos das Viagens M...

A Escola Básica 2,3 decidiu abraçar um novo projeto que lhes foi proposto, intitulado “Projeto Escolas M...”. Neste sentido, no dia 28 de Maio, celebrou-se na escola o lançamento do mesmo. Às 18h a escola foi aberta aos pais e todos foram convidados a ver a exposição realizada por alunos e professores e as diversas atividades preparadas. Este projeto visa comemorar os 500 anos da Viagem de Circum-Navegação de F.M.

O seu intuito é envolver todos os alunos e docentes na dinamização de atividades, fomentando a partilha de experiências e saberes interdisciplinares. A escola esteve em preparação para este dia durante algum tempo e, dia 28, quando as portas se abriram, existia um percurso marcado no chão, com símbolos alusivos ao mar e várias bancas pelas quais os pais podiam passar. As bancas variavam entre as disciplinas de ciências: onde, por exemplo, os alunos explicavam como se preservava a comida antigamente nas grandes viagens em alto-mar; português: onde se imitava um *scriptorium*; educação-física: uma zona de tiro ao arco, entre outros. Os alunos encontravam-se vestidos a rigor com fatos alusivos à época. Ao longo do percurso existiam exposições de Educação Visual, Geografia e Informática. As fotos das decorações deste dia estão presentes no Anexo G. Às 19h estava previsto o início das atuações no campo de jogos, onde estava presente um barco de madeira decorativo, alusivo ao tema, que servia de fundo para as atuações. Estas envolveram alunos de ginástica, a orquestra de cordas do conservatório regional SM e alunas de dança do conservatório. A minha participação nesta comemoração foi a atuação “*Dança de las Hachas*” realizada com a turma 6ºE, que tocou os instrumentos Orff e a turma 7ºH, que interpretou a dança.

- ***Dança de las Hachas***

A professora de Ciências da turma 6ºE propôs que a mesma participasse em alguma na apresentação do novo projeto “500 anos da Viagem de F.M.”. Em conversa com a professora, foi-me pedido que ensaiasse uma dança medieval com aquele grupo, pois todo o tema rodava à volta dessa época. Nessa altura, estava a ensaiar uma turma minha de 4º ano para uma apresentação e sugeri essa mesma peça, pois tinha um arranjo Orff e poderia complementar-se os saberes. A canção sugerida intitula-se “*Dança de Las Hachas*”. As informações relativas à estrutura desta dança, encontram-se no plano de aula presente no Apêndice I.

A professora gostou da sugestão e avançámos com o projeto. Esta conversa ocorreu a uma segunda-feira de manhã e nesse dia à tarde teríamos a turma em questão, na qual eu iria lecionar os 50 minutos. Apesar de já ter algo específico planeado, disse ao professor que poderia avançar com a dança medieval, pois os professores queriam ver como a turma reagia.

Nesse sentido, foi ensaiado com a turma a música, com instrumentos Orff e a dança, em sala de aula. A resposta da turma não foi muito positiva e revelou-se complicado escolher pares para dançar. Esta dificuldade surgiu por partes dos rapazes da turma, visto que havia mais voluntárias do que voluntários e a professora pediu pares mistos. Ao longo dos ensaios, o comportamento desta turma não se revelou o mais indicado. Ocorrem alguns problemas por parte dos rapazes relativamente à dança, o que acaba por ser perceptível, pois estamos a falar de rapazes de 11 anos prestes a ir para o 7ºano. Quando souberam que iam dançar à frente de outros colegas o seu comportamento revelou-se sabotador perante o projeto. A certa altura, e face à atitude dos alunos que dançavam, a professora de ciências disse à turma que ninguém era forçado a participar, que isto era uma atividade extracurricular e que se alguém não quisesse podia dizer de livre vontade. E nesse momento, todos os alunos assentiram que queriam participar, levando um papel para casa pedindo a autorização aos pais. Após esta conversa, uns dias depois, ocorreu um ensaio (onde a professora de ciências esteve presente) e onde os alunos demonstraram que efetivamente, não estavam predispostos a realizar a dança,

continuando a não demonstrar qualquer esforço. Um dos pares chegou a ser alterado devido à atitude do aluno G, que se recusava a realizar os movimentos corretos e estava constantemente desconectado com os outros rapazes. Mesmo assim, percebemos que seria difícil que a dança ficasse apresentável e, num ato de tentar emendar este problema, foi proposta uma solução pelo professor cooperante. Esta proposta passava por selecionar um grupo de alunos da turma 7ºH para interpretar a dança.

- **7ºH**

Nota introdutória: A meio do ano tive a oportunidade de passar a assistir às aulas de quinta-feira. Nesse sentido, passei por um processo de observação inicial, tal como procedera no início do estágio, antes de passar à lecionação das respetivas turmas. A tarde de quinta-feira contava com quatro turmas de 7º, no horário das 14h15 às 18h05.

A turma é constituída por 27 alunos (11 rapazes e 9 raparigas), sendo que sete alunos estão no Ensino Articulado, 5 alunas frequentam o Ensino articulado de dança e 2 alunos frequentam o ensino articulado de música. No entanto, uma das alunas do ensino de música assiste às aulas. Ou seja, as aulas contam com apenas 21 alunos da turma.

Devido ao tema das DAC (Domínio de Autonomia Curricular), o professor desenvolveu com eles a música “Ma Navu”. A música foi interpretada na flauta de bisel e, juntamente com a professora de Educação Física, os alunos ensaiaram uma dança. Devido ao empenho da turma na realização da dança e o à vontade que a maioria dos alunos demonstraram na concretização desta atividade pensámos propor-lhes o desafio de realizar a dança medieval. Esta decisão foi tomada em conjunto por mim e pelo professor cooperante, pois, com expliquei atrás, a atitude de alguns alunos da turma 6ºE revelou-se incompatível com o que era proposto.

No fim da aula de dia 23/05, o professor pediu 4 alunos e 4 alunas voluntárias, que se deslocaram para o centro da sala a fim de aprenderem alguns passos da dança. Os alunos acompanharam bastante bem a parte inicial da dança, ensinada por mim, e predispuseram-se a realizar mais ensaios. Assim, foram realizados alguns ensaios com esse grupo de alunos, nos quais estes demonstraram grande entusiasmo e quiseram repetir

várias vezes. Sendo que a apresentação seria no dia 28/05, não restavam muitos dias de ensaio, com o fim-de-semana no meio. No entanto, com a ajuda do professor cooperante a aproximação ao fim do ano letivo, conseguimos que este pequeno grupo tivesse dispensa de algumas aulas a fim de ensaiar. Combinámos ensaio na sexta-feira da manhã seguinte, num intervalo. Os alunos aprenderam depressa, mas era preciso mais tempo e por isso, quando tocou, continuámos a ensaiar com os mesmos durante o período de aulas. Nesse dia tratámos também de outros aspetos respetivos ao concerto como a roupa e fui com as raparigas experimentar os quatro vestidos medievais que foram emprestados por funcionárias e professores (um deles era meu), e esclarecemos toda a roupa para esse dia, inclusive com os rapazes.

Ao longo dos ensaios a minha relação com este grupo de alunos alterou substancialmente. Apesar de ter tido pouco contato com a turma, realizar estes ensaios para uma atuação em público criou um elo de ligação entre mim e a turma.

- **6ºE**

Depois da escolha dos alunos para dançar, surgiu a questão da parte instrumental. Dessa forma, falei com o professor e confessei-lhe que não achava justo castigar toda a turma devido às atitudes de alguns alunos. No geral, a turma era bastante boa e tinha alunos muito empenhados que não mereciam ficar fora do projeto, pois sempre revelaram atitudes louváveis face às tarefas pretendidas. Enalteço a atitude de um dos rapazes escolhido para dançar que, apesar de se mostrar também contrariado com a situação, nunca deixou de realizar a dança corretamente nem de ser educado para com os professores.

Face a esta situação, decidimos que as alunas da turma e dois dos alunos iriam participar na parte instrumental. Nesse sentido, falámos com eles após uma aula e explicámos que apesar de não irem realizar a parte da dança achámos que eles mereciam participar e ficariam todos a tocar instrumentos. Os alunos concordaram, ficando entusiasmados. Estes alunos foram escolhidos pois, os restantes, mesmo os alunos que não estavam a dançar, demonstraram muito pouco interesse na atividade, estando, quase

sempre a conversar durante a música, esquecendo-se por vezes de tocar os instrumentos, sendo necessário mudá-los de lugar constantemente.

Enalteço aqui a atitude duas alunas, que pediram para falar, após as notícias terem sido entregues, dizendo-nos que achavam uma falta de respeito a atitude que os rapazes tinham tido após terem-se comprometido a dançar quando lhes foi dada a hipótese de não o fazer. Outra aluna, que se mostrou sempre exemplar e respeitadora, pediu desculpa, a mim e ao professor, pelo comportamento da turma. Eu agradei à aluna explicando-lhe que, apesar de a atitude dela ser de louvar, esta não tinha feito nada de errado ao longo dos ensaios e não era ela que tinha de pedir desculpa pelas atitudes dos colegas.

- ***A apresentação***

No dia da apresentação as aulas terminaram mais cedo para todos os alunos, pois maior parte da comunidade escolar ia participar nas diversas atividades. Assim, às 16h05, quando tocou, os alunos tiveram dispensa, inclusive a turma 6ºG. Eu e o professor começámos a organizar a atuação de música e dirigimo-nos ao campo, de forma a confirmar se o áudio da canção se ouvia bem, levar os instrumentos todos para a zona da atuação, colocar microfones para os instrumentos, verificar o espaço para a dança e a disposição dos instrumentistas e colocar os vestidos no balneário mais próximo para as raparigas trocarem de roupa na altura. Conseguimos realizar ainda um ensaio com todos antes do espetáculo. Pode ser consultada uma foto da preparação no Anexo H. Este ensaio correu bem, no entanto percebeu-se que o campo de jogos, por ser ao ar livre, não era o melhor local para uma atuação destas. Da mesma forma que, logo a seguir, a orquestra foi tocar, as partituras voaram por todo o lado e o som dispersava muito devido ao vento que estava nesse dia.

Depois dos preparativos, os alunos que iriam participar estavam, em grupo, ao lado do campo de jogos, de modo a que, quando fosse hora de atuar, não se encontrarem dispersos pela escola. Alguns minutos antes da atuação, as alunas foram vestir os fatos e juntaram-se aos colegas. Mesmo antes da atuação ordenei os alunos de 6ºano numa fila, pela ordem de entrada dos instrumentos e os alunos da dança ficaram, já em pares, à

frente, prontos a entrar. A atuação correu muito bem. A pedido dos alunos de 6ºano fiquei agachada ao pé deles para dar as indicações de quando entrar. No fim, todos agradecemos e ficámos a ver as restantes atuações. Neste dia saí da escola às 21h30 e foi um dos dias que mais me marcaram neste estágio. Toda a comunidade escolar esteve envolvida na preparação deste momento e nunca vi tantos alunos tão envolvidos para um objetivo comum. No fim de todas as atuações, seguiu um momento de silêncio em que, de dentro do barco, saiu uma figura encapuçada, que leu um discurso num papiro sobre a importância destas atividades e do envolvimento dos alunos na preparação deste dia e de toda a comunidade escolar, apresentando também este novo projeto que estará em vigor nos próximos três anos. No fim, o capuz foi retirado e apareceu a diretora da escola, mascarada de F.M. Este é um claro exemplo do que esta diretora faz em prol da escola. Não ficando apenas a assistir, mascarou-se também com um fato da época e deu as boas-vindas a este projeto inserindo-se nas atuações.

d) Dia do Agrupamento

No dia do Agrupamento, de manhã, os estagiários e o professor reuniram-se na sala de Educação Musical a fim de preparar a Exposição de Música e Tecnologias (Anexo I). Esta continha diversos aparelhos antigos como gravador de cassetes, colunas, leitores de CD e DVD, entre outros. Eu e a estagiária Filomena arranjámos as mesas e as etiquetas com os nomes de cada aparelho, enquanto o estagiário Miguel e a estagiária Inês C. preparavam as apresentações *PowerPoint* do módulo Música e Tecnologias para passar continuamente.

Entre as 8h30 e as 9h foram chegando membros da tuna, que foram preparando as cadeiras, estantes e os instrumentos. O objetivo era, mais tarde, reunirem-se com os estagiários a fim de tocarmos em conjunto e falar um pouco sobre o que era ser músico e estar em grupos (orquestras, bandas e coros).

Perto das 9h 30 começam a chegar algumas turmas para a exposição. Filomena guia os alunos através da exposição falando um pouco de cada aparelho. No geral, aos alunos gostam e estão atentos, alguns, mais interessados, fazem perguntas e ficam a falar com a estagiária para saberem mais sobre o assunto.

Perto das 11h, os elementos da Tuna chegam e depois de preparado o material começamos a tocar a música “Homem do Leme”, dos Xutos e Pontapés. Eu toquei guitarra, a estagiária Inês C. tocou flauta de bisel e o estagiário Miguel tocou violino. Tanto eu como a estagiária Filomena ajudámos os alunos na parte do canto. Seguidamente, o professor pede para falarmos com os alunos sobre o que é ser músico. Miguel fala sobre o que é estar numa orquestra, Filomena fala sobre o que é cantar em coro e Inês C. fala sobre o que é estar numa banda de sopros. Nesta altura, vários alunos tiveram de sair para outras atividades que estavam a decorrer e eu acabei por não falar.

No fim da manhã, todas as turmas e respetivos professores dirigiram-se para o campo, onde iriam haver algumas atuações, fechando o Dia do Agrupamento. Antes de dar início às mesmas, a Diretora do Agrupamento fez um curto discurso sobre a importância da envolvimento dos alunos nestas atividades, referindo também o dia anterior, e da realização deste tipo de atividades que envolve toda a escola e as diferentes áreas do saber interligando-as.

e) Ídolos

Este ano foi realizada a sétima edição dos Ídolos da escola. O cartaz, elaborado por mim, pode ser visualizado no Apêndice N. Devido ao número de alunos inscritos para o Concurso de Flauta da escola, os professores decidiram realizá-lo, informalmente, logo após a apresentação dos vencedores dos Ídolos, sendo que apenas seis alunos tocaram e o vencedor foi anunciado cerca de cinco minutos depois das atuações. Relativamente aos ídolos, ocorreram dez participações. O concurso foi realizado no auditório da escola, em horário escolar, sendo que o público era composto apenas por amigos/as dos concorrentes, que os vinham apoiar. A apresentação do espetáculo foi realizada por dois alunos do 6º ano, pertencentes à rádio da escola. Estes foram os mesmos alunos que, na manhã da atuação da Ópera, ajudaram a montar o cenário. O júri, composto por mim, a estagiária Inês C. e a professora de música, deliberou após ouvir todas as atuações, chegando a um consenso para os primeiros três prémios. O primeiro lugar foi atribuído, em *ex aequo*, a duas atuações.

Este ano o concurso contou com uma novidade, pois duas das atuações tiveram a presença dos pais dos alunos. Num dos casos, a atuação foi partilhada pela aluna e pelo pai, que, juntos, interpretaram a canção *Shallow*, originalmente interpretada por Lady Gaga e Bradley Cooper. Este pai trouxe a sua própria guitarra e amplificador, na qual acompanhou a filha. O outro caso contou também com uma mãe a acompanhar a filha e também uma amiga, num dueto, com guitarra, da música O Sol, de Vitor Kley. Estas duas atuações foram as vencedoras do primeiro lugar.

4. Plataforma *CantarMais*

No âmbito da Unidade Curricular (UC) Seminário de Orientação da Prática de Ensino Supervisionada (SOPES), lecionada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, o grupo de alunos do 2º ano do Mestrado de Ensino de Educação Musical no Ensino Básico, reuniram-se semanalmente com o Professor Doutor João Nogueira (docente da UC), como intuito de analisar e refletir sobre o papel da plataforma online *CantarMais* na vida de profissionais da música, sejam eles professores, maestros, entre outros. Esta análise foi feita através de um questionário, como será explicado mais à frente. Esta UC, lecionada às terças feiras das 16h às 18h, tinha a duração de um semestre, no entanto realizou-se ao longo de todo o ano, sendo que no 2º semestre foi alterado o seu horário para a mancha das 14h às 16h da tarde.

A plataforma em questão foi desenvolvida pela Associação Portuguesa de Educação Musical (APEM) e disponibiliza, gratuitamente, “ um repertório diversificado de canções . . . com arranjos e orquestrações originais apoiadas por recursos pedagógicos, multimédia e tutoriais de formação” (<https://www.cantarmais.pt/pt/cantar-mais/missao>). No mote deste site são referidos os seguintes aspetos:

- **Fazer do cantar uma experiência central** da aprendizagem e da vida musical das crianças e jovens, proporcionando as condições necessárias para que essa experiência assuma a qualidade e frequência indispensáveis ao seu enriquecimento estético, artístico, social e pessoal na escola e na comunidade.
- **Disponibilizar recursos artísticos e pedagógicos** multimédia e tutoriais de formação para educadores e professores de modo a que a música nas escolas seja

uma realidade para todas as crianças e jovens no âmbito do desenvolvimento de um currículo que proporcione experiências artísticas, musicais, sociais e culturais diversificadas e abrangentes.

- **Incentivar a realização de atividades artísticas e de criação musical** no interior das escolas e das comunidades.
- **Promover atividades artísticas e de criação musical** através de apresentações públicas articulando com instituições de carácter formativo e cultural.
- **Contribuir para a promoção e valorização da língua e da cultura portuguesas** e as suas articulações com diferentes saberes e comunidades, através da música e do cantar.

O site disponibiliza uma diversidade de canções, divididas nas seguintes categorias: Tradicionais; Autor; Mundo, Música Antiga; Fado; Lusofonia; Cante; Teatro Musical/Ciclo de Canções; e oferece para cada uma delas arranjos e orquestrações originais, bem como versões áudio das canções (voz e/ou acompanhamento, entre outros), partituras, análise musical das canções e propostas pedagógicas para o seu ensino, entre outros.

O trabalho em aula incidiu sobre um questionário, como referido acima. Este foi trabalhado ao longo do 1º semestre e mais tarde divulgado ao público-alvo. O questionário em questão, já construído pelos colegas do ano anterior na mesma UC, foi debatido em aula de modo a avaliar todas as questões, analisando em que aspetos estas poderiam ser melhoradas. Foi realizada uma análise no âmbito da Língua Portuguesa e coerência e pertinência das questões. Em aula respondemos a todas as questões em conjunto para perceber se eram claras e se todos as entendiam da mesma maneira.

Este questionário abrange questões relacionadas com a frequência de utilização e utilidade do site *CantarMais*, características gerais dos utilizadores (residência, faixa etária, local/ais de trabalho), competências musicais, relevância do uso da canção/voz nas sua leção e formação, entre outros. Como nos foi informado em aula pelo próprio, a análise dos dados foi realizada pelo Professor Doutor João Nogueira. Estes resultados foram apresentados pelo próprio no III Congresso Internacional Envolvimento dos

Alunos na Escola (CIEAE) em Julho de 2019, numa apresentação visual intitulada “Cantar mais é envolver-se mais?”.

Conclusão

O papel da música na sociedade está em constante mudança. A sua presença, ainda que assídua, tem diferentes propósitos e a educação musical continua a ter de lutar pelo seu papel no currículo.

Numa sociedade em constante transformação, as pessoas são cada vez mais influenciadas pelas duas grandes forças da tecnologia e da economia, afetando a forma como as pessoas vivem e se comportam. Este meio, que rodeia as crianças no seu dia-a-dia, está a afetá-las substancialmente, causando alterações nos seus comportamentos e atitudes. Neste sentido, o papel da música na educação é revisto, neste relatório, numa perspetiva extramusical, refletindo sobre de que maneira a música tem o poder de influenciar a criança a nível cognitivo, emocional e social.

É importante que as crianças aprendam a respeitar, partilhar, brincar, em suma, viver em harmonia com os outros. Assim, “a escola não deve ser só um sítio onde se estuda e se tiram boas notas, deve ser basicamente um local onde se aprende a viver.” (Sampaio, 1996, p. 21).

Este estágio desenvolveu-se num ambiente muito acolhedor, o que facilitou deveras o desenrolar da atividade prática. Contámos sempre com o apoio da direção e do professor na realização de atividades extracurriculares e a escola dispunha de instalações modernas que tornaram possível desenvolver vários tipos de atividades. O papel do professor cooperante foi de facto um marco significativo. A presença assídua, demonstrando-nos que um professor não leciona apenas a sua disciplina. Um professor preocupa-se com os alunos, interage com os outros professores procurando soluções em conjunto para situações problemáticas e tem sempre espaço para aprender. Percebi que esta viagem não se faz sozinha. Um professor aprende refletindo e partilhando as suas experiências (Estanqueiro, 2010). Assim, concluo que o ambiente escolar da prática foi um fator crucial para o desenrolar da mesma.

Para além disso, aprendi que por mais que os alunos demonstrem desinteresse pela disciplina, é preciso incentivá-los e ajudá-los a encontrar aquilo que os motiva. Ser professor é ter esperança no futuro, ser otimista. “Sem optimismo, a profissão de docente não faz sentido [*sic*]” (Estanqueiro, 2010, p.29).

Um dos aspetos menos positivos da prática foi a impossibilidade de estabelecer uma atividade constante com uma turma apenas. No entanto, foi-me possível lecionar diversas turmas, que apresentam diversas características e cada uma me proporcionou com um desafio diferente. Neste sentido, acabou por ser uma mais-valia, pois cada semana refleti sobre o meu desempenho pedagógico, mas tendo sempre em atenção que cada turma reagia de forma diferente às minhas propostas.

Por último, o tema abordado apresenta uma reflexão sobre diversas competências extramusicais do desenvolvimento das crianças. E, a meu ver, a preocupação com os mesmos é deveras importante. Enquanto professora de música, desenvolvi as competências musicais necessárias para realizar a minha profissão, mas este trabalho é pessoal. Depois, resta-me partilhar com os meus alunos as minhas aprendizagens e saberes. Sinto que é o meu dever, enquanto professora, preocupar-me com o bem-estar dos meus alunos. O meu trabalho é com crianças. Trabalhamos em conjunto, descobrimos em conjunto e aprendemos em conjunto. Se os meus alunos não estiverem bem, como posso eu estar? São eles que completam a minha profissão e são eles que fazem de mim o que eu sou: professora.

Referências Bibliográficas

- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação: guia prático e crítico*. Porto: Edições ASA.
- Associação Portuguesa de Educação Musical (2015-2019). *Cantar mais: Missão*. Consultado em julho de 2019, em <https://www.cantarmais.pt/pt/cantar-mais/missao>
- Araújo, M. & Veloso, A. (2016). Música como Prática Social: Uma Reflexão Crítica sobre a Atividade de Educação Musical no 1º Ciclo do Ensino Básico no Âmbito das Atividades de Enriquecimento Curricular. *Revista Portuguesa de Educação Artística*. 6(1). pp. 65-78.
- Barbosa, L.M., Carvalho, J.R., Geraldês, F.C. (1990). *A Formação do Jovem: um modelo interactivo*. Lisboa: Edições ASA.
- Barenboim, D. (2009). *Está tudo Ligado. O Poder da Música*. Lisboa: Editorial Bizâncio, Lda.
- Bluestine, E. (2000). *The Ways Children Learn Music*. Chicago: GIA Publication, Inc.
- Boal-Palheiros, G. (2014). A importância da música no desenvolvimento e na educação das crianças. In J.D.L. Pereira, M.F. Vieites & M.S. Lopes (Coord.), *As Artes na Educação* (pp. 207-221). Chaves: Intervenção - Associação para a Promoção e Divulgação cultural.
- Cury, A. (2004). *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*. Lisboa: Editora Pergaminho SA.

- Cury, A. (2006). *Doze semanas para mudar uma vida*. Lisboa: Editora Pergaminho SA.
- Elias, M.J., Friedlander, B.S., Tobias, S.E. (2000). *Os pais e a Educação Emocional*. Cascais: Pergaminho.
- Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação: o papel dos professores*. Lisboa: Editorial presença.
- Findlay, E. (1971). *Rhythm and Movement: Applications of Dalcroze Eurhythmics*. USA: Summy-Birchard Inc.
- Fonterrada, M.T.O. (2016). *De Tramas e fios: Um ensaio sobre a música e educação*. Brasil: Editora Unesp.
- Freire, P. (2002). *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. Brasil: Paz e terra.
- Gordon, E.E. (2015). *Teoria da Aprendizagem Musical para recém-nascidos e crianças em idade Pré-escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Grout, D. & Palisca, C. (1994). *História da Música Ocidental*. Lisboa: Gradiva.
- Guerra, I. (2002). Fundamentos e processos de uma sociologia da acção. O planeamento em ciências sociais. Cascais: Principia Editora.
- Hallam, S. (2010, agosto). The power of music: Its impact on the intellectual, social and personal development of children and young people. *International Journal of Music Education*. London: University College London.

- Hargreaves, D. (1999). Desenvolvimento musical e educação no mundo social. *Revista Música, Psicologia e Educação* (1), 5-13. Porto: Instituto Politécnico do Porto.
- Kaplan, J.S. (1995). Identifying and Specifying Behaviors. In *Beyond Behavior Modification*. (pp.53-132). Austin, Texas: Pro-Ed.
- Korthagen, F.A.J. (2012). A prática, a teoria e a pessoa na formação de professores. *Educação, Sociedade & Culturas*, (36), 141-158.
- McCourt, F. (2009). *O professor*. Lisboa: Editorial presença.
- Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação. (1991). Programa de Educação Musical (1).
Consultado em julho de 2019, em
http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb_em_programa_2c_i.pdf
- Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação. (2014). *Programa de Educação Musical no Ensino Básico (1º ciclo)*.
Consultado em agosto de 2019, em
http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Expressoes_Artisticas_e_Fisico-Motoras/eb_eafm_programa_1c.pdf
- Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*.
Consultado em agosto de 2019, em
http://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes_Curriculares.pdf
- Neves, A., Amaral, D. & Domingues, J. (2017). 100% Música: 6º Ano Educação Musical. Lisboa: Texto editora.
- Osho (2004). *Inteligência: a resposta criativa*. Cascais: Pergaminho.

- Pereira, C.S., Teixeira, J., Figueiredo, P., Xavier, J., Castro, S.L. & Brattico, E. (2011). Music and Emotions in the Brain: Familiarity Matters. *PLoS ONE*, 6(11).
- Pinheiro, A.C., Silva, L., Albrich, N., Cardoso, T. & Duizith, D. (2017, junho). A influência da música no aprimoramento da inteligência emocional. *Revista Saberes UNIJIPA*, 5 (1), 93-103.
- Portela, L. (2018). *Da ciência ao amor: pelo esclarecimento espiritual*. Lisboa: Gradiva.
- Rhodes, J. (2014). *Instrumental*. Portugal: Alfaguara.
- Rodrigues, H. (2001, novembro). Música, Chocolate para os Ouvidos Elementos para uma reflexão sobre filosofia do ensino da Música. *Revista de la Lista Electrónica Europea de Música em la Educación*. (8).
- Rodrigues, H. (2003). Pequena crónica sobre notas de rodapé na Educação Musical – reflexões a propósito da teoria da aprendizagem musical. In Rodrigues, H., Rodrigues, P. & Nunes, P. (2003). *BebéBabá – da musicalidade dos afectos à música com bebés*. Porto: Campo das Letras.
- In Rodrigues, H., Rodrigues, P. & Nunes, P. (2003). Aspectos sobre desenvolvimento musical de recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar segundo a perspetiva de Edwin Gordon. *BebéBabá – da musicalidade dos afectos à música com bebés*. 37-53. Porto: Campo das Letras.
- Rodrigues, H. & Rodrigues, P.M. (2014). *Arte de Ser Professor. O projeto musical e formativo Grande Bichofonia*. Lisboa: Edições Colibri.
- Sampaio, D. (1996). *Inventem-se novos pais*. Lisboa: Editorial Caminho.

Sloboda, J. (2001, abril). *Emotion, functionality, and the everyday experience of music: where does music education fit?*. Newcastle: Keele University.

Wuytack, J. (1993). Actualizar as ideias educativas de Carl Orff. *Boletim da Associação Portuguesa de Educação Musical*, 76, 4-9.

APÊNDICES

Apêndice A. Aulas lecionadas

Aulas Lecionadas

Ano	Turma	Novembro	Dezembro
6ºano	E	26	
	F	26	
7º ano	A		5*

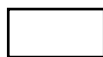
Tabela 1: Aulas lecionadas em par pedagógico no 1º período


*Concerto de Natal

Ano	Turma	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio			Junho	
6º ano	D	22				7	14	21	4	11
	E	28		25	29	6	13	15		
	F	28		25	29	6				
	G	15	22	5					4	11
	B			28		16			13	
	C			27						
	D			28					13	
	E					16			13	
	H					16			13	

Tabela 2: Aulas lecionadas em par pedagógico e aulas lecionadas individualmente no 2º e 3º Período.

Legenda (tabela 2):

 Blocos de 100 minutos

 Blocos de 50 minutos

Negrito – Aulas lecionadas em par pedagógico com um colega de estágio ou com o professor cooperante

Apêndice B. Plano de aula “Cirandeiro” (turmas 6ºD e 6ºG)


PLANO DE AULA

Escola	Turma	Data	Lição	Duração
Escola Básica 2,3	6ºD e 6ºG	22/01	31 e 32	100 minutos
Sumário	Sessão de música e movimento: aprendizagem da canção “Ó Cirandeiro”. Início da aprendizagem da canção “Ó Cirandeiro”.			

Conceitos e Conteúdos programáticos	Competências a desenvolver			Recursos
	Atitudes	Desempenho Musical	Compreensão conceptual	
I RITMO: Pulsação Tempo I/V FORMA: Organizações sonoras elementares; Frase II/III DINÂMICA: <i>Crescendo;</i> <i>Forte, Piano, Mezzo forte</i>	Trabalhar a dinâmica de grupo através da procura de um som de conjunto Trabalhar a coordenação motora em conjunto	Utilizar a voz como recurso interpretativo e de aprendizagem	Compreender os conceitos de dinâmica: <i>Crescendo;</i> <i>Forte, Piano, Mezzo forte.</i> Vivenciar o conceito de pulsação e tempo.	Áudio e vídeo da coreografia da canção “Cirandeiro” Manual Quadro da sala
				Domínios
				Interpretação Audição

Fases da atividade	Descrição das estratégias de concretização	Tempo
Aquecimento Corporal	A professora organiza a turma numa roda no centro da sala. Passo a passo a professora guia os alunos numa série de exercícios: <ul style="list-style-type: none"> Rodar os ombros e a cabeça (separadamente); Inspirar, prendendo os ombros em cima, e depois expirar soltando os braços; 	15 min.

	<ul style="list-style-type: none"> • Espreguiçar o corpo; • Esticar o corpo e depois soltar; • Aquecimento vocal: vocalizos em ah, oh, eh, ih, uh sequência ff, sh sh, s,s, entre os outros. <p>Seguidamente, a professora inicia a seguinte sequência de dinâmicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dinâmica Tche Tche Kule (Anexo 1), em pergunta-resposta. • Dinâmica Halabum (Anexo 2). • Dinâmica dos Nomes: a professora diz o seu nome duas vezes e faz uma percussão corporal (PC) (ex: palmas, estalitos...) duas vezes, seguida do aluno que se encontra no seu lado direito, que dirá o seu nome duas vezes também mais a PC que a professora fez, sendo que desta vez todos os alunos fazem a PC escolhida. Esta sequência segue-se a até todos se terem apresentado. 	
“Ó Cirandeiro	<p>Ainda em roda, os alunos ouvem, sem silêncio, enquanto a professora canta a parte A da canção. Depois, a professora pede aos alunos que balancem para a direita e para a esquerda, nos macrotempos da música, ouvindo novamente enquanto a professora canta. Depois, repete-se a mesma sequência, mas os alunos marcam microtempos nas pernas.</p> <p>A professora pede aos alunos que cantem a parte A da canção com ela e inicia a coreografia: dar as mãos e andar, em roda, para a direita. Depois, realiza a mesma atividade, mas coloca o áudio da canção, parando no fim da parte A, para dar início à aprendizagem da parte B.</p> <p>A professora faz o mesmo processo com as restantes partes (B e C):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Escutar • Escutar marcando os macrotempos • Escutar marcando os microtempos • Cantar e realizar a coreografia • Cantar e realizar a coreografia com o áudio <p>Nota: Coreografia da parte B – de mãos dadas, fazer uma onda com os braços, passando de colega para colega, um de cada vez.</p>	50 min.

	<p>Coreografia da parte C – de mãos dadas os alunos saltitam para o lado direito na primeira frase e para o lado esquerdo na segunda frase.</p> <p>Após esta fase terminada e os alunos realizaram toda a música com coreografia a professora introduz um novo elemento: uma segunda roda no interior da primeira. Sendo assim, a professora seleciona alguns alunos para a roda interior. Esta roda irá, na Parte A, rodar para o lado esquerdo, na Parte B fará o mesmo e na Parte C rodará também no sentido contrário à roda de fora.</p> <p>No fim, os alunos realizam toda a coreografia com o áudio.</p>	
Visualização do vídeo	<p>P pede aos alunos se sentarem à frente dos respetivos lugares, no chão. Depois, os alunos visualizam o vídeo dos alunos do CIUL a cantar a canção “Ó Cirandeiro” (Anexo 3) com a coreografia.</p> <p><i>Nota:</i> a coreografia trabalhada em aula é um pouco diferente devido à dificuldade presente na coreografia original. A coreografia da aula foi adaptada pela professora.</p> <p>De seguida, a professora pede a alguns alunos para lerem em voz alta as informações do livro referentes à canção e ao coro: Biografias: Erica Mandillo e CIUL; ABC da música: Repertório; Curiosidade: Ciranda (Anexo 3).</p>	12 min.
Dinâmicas musicais	<p>Com os alunos sentados no chão em U, virados para o quadro, a professora coloca no quadro os seguintes símbolos:</p> <div style="text-align: center;"> <p><i>p</i> <i>mf</i> <i>f</i></p> <p></p> <p>Crescendo</p> </div> <p>De seguida, a professora pergunta se alguém sabe o que cada letra significa. Depois das respostas, a professora segue cantando a primeira frase em piano e depois em forte. É dada a indicação aos alunos para repetirem. Seguidamente, os alunos seguem uma série de indicações cujo objetivo é trabalhar as dinâmicas articuladas com a canção, jogando com as mesmas e alterando a meio de cada frase. O mesmo é feito com as duas seguintes frases.</p>	18 min.

	Utilizando a frase principal da música (parte A), a professora pergunta quem quer ir ao quadro apontar, fazendo de maestro. Alguns alunos, à vez, vão ao quadro, apontando para as dinâmicas enquanto os colegas cantam a primeira frase com as dinâmicas correspondentes.	
Sumário	A professora pede aos alunos que retirem os cadernos a fim de passarem o sumário. A professora dita o sumário. No fim, os alunos arrumam e saem por filas, pela ordem da professora.	5 min.
AVALIAÇÃO		
Observação direta em sala de aula		
<p>Análise de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os alunos conseguem realizar a coreografia em conjunto num espírito de entreajuda - Os alunos obtêm um som de conjunto - Os alunos participam ativamente na atividade - Os alunos demonstram concentração durante a atividade - Os alunos escutam atentamente enquanto a professora canta e na visualização do vídeo 		
Reflexão		
6ºD		
<p>O início da aula foi bastante agitado. Os alunos não estão habituados a estar fora dos lugares e isso causou mais conversa e agitação. Quando entraram as mesas estavam encostadas à parede para criar mais espaço no meio da sala. Mesmo assim, após formarmos a roda, iniciei uma série de dinâmicas e jogos rítmicos que me permitiram agarrar a turma. Estava apreensiva, pois não tenho qualquer experiência com estas idades e foi a primeira aula que dei no estágio, e logo com movimento. As dinâmicas que fiz costumo usar apenas com 4ºs anos e não sabia bem como os alunos iam reagir. No entanto, estes divertiram-se e foi uma forma animada de iniciar a aula e também de demonstrar um pouco aos alunos o tipo de professora que era e o tipo de aula que pretendia.</p> <p>Senti que tinha de ser concisa nas diretrizes e não lhes dar tempo para começarem novamente na conversa para o lado. A verdade é que muitas vezes os alunos quando estão sentados, apesar de estarem em silêncio, nem sempre estão atentos, mas têm o caderno para desenhar ou então ficam sentados sem fazer nada. No entanto, estando em pé é diferente. A única solução, para além de escutar o professor, é conversar com o colega do lado.</p> <p>A parte da coreografia foi fácil de montar e a turma revelou-se uma boa surpresa no que consta ao canto e ao movimento. Duas das alunas que revelavam mais problemas nas aulas a que assisti, tendo uma delas chegado a ter uma participação disciplinar,</p>		

participaram na atividade com muito entusiasmo. O único problema que surgiu na coreografia foi o facto de, quando pedi para fazer a roda, os alunos revelarem problemas em dar a mão uns aos outros, principalmente entre rapaz e rapariga. O professor zangou-se com a turma e obrigou-os a dar aos mãos independentemente dos problemas que estes estavam a pôr.

O resto da aula decorreu sem problemas, com momentos ocasionais de mais barulho, mas sempre controláveis. A execução musical foi bastante boa e os alunos cantaram afinados. Mais do que isso, senti que se divertiram.

6ºG

À semelhança da aula anterior os alunos demonstraram-se mais agitados devido à disposição da sala, mas como já tinha observado em outras aulas, esta turma tinha mais casos de indisciplina. No entanto, estava a contar que a turma reagisse melhor à aula, pois sabia que tinham tido aulas ao longo do ano com uma estagiária no ano anterior cujas aulas primavam o movimento.

Apesar dos cinco casos de indisciplina, que por vezes foram difíceis de controlar, a aula correu bem e a turma também realizou a atividade com facilidade. Estes alunos já criam mais problemas na formação das duas rodas, metendo-se constantemente com a roda do meio e puxando uns pelos outros. A certa altura estava muito difícil realizar a coreografia toda e tive de retirar os alunos que estavam a criar problemas e ficaram a assistir enquanto os restantes realizaram toda a coreografia com música.

O jogo das dinâmicas, apesar de ter corrido bem, não se desenvolveu como na turma anterior e estes alunos não cantaram tão afinados como o 6ºD.

ANEXOS

Anexo 1



Anexo 2

Halabum tchikabum

Halatchikatchikabum

Halalahalabum

Mais uma vez:

Em chinês; em francês; em inglês; muito grave; muito lento; muito agudo; muito rápido; em segredo; com dúvidas?; a chorar; a rir; em rap.

1

Timbre

Ritmo

Altura

Dinâmica

Forma

 audição

A voz e o movimento

Usar a voz e o corpo como dois elementos interligados e em sintonia é algo natural no ser humano: canta-se com o corpo todo, quer sob o ponto de vista físico (envolvimento da respiração diafragmática, das ressonâncias, etc.), quer sob o ponto de vista psicológico e emocional.

A experiência musical é fundamentalmente sensorial, sendo a expressão corporal uma extensão da expressão vocal. Os movimentos são parte integrante da atividade musical, e as duas são inseparáveis quando não há bloqueios de qualquer ordem.

Não é possível imaginar um músico africano a tocar ou cantar sem que o seu corpo esteja inteiramente envolvido no processo!

Vivenciar através da prática coral e da expressão corporal a imensa variedade de estilos e línguas ao dispor no repertório coral é uma fonte inesgotável de prazer e de aprendizagem.

O desafio é explorar e descobrir novas formas de cantar e interpretar música, qualquer que seja o estilo, o idioma ou a época, usando a curiosidade e a natural predisposição para a descoberta.



Erica Mandillo



Biografias

Erica Mandillo

Maestrina e diretora artística do CIUL. Mestre em Biofísica, realizou o Curso de Canto do Conservatório de Lisboa e o curso de Encenação de Ópera da Fundação Calouste Gulbenkian, tendo efetuado estágio em Paris. Foi membro do Coro Gulbenkian e do Coro do Teatro Nacional de São Carlos, bem como fundadora e diretora artística da Camerata Fiorentina e do Coro Infantil da Universidade de Lisboa. Tem realizado *workshops* para professores de música e diretores corais acerca das novas técnicas de trabalho coral com crianças e jovens, nomeadamente na Casa da Música, no Porto.

CIUL

O Coro Infanto-juvenil da Universidade de Lisboa teve a sua primeira apresentação em 2005 e conta já com mais de 100 atuações, em Portugal e no estrangeiro. O seu repertório é variado, interpretando peças desde música erudita até música étnica e contemporânea. Tem vindo a desenvolver uma nova linguagem em que ao canto se associam a expressão corporal e a expressão teatral.

ABC música

Repertório (ou reportório)

Conjunto ou lista de composições musicais de um cantor, músico ou grupo.

Apêndice C. Plano de Aula “Makumaná”

PLANO DE AULA

Escola	Turma	Data	Lição	Duração
Escola Básica 2,3	6ºD	4/06	63 e 64	100 minutos
Sumário	<p>Aprendizagem da canção “Makumaná” através de imitação rítmica e melódica. Aprendizagem da coreografia por partes.</p> <p>Recapitulação da canção “Chariots of fire” na flauta de bisel.</p> <p>Realização global da coreografia da canção “Makumaná”.</p> <p>Interpretação da peça “Passo Dobrado” com instrumentos de percussão.</p>			

Conceitos e Conteúdos programáticos	Competências a desenvolver			Recursos
	Atitudes	Desempenho Musical	Compreensão conceptual	
I/VII RITMO: Pulsção Tempo; Polirritmia V FORMA: Frase	Trabalhar a concentração Trabalhar a dinâmica de grupo através da procura de um som de conjunto	Utilizar a voz como recurso interpretativo e de aprendizagem Realizar a coreografia em conjunto com a interpretação vocal da canção		Áudio da canção “Makumaná” Vídeo da coreografia “Makumaná” Manual
				Domínios
				Interpretação Audição

Fases da atividade	Descrição das estratégias de concretização	Tempo
Imitação Rítmica	<p>Os alunos ficam nos respetivos lugares e a professora inicia uma sequência de imitação rítmica.</p> <p>Depois, a professora introduz parte da canção Makumaná, da seguinte forma:</p> <p>Realizar 1ª Frase: Nimba, apenas com letra e percussão corporal (ver Anexo 1).</p>	8 min.

	<p>Realizar 2ª Frase: Yembé, apenas com letra e percussão corporal (ver Anexo 2).</p> <p>Realizar 3ª Frase: Makumaná, apenas com letra e percussão corporal (ver Anexo 3).</p> <p>Realizar 4ª Frase: Kolokoloa, apenas com letra e percussão corporal (PC: enrolar braços para a frente por 4 tempos e para trás 4 tempos).</p> <p>No fim, juntar as quatro frases, ainda sem melodia, apenas com letra e percussão corporal.</p>	
Aquecimento Vocal	<p>Os alunos colocam-se em pé atrás das suas cadeiras. A professora inicia um aquecimento corporal e vocal. Depois de rodar ombros, esticar o corpo, entre outros, a professora guia os alunos através de alguns vocalizos.</p>	6 min.
Makumaná	<p>Os alunos continuam em pé, nos seus lugares.</p> <p>A professora pede para apenas escutarem a melodia (Anexo 4). A aprendizagem da melodia da 1ª frase da canção será feita da seguinte forma:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Professora canta a 1ª frase e alunos ouvem • Professora pede para alunos acompanharem • Caso seja necessário repete sozinha • A professora introduz a percussão corporal • Alunos fazem com a professora a melodia mais a percussão corporal <p>Esta sequência serve para as 3 frases restantes.</p> <p>Após este passo, a professora vai juntando frase a frase com os alunos, da seguinte forma:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cantar 1ª frase com melodia e percussão corporal; • Cantar 1ª e 2ª frase com melodia e percussão corporal; • Cantar 1ª, 2ª e 3ª frase com melodia e percussão corporal; • Cantar as 4 frases com melodia e percussão corporal; <p>A professora coloca o áudio da canção e os alunos cantam a música com a percussão corporal correspondente a cada frase.</p>	16 min.
Coreografia: treino por partes	<p>Enquanto os restantes alunos se sentam nos seus lugares, a professora seleciona 7 alunos para irem para o meio da sala. A atividade procede da seguinte forma:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A professora explica aos 7 alunos a coreografia da roda Nimba, enquanto os alunos escolhidos realizam a coreografia no meio da sala, os restantes 	24 min.

	<p>acompanham com a percussão corporal correspondente, sendo que as percussões de cada frase foram trabalhadas na atividade “Makumaná” descrita acima. No fim, os alunos voltam aos lugares.</p> <p>Depois de regressarem aos lugares a professora escolhe 8 alunos para a roda Yembé (6 alunos) e o processo é o mesmo.</p> <p>Após a realização destas etapas para as restantes rodas, Makumaná (6 alunos) e Kolokoloa (7 alunos), todos os alunos estão de volta aos seus lugares.</p> <p>Nota: a coreografia foi adaptada pela professora, sendo que alguns dos movimentos foram inventados pela mesma como substituto a outros do vídeo original.</p> <p>Coreografia de cada roda:</p> <p>Nimba: percussão corporal presente no Anexo 1, em que “estalos com os dedos” é substituído por “palma com os colegas do lado”</p> <p>Yembé: todos os alunos têm os braços para o centro da roda e, de 4 em quatro tempos, colocam o braço direito para fora da roda e depois para dentro novamente.</p> <p>Makumaná: bater com o pé no chão no 1º tempo no centro da roda e marchar durante 7 tempos.</p> <p>Kolokoloa: rolar os braços para a frente (4 tempos), rolar os braços para trás (4 tempos).</p>	
Coreografia Final	<p>Os alunos formam uma grande roda no centro da sala. Guiados pela professora realizam a coreografia que é comum a todos os grupos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nimba: andar na pulsação para o lado direito • Yembé: andar na pulsação para o lado esquerdo • Makumaná: marcar o primeiro tempo com o pé no chão e marchar nos restantes sete. • Kolokoloa: enrolar os braços e desenrolar. <p>Depois, a professora realiza uma dinâmica com o grupo, na qual os alunos devem decorar o seu lugar na roda, andando depois pela sala e, quando a professora fizer sinal, voltar aos seus lugares na roda. Este exercício servirá para treinar a parte inicial da coreografia em que os alunos se encontram num grupo grande antes de, andando na pulsação até aos seus lugares, formarem as quatro rodas, onde irão, inicialmente, realizar a coreografia conjunta. Depois, cada</p>	20 min.

	roda iniciará a sua coreografia específica, sendo que a roda Nimba começa sozinha, estando as restantes rodas em estátua e, de 16 e 16 tempos (uma frase), as outras rodas vão-se juntando.	
Visualização do vídeo	Nos seus lugares, os alunos visualizam o vídeo da coreografia da canção “Makumaná”, interpretada pelo Coro Infantil da Universidade de Lisboa (CIUL). Depois, a professora seleciona alguns alunos para, à vez, lerem, no manual, os espaços relativos à Biografia do autor e ABC da Música.	10 min.
AVALIAÇÃO		
Observação direta em sala de aula		
<p>Análise de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os alunos conseguem realizar a coreografia em conjunto num espírito de entreajuda - Os alunos obtêm um som de conjunto - Os alunos participam ativamente na atividade - Os alunos demonstram concentração durante a atividade - Os alunos escutam atentamente enquanto a professora canta e na visualização do vídeo 		
Reflexão		
<p>Quando cheguei para dar aula vários alunos demonstraram o seu contentamento. Neste dia o professor avisou-me que chegaria atrasado e lecionei os primeiros 50 minutos sozinha na sala com os alunos. No entanto, apesar de alguns momentos de barulho não senti que os alunos se tivessem portado pior devido à ausência do professor.</p> <p>O início da aula decorreu sem problemas e os alunos estiveram motivados e empenhados. Pensei que no aquecimento vocal, em pé, poderia gerar-se mais confusão, mas não. Os alunos gostaram bastante da realização dos vocalizos e a atividade prosseguiu sem problemas. Quando iniciei o treino da melodia, o aluno F começou a destabilizar a aula, fazendo constantemente barulho e provocando a distração de outros dois colegas com quem normalmente falava nas aulas. Dessa forma, e após várias tentativas de o acalmar e integrar de várias maneiras na atividade pedi que este saísse um pouco, ficando sentado à porta da sala. Passados cinco minutos voltou a entrar e infelizmente não se mostrou muito mais calmo. Não sabia bem o que fazer, pois este aluno, apesar das suas atitudes, costumava participar nas minhas aulas, apesar de nunca ficar completamente atento ou calado no lugar.</p> <p>A estratégia de treinar a coreografia por partes, mantendo os restantes alunos sentados, mas ativos na atividade, foi muito positiva. Visto que cada roda tinha a sua coreografia seria muito arriscado levantar todos os alunos e esperar que ficassem em silêncio à espera de ordens.</p>		

Os problemas começaram quando toda a turma foi para o meio e aí senti falta de ter o professor, pois ter duas pessoas a gerir uma turma de 26 alunos numa atividade de movimento é de facto uma mais valia. Ainda tentei realizar uma vez a coreografia com as quatro rodas (ainda sem a parte inicial com a coreografia conjunta), mas foi muito difícil e devido ao barulho pedi que todos se sentassem.

Neste caso, de forma a acalmar os alunos, desliguei as luzes da sala e coloquei-me encostada à secretária do professor à espera de silêncio. Os alunos acalmaram-se e decidi rever a canção Chariots of Fire iniciando um exercício de pergunta-resposta com as frases da música e os alunos cantavam e depois tocavam na flauta. Como o professor chegou nesta altura, a cinco minutos do fim, foi possível ligar o computador da sala de forma a aceder à Aula Digital (até aí tinha colocado o áudio da música Makumaná no telemóvel, ligado às colunas da sala), e os alunos ouviram o Karaoke da música Makumaná acompanhando com as percussões corporais correspondentes a cada frase.

Quando regressámos do intervalo, e para acalmar de novo os alunos, retomei o trabalho sobre a canção Chariots of Fire primeiro. Sendo que tocámos frase a frase na flauta e depois tudo com o áudio com guia. Depois de ter a concentração dos alunos novamente, mostrei então o vídeo da coreografia. Os alunos voltam a acompanhar o karaoke com percussão corporal, mas desta vez cantando também as melodias. Depois, e já contando com a ajuda do professor, os alunos foram para o meio a fim de juntar as quatro rodas. A roda Nimba era composta só por raparigas e não criou qualquer problema, mas eu fiquei na roda Makumaná, onde se encontravam só rapazes e o professor na roda Kolokoloa. Isto ajudou bastante. Nesta fase, expliquei o processo de entrada de cada roda e depois fizemos tudo com áudio. No geral correu bem, para primeira vez, mas havia sempre algum barulho no ar, por parte de alguns rapazes que tinham sempre comentários e brincadeira a fazer entre eles. A turma não se tinha mostrado tão agitada na dinâmica Cirandeiro e apesar de perceber que estavam a gostar desta atividade havia demasiada agitação. A reflexão que faço é que esta aula foi lecionada dia 4 de junho, a penúltima aula de música dos alunos e muito perto do fim do ano-letivo.

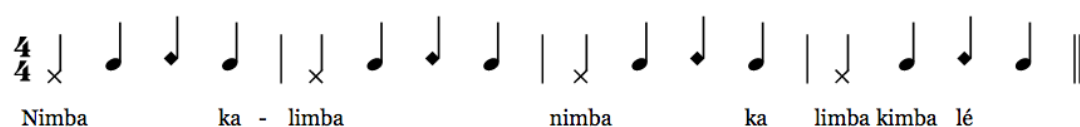
Nesta fase senti que seria arriscado avançar com o treino da coreografia final, que está explicado acima, e como já tínhamos realizado toda a música sem esta parte, que era apenas um complemento, pedi aos alunos que se sentassem nos lugares.

Como ainda faltava algum tempo para acabar a aula e o plano tinha sido feito por mim, sugeri ao professor avançar no manual para a peça seguinte. Assim, seguiu-se a atividade indicada no sumário, sobre a peça Passo Dobrado. O processo foi simples: fiz uma série de ritmos em pergunta resposta com percussão corporal até chegar aos ritmos da peça. Como a primeira linha é feita por palmas e a segunda nas pernas, dividi a turma em dois e fazíamos em pergunta resposta, sendo a forma ABBABBA. Coloquei o áudio e todos acompanhamos com a percussão corporal como indicado. Depois, vou rápido à dispensa e distribuí instrumentos por todos os alunos. A metade que interpreta a parte A fica com pandeiretas e tamborins e a metade correspondente à parte B fica com maracas e reco-reco. Assim, eu faço uma vez cada frase e os alunos repetem com os respetivos instrumentos e depois então coloco o áudio para tocarmos a peça na íntegra, mas com instrumentos. Como muitos dos alunos da parte B se queixaram que também queriam tocar tamborim, adotei uma estratégia realizada noutra aula por uma das minhas colegas, Filomena. Pedi a todos os alunos que se levantassem e ficassem

atrás das suas cadeiras. Depois, deviam colocar os instrumentos na mesa e dar dois passos para o lado esquerdo. Todos os alunos o fizeram e tocámos novamente a canção. Depois, e para que desse tempo para chegarem aos outros instrumentos, deram 5 passos e tocámos novamente. E assim por diante até que toda a turma já tinha experimentado as duas partes e os outros instrumentos. Esta atividade correu muito bem e o fim da aula foi muito divertido.


ANEXOS

Anexo 1



Legenda:

 = Mãos nas pernas


 = Palmas

 = Estalos com os dedos

Anexo 2



Legenda:


 = Palmas

Anexo 3

Percussão Corporal:



Legenda:

 = Pés

Voz(canto rítmico):

Ma ku ma ná Ku ma, ku ma ná Ma ku ma ná ku ma, ku ma né

Anexo 4

Timbre

Ritmo

Altura

Dinâmica

Forma

execução

Escuta o exemplo auditivo.
 Canta a canção, com ou sem cânone, observando a indicação de **sforzato**.

Makumaná
 Música tradicional Africana / Arranjo: Jesús Debón

Sforzato (Sfz)
 Sinal que indica que a nota deve ser fortemente acentuada.
www.100-musica6.te.pt

1 Nim - ba Ka - lim - ba Lim - ba ka - lim - ba kim - ba - lé.
 5 Yem - be ku - lé ku - le - i yem - be ku - le - i - .
 9 Ma - ku - ma - ná Ku - ma, ku - ma - ná Ma - ku - ma - ná Ku - ma, ku - ma - né
 13 Ko - lo Ko - lo - a Ko - lo ko - lo - e ko - lo ko - lo - e ko - lo ko - lo - a.

Biografia
Jesús Debón
 É um pianista e compositor natural de Valencia, Espanha. É pianista acompanhante do coro «Pequeños Cantores de Valencia», entre outros. Compôs a música com que a seleção espanhola de Ginástica Rítmica ganhou a medalha de ouro dos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996.

Apêndice D. Plano de Aula “Akai Hana”

PLANO DE AULA

Escola	Turma	Data	Lição	Duração
Escola Básica 2,3	6ºD	6/05	56	50 minutos
Sumário	Aprendizagem da canção “Akai Hana”. Interpretação da canção na versão Karaoke. Noção de <i>legato</i> e <i>staccato</i> . Audição de exemplos musicais.			

Conceitos e Conteúdos programáticos	Competências a desenvolver			Recursos
	Atitudes	Desempenho Musical	Compreensão conceptual	
II/III/VII DINÂMICA: <i>Crescendo e Diminuendo</i> <i>Forte e Piano</i> <i>Legato e Staccato</i> I/V FORMA: Frase		Utilizar a voz como recurso interpretativo e de aprendizagem Interpretar a canção com as indicações dadas relativas à dinâmica	Compreender os conceitos de dinâmica: <i>Legato</i> e <i>Staccato</i>	Aúdio, vídeo da coreografia e Karaoke da canção “Akai Hana” Piano Manual
				Domínios
				Interpretação Audição

Fases da atividade	Descrição das estratégias de concretização	Tempo
Aquecimento vocal	A professora realiza alguns vocalizos com a turma, em pergunta-resposta. Seguidamente, a professora canta pequenas melodias, semelhantes a algumas sequências de notas encontradas na partitura, introduzindo já a tonalidade da canção. Estas são repetidas pela turma.	6 min.
Akai Hana	A professora (P) canta a primeira frase da canção (Anexo 1) com letra e depois repete em nô. Isto serve para que os alunos	44 min.

	<p>possam aprender a melodia primeiro devido à dificuldade da letra.</p> <p>Cada frase é trabalhada da mesma forma: P canta em nô, alunos repetem.</p> <p>A professora canta a primeira frase em legato e depois em staccato, questionando os alunos da diferença entre as interpretações. Depois de um debate com os alunos, a professora explica os conceitos <i>legato e staccato</i> e pede a um aluno que leia as respectivas definições no manual, presentes na caixa ABC da Música. De modo a consolidar a aprendizagem, a professora realiza algumas melodias, incluindo as frases da música, em cada um dos conceitos e pede à turma que identifique. Depois, realiza uma breve análise da partitura com a turma, identificando os locais onde estão presentes os símbolos de cada um dos conceitos.</p> <p>Seguidamente, a professora inicia o estudo da letra. Em cada frase, a professora pronuncia primeiro a letra como uma lenga-lenga, pedindo aos alunos que repitam. No caso de se revelarem dificuldades em palavras específicas a professora deve isolar essas palavras ou o conjunto e brincar com as mesmas em diversos timbres (grave, agudo...) em pergunta-resposta com os alunos. Após a letra de cada frase estar apreendida a professora junta a melodia. Aqui, a professora tem atenção em pronunciar as palavras em staccato ou legato, conforme indicado na partitura.</p> <p>A professora desloca-se ao piano e acompanha a melodia enquanto canta a primeira frase com letra. Os alunos depois repetem acompanhados da professora. Este trabalho é realizado para todas as frases.</p> <p>Depois de toda a música cantada acompanhada ao piano, a professora inicia o trabalho de dinâmicas, questionando a turma se se lembram de quando aprenderam os conceitos <i>forte, piano e crescendo</i>. Seguidamente, a professora realiza cada frase com as dinâmicas, acompanhada ao piano, e os alunos repetem.</p> <p>Toda a música é interpretada com as indicações anteriormente dadas.</p> <p>A professora prossegue mostrando aos alunos o vídeo da coreografia, frisando que este grupo coral é o mesmo que viram interpretar a canção “Cirandeiro”. Depois, um dos alunos lê a explicação da letra da canção presente na caixa Curiosidades.</p>	
--	--	--

	Por fim, a professora coloca o Karaoke da música para uma última interpretação, podendo assim todos os alunos ler a letra projetada e seguir as indicações da professora.	
AVALIAÇÃO		
Observação direta em sala de aula		
<p>Análise de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os alunos obtêm um som de conjunto - Os alunos participam ativamente na atividade - Os alunos demonstram concentração durante a atividade - Os alunos escutam atentamente enquanto a professora canta e na visualização do vídeo 		
Reflexão		
<p>Senti-me muito bem a lecionar esta aula. Sinto que estava dentro da minha área de conforto, pois primei o uso da voz e do piano, nos quais me sinto muito confortável. Ocorreram alguns momentos de barulho nos quais comecei a contar 3 2 1, primeiro mais alto e depois diminui o volume. A primeira vez não resultou tão bem, mas nas seguintes os alunos já sabiam o que fazer e resultou em silêncio. Mais para o fim da aula estavam mais agitados e numa ocasião, sentada ao piano à espera de silêncio, pressionei várias as teclas graves ao mesmo tempo e esse barulho captou a atenção dos alunos, que se assustaram um pouco, e voltaram a atenção para mim. Quando viram a canção que iam trabalhar, no início da aula, percebi que estavam apreensivos, mas, ao longo do tempo, e quando mais trabalhávamos sobre a canção, a atitude da turma foi mudando. O ensaio da letra tornou-se até divertido. A turma surpreendeu-me muito no que concerne à afinação e à resposta às dinâmicas por mim propostas. Foi com muita alegria que constatei, em dois momentos, que a aula lecionada em Janeiro ainda estava bem presente. Primeiro, ao referir as dinâmicas, lembraram-se automaticamente do jogo de dinâmicas com a canção Cirandeiro. Segundo, quando mostrei o vídeo perguntaram se iríamos também realizar aquela coreografia. Esta foi a primeira aula desde Janeiro que voltei a lecionar a esta turma e senti que a relação não se tinha perdido. Quando me viram perante a turma e perceberam que iria dar a aula vi que ficaram entusiasmados e com alguma curiosidade no que iria ser feito. Outra razão pela qual acho que a aula correu muito bem foi também a minha confiança relativamente à atividade, pois no dia anterior já a tinha lecionado perante outro 6º ano, apesar que de forma diferente.</p>		
ANEXOS		
Anexo 1		

Timbre

Ritmo

Altura

Dinâmica

Forma

[audição](#)

Legato e staccato

Escuta os exemplos auditivos.

Interpreta a canção com a coreografia sugerida no vídeo.

Akai Hana

Música tradicional japonesa

www.100-musica6.te.pt

1 6
A ka i ha na tu n - de a no hi to ni a ge yo a no hi to no ka mi - ni
Shi ro i ha na
13
ko no ha na sa shi te a ge yo a ka i ha na a ka i ha na a no hi to no ka mi ni
Shi ro i ha na Shi ro i ha na
19
sa i te yu re ru da ro o tu ki sa ma no yo__ ni. o tu ki sa ma no yo__ ni__

ABC música

Legato

Execução das notas ligadas, sem silêncio entre elas. Representa-se utilizando a ligadura de expressão.

Staccato

Execução curta das notas, separadas umas das outras. Representa-se com um ponto por cima ou por baixo da nota.

Curiosidade

Esta canção conta a história de um jovem que oferece flores à sua amada. Quando lhe oferece uma flor vermelha (*akai hana*), ela transforma-se no sol. Quando lhe oferece uma flor branca (*shirai hana*), ela fica como a lua.

CADERNO DE ATIVIDADES

p. 38 - GeH


37

Apêndice E. Plano de Aula “Chariots of Fire”

PLANO DE AULA

Escola	Turma	Data	Lição	Duração
Escola Básica 2,3	6ºD	21/05	60	50 minutos
Sumário	Ficha de avaliação de conhecimentos (Parte teórica). Introdução ao estudo da tercina.			

Conceitos e Conteúdos programáticos	Competências a desenvolver			Recursos
	Atitudes	Desempenho Musical	Compreensão conceptual	
I/X RITMO: Pulsação Tempo Três sons iguais numa pulsação V FORMA: Frase		Utilizar a voz como recurso de aprendizagem Interpretar a canção na flauta de bisel	Compreender o conceito de ritmo: tercina	Áudio e guia digital da flauta de bisel da canção <i>Chariots of Fire</i> Flauta de bisel Manual
				Domínios
				Interpretação Audição

Fases da atividade	Descrição das estratégias de concretização	Tempo
Teste de Avaliação	(alunos acabam o teste escrito que iniciaram na hora letiva anterior)	20 min.
Atividade rítmica: Tercina	A professora realiza alguns ritmos: 	5 min.

	A professora vai verificando os manuais de forma a perceber se todos os alunos estão a perceber a atividade, esclarecendo caso haja alguma dúvida.	
<i>Chariots of Fire</i>	<p>A professora atribui a cada fila um dos símbolos e treina a respetiva tercina com a mesma, ou seja, a professora canta e os alunos repetem. A ideia é realizar a música, cantando, sendo que cada fila canta apenas a sua tercina e as restantes notas são completadas pela professora.</p> <p>A professora segue pedindo que os alunos peguem na flauta. A professora canta cada frase da música com nome de notas e os alunos repetem. Neste ponto todos os alunos cantam tudo. Depois, a professora realiza a dedilhação lentamente na flauta cantando com nome de notas e os alunos repetem. Por fim, os alunos são incentivados a tocar as notas na flauta com o acompanhamento da professora. Todas as frases são trabalhadas desta forma.</p> <p>Quando a parte da flauta estiver mais segura por parte dos alunos, a professora coloca o áudio disponível na Aula Digital, que contém uma ajuda visual da partitura.</p>	15 min.
AValiação		
Observação direta em sala de aula		
<p>Análise de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os alunos conseguem executar a tercina com rigor rítmico - Os alunos identificam corretamente as tercinas no manual - Os alunos conseguem executar a música na flauta 		
Reflexão		
<p>A primeira parte desta aula (primeiros 20 minutos), foram ocupados pelo término do teste de avaliação. Por conseguinte, lecionei apenas os últimos 30 minutos, nos quais introduzi a música “Chariots of Fire” na flauta de bisel.</p> <p>A primeira dinâmica correu bem e a turma pareceu entusiasmada por ser eu a lecionar. Alguns alunos ao longo da aula faziam barulho e outros mandavam logo calar e pediam que eles me ouvissem. Voltei a usar duas estratégias que se provaram úteis com esta turma, como contar 3 2 1, sendo que o 1 é silêncio, por vezes quando eles não se calavam brincava e continuava a descer até chegar ao -6 ou -7 e aí os alunos faziam silêncio. A outra estratégia foi a de tocar várias notas graves no piano (que usei por vezes como auxílio na segunda e terceira atividades) ao mesmo tempo.</p> <p>A segunda atividade gerou mais confusão do que estava à espera e face a isso acabei por seguir um rumo um pouco diferente. Depois da identificação das tercinas segui para</p>		

a atividade em que trabalho as melodias em pergunta-resposta. Achei que era preciso agarrar a turma no momento e não lhes dar espaço para iniciarem o barulho novamente. No geral, todas as atividades que se seguiram correram bem e os alunos conseguiram tocar a música com sucesso. Senti que o trabalho rítmico e melódico realizado antes de chegar à flauta fez efeito e foi útil.

Um dos alunos não tinha flauta e dessa forma estava a perturbar bastante a aula (que, mesmo com flauta já era um hábito) e por isso fui à dispensa dos instrumentos e dei-lhe dois paus chineses e pedi que marcasse a pulsação. Esta estratégia acalmou o aluno e envolveu-o na atividade.

Apesar dos momentos de barulho, que iam sendo controlados, mas voltavam a deflagrar, sinto que a aula foi bem-sucedida e o feedback da turma foi bastante positivo.

ANEXOS

Anexo 1

3

Timbre

Ritmo

Altura

Dinâmica

Forma

execução

Tercina

Vais aprender um novo elemento rítmico. A **tercina** é a alteração da divisão binária do tempo (duas colcheias num tempo) para uma divisão ternária (três colcheias num tempo).

Executa a melodia na flauta.

ABC música

Tercina

Elemento rítmico em que três notas ocupam o lugar de duas, ou seja, a divisão da pulsação é feita em três partes iguais.

Chariots of fire

FORMA: INTRODUÇÃO 10 A B A B CODA

www.100-musica6.be.pt

Música: Vangelis

1

A

6

10

B

14

19

CODA

27

Biografia

Vangelis (1943)

Compositor e instrumentista grego com enorme sucesso nos anos 80 e 90, compondo música eletrónica instrumental, especialmente bandas sonoras para filmes. «Chariots of fire» pertence ao filme *Momentos de Glória* (1981), cuja música se tornou indissociável dos Jogos Olímpicos.

48

CADERNO DE ATIVIDADES

p. 41 - D

Apêndice F. Comportamento Aluna M

JANEIRO 15/01

Nota: Uma professora tinha encontrado um pedaço de um teste de música rasgado no chão, onde se podia ver a turma e o primeiro nome da aluna, e entregou ao professor cooperante, que o guardou, com o intuito de confrontar a aluna.

Antecedente	Comportamento	Consequente
A aluna tinha realizado na semana anterior um teste de avaliação, cuja nota tinha sido negativa	Aluna M tinha rasgado um pedaço do teste de música.	O professor tomou conhecimento do que a aluna fizera
O professor (P) tomou conhecimento do que a aluna fizera e resolveu confrontá-la pedindo-lhe para ver o teste, pois precisava de verificar uma coisa	A aluna M diz que está em casa	P pede para a aluna trazer o teste na semana seguinte
P pede para a aluna trazer o teste na semana seguinte	Aluna M diz que sim	Na semana seguinte P pede o teste
Na semana seguinte P pede o teste	Aluna M diz que não sabe onde ele está	P mostra à aluna o pedaço do teste
P mostra à aluna o pedaço do teste	Aluna M fica sem palavras	P pergunta porque é que ela agiu assim
P pergunta porque é que ela agiu assim	Aluna M diz que não sabe	P diz que desta vez não fará nada, mas da próxima pode não ser tão benevolente

JANEIRO 22/01

Antecedente	Comportamento	Consequente
Início a leção da aula Cirandeiro	Aluna M demonstra a sua atitude normal em aula inicialmente	Continuo a aula
Continuo a aula	Aluna começa, aos poucos, a participar mais	Peço aos alunos que se desloquem para o centro da sala e começo a treinar a coreografia e a canção
Peço aos alunos que se desloquem para o centro da sala e começo a treinar a coreografia e a canção	Aluna realiza a coreografia sem problemas, ajudando os colegas e canta sempre a melodia	Elogio a aluna a sua performance
Elogio a aluna a sua performance	A aluna M mantém a boa disposição e participação ativa durante toda a atividade	Continuo a aula até ao fim

FEVEREIRO

Nota: Não assisti a esta aula, mas soube da ocorrência através do professor.

Antecedente	Comportamento	Consequente
O professor (P) está a lecionar uma aula	Aluna M está completamente distraída e a escrever no caderno	P aproxima-se e ao ver o caderno da aluna apercebe-se de que ela está a desenhar
P aproxima-se e ao ver o caderno da aluna apercebe-se de que ela está a desenhar	Aluna M tenta esconder	P retira o caderno à aluna, com intuito de mostrar o tipo de desenhos à diretora de turma
P retira o caderno à aluna, com intuito de mostrar o tipo de desenhos à diretora de turma	Aluna M sente-se injustiçada, mas não age	P marca participação disciplinar à aluna por todas as atitudes que vinha a revelar há já algumas aulas, incluindo os desenhos desta aula

MAIO 14/05

Antecedente	Comportamento	Consequente
Chego à porta da sala de aula	Aluna M pergunta se sou eu que vou dar a aula	Respondo que não sei
Respondo que não sei	Aluna demonstra-se triste e diz-me que estou a música Akai Hana	Fiquei surpreendida e elogiei o esforço dela
Fiquei surpreendida e até lhe perguntou “A sério?” num tom de brincadeira	A aluna respondeu-me entusiasmada que tinha mesmo estudado	Elogiei o esforço dela
Antecedente	Comportamento	Consequente
Um aluno está a tentar chegar ao seu lugar por entre as cadeiras	A aluna M balança a cadeira para trás e não deixa o aluno passar	O professor vê a situação e diz à aluna para se sentar corretamente
O professor vê a situação e diz à aluna para se sentar corretamente	A aluna M ignora o professor	O colega começa a irritar-se e implica com a aluna
O colega começa a irritar-se e implica com a aluna	A aluna mantém o que está a fazer	O colega irrita-se mais com ela
O colega irrita-se mais com ela	Cruzo o olhar com ela, da cadeira onde assisto à aula, e com o olhar digo-lhe que deixe o colega passar porque já chega	A aluna senta-se normalmente e deixa o colega passar

Apêndice G. Plano de Aula “Cirandeiro” (turmas 6ºE e 6ºF)

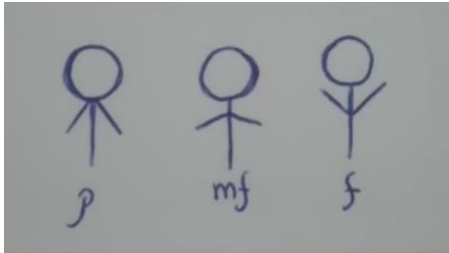
PLANO DE AULA

Escola	Turma	Data	Lição	Duração
Escola Básica 2,3	6ºE /6ºF	28/01	33 e 34	100 minutos
Sumário	<p>Jogo rítmico como exercício preparatório para reconhecimento das dinâmicas presentes na canção “Cirandeiro”.</p> <p>Início da aprendizagem da canção “Cirandeiro”.</p> <p>Visualização do vídeo coreográfico da canção.</p> <p>Aprendizagem da dança da canção “Cirandeiro”.</p> <p>Reconhecimento da forma musical da peça “Marcha do bailado Quebra-Nozes”.</p>			

Conceitos e Conteúdos programáticos	Competências a desenvolver			Recursos
	Atitudes	Desempenho Musical	Compreensão conceptual	
<p>I RITMO: Pulsação Tempo I/V FORMA: Organizações sonoras elementares; Frase II/III DINÂMICA: <i>Crescendo;</i> <i>Forte, Piano,</i> <i>Mezzo forte</i></p>	<p>Trabalhar a dinâmica de grupo através da procura de um som de conjunto Trabalhar a coordenação motora em conjunto</p>	<p>Utilizar a voz como recurso interpretativo e de aprendizagem</p>	<p>Compreender os conceitos de dinâmica: <i>Crescendo;</i> <i>Forte, Piano,</i> <i>Mezzo forte.</i></p>	<p>Áudio da canção “Cirandeiro” Quadro Manual</p>
				Domínios
				Interpretação Audição

Fases da atividade	Descrição das estratégias de concretização	Tempo
Jogo dos Quadrados - Inês	A professora coloca um quadrado no quadro com um traço na diagonal. Seguidamente, indica aos alunos	12 min.

	<p>que devem bater uma palma quando apontar para o respetivo quadrado.</p> <p>A professora explora algumas vezes esta ação até que toda a turma responda em uníssonos.</p> <p>Depois, a professora desenha outro quadrado, mas com dois traços. Este corresponde a duas palmas. Segue-se a mesma estratégia.</p> <p>Ao longo do jogo a professora vai colocando quadrados no quadro com símbolos que correspondem a “mãos nas pernas”, pé no chão, dizer “iupi” enquanto se levanta os braços no ar, fazer “sh”, fazer silêncio (quadrado em branco), “mãos no peito”, entre outros. Os símbolos e os sons são introduzidos ao critério da professora. Sempre que é introduzido um quadrado novo a professora aponta para esse e para os restantes durante algum tempo antes de introduzir um novo.</p> <p>NOTA 1: Pode ser visualizado um esquema do jogo no Anexo 1.</p> <p>A professor pode pedir aos alunos para sugerirem ideias de sons para o jogo.</p>	
<p>Dinâmicas - Filomena</p>	<p>A professor realiza a lenga-lenga “Era uma vez um homem” (Anexo 2), da primeira vez em <i>piano</i> e da segunda em <i>forte</i>. Seguidamente, questiona os alunos sobre as diferenças entre as duas, escrevendo depois no quadro:</p> <p style="margin-left: 40px;">1- <i>piano</i> 2- <i>forte</i></p> <p>Alunos aprendem a lenga-lenga num jogo de pergunta-resposta.</p> <p>A professora segue desenhando o seguinte esquema no quadro:</p> <div style="text-align: center; margin: 20px 0;"> <p><i>p</i> <i>mf</i> <i>f</i></p> <p style="font-size: 2em;">< ></p> <p>Crescendo Diminuendo</p> </div> <p>Professora vai apontando para os alunos entoarem a lenga-lenga na respetiva dinâmica.</p>	<p>15 min.</p>

	<p>De seguida, a professora utiliza os braços como forma de expressar as dinâmicas. Mais uma vez, os alunos dizem a lenga-lenga seguindo as dinâmicas.</p> 	
<p>“Cirandeiro” – Inês e Filomena</p>	<p>A professora Filomena pede a atenção dos alunos para a página 19 do manual, onde realiza uma análise oral da partitura com os alunos. Foram observados aspetos como o compasso, as dinâmicas, os termos (<i>Da Capo</i>, <i>poco a poco</i>) e as figuras musicais.</p> <p>A professora Inês introduz a canção cantando a parte A da mesma enquanto os alunos escutam, em silêncio (Anexo 3).</p> <p>Seguidamente, os alunos devem seguir no livro enquanto escutam novamente a parte A. Depois, os alunos cantam com a professora. Segue-se o mesmo processo para as restantes partes.</p> <p>Quando as três partes da canção tiverem apreendidas, os alunos serão convidados a deslocar-se ao centro da sala e formar uma roda.</p> <p>A professora Inês pede aos alunos que cantem a parte A da canção com ela e depois esta inicia a aprendizagem coreografia da parte A: dar as mãos e andar, em roda, para a direita. Depois, realiza a mesma atividade, mas coloca o áudio da canção, parando no fim da parte A, para dar início à aprendizagem da parte B.</p> <p>A professora faz o mesmo processo com as restantes partes (B e C):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cantar com a professora juntando a coreografia • Cantar e realizar a coreografia para consolidar • Cantar e realizar a coreografia com o áudio <p>Nota: Coreografia da parte B – de mãos dadas, fazer uma onda com os braços, passando de colega para colega, um de cada vez.</p>	<p>45 min.</p>

	<p>Coreografia da parte C – de mãos dadas os alunos saltitam para o lado direito na primeira frase e para o lado esquerdo na segunda frase.</p> <p>Esta etapa conta sempre com o apoio da professora Filomena, que auxilia no cumprimento da coreografia.</p> <p>Após esta fase terminada e os alunos realizaram toda a música com coreografia a professora introduz um novo elemento: uma segunda roda no interior da primeira. Sendo assim, a professora seleciona alguns alunos para a roda interior. Esta roda irá, na Parte A, rodar para o lado esquerdo, na Parte B fará o mesmo e na Parte C rodará também no sentido contrário à roda de fora. Aqui, as professoras dividem-se, ficando uma em cada roda.</p> <p>No fim, os alunos realizam toda a coreografia com o áudio.</p>	
Visualização do vídeo – Inês e Filomena	<p>A professora Inês pede aos alunos para regressarem aos lugares. Depois, os alunos visualizam o vídeo dos alunos do CIUL a cantar a canção “Cirandeiro” com a coreografia.</p> <p>Nota: a coreografia trabalhada em aula é um pouco diferente devido à dificuldade presente na coreografia original. A coreografia da aula foi adaptada pela professora Inês.</p> <p>De seguida, as professoras pedem a alguns alunos para lerem em voz alta as informações do livro referentes à canção e ao coro: Biografias: Erica Mandillo e CIUL; ABC da música: Repertório; Curiosidade: Ciranda (Anexo 3).</p>	10 min.
Dinâmica “Marcha Quebra-Nozes” - Filomena	<p>A professora Filomena realiza a lenga-lenga presente no Anexo 4.</p> <p>O processo de aprendizagem segue a seguinte ordem: professora faz frase 1 e alunos repetem. O mesmo é aplicado às restantes frases. Depois, a professora coloca o áudio, correspondente à obra de Tchaikovsky, Marcha Quebra-Nozes e realiza, com os alunos, o canto rítmico acompanhado do áudio.</p> <p>Nota: Dinâmica retirada do livro “Curso de Pedagogia Musical 1º Grau” de Jos Wuytack.</p> <p>No fim, de forma a consolidar a atividade, a professora coloca o áudio novamente, e realiza novamente toda a dinâmica.</p>	12 min.

Sumário	A professora Filomena dita o sumário aos alunos. Seguidamente, os alunos saem por filas.	6 min.
AVALIAÇÃO		
Observação direta em sala de aula		
<p>Análise de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os alunos conseguem realizar a coreografia em conjunto num espírito de entreajuda - Os alunos obtêm um som de conjunto - Os alunos participam ativamente na atividade - Os alunos demonstram concentração durante a atividade - Os alunos escutam atentamente enquanto a professora canta e na visualização do vídeo 		
Reflexão		
6ºE		
<p>O jogo dos quadrados foi uma dinâmica muito bem sucedida. A turma gostou bastante e o resultado rítmico foi muito preciso. A turma estava concentrada e conseguiram obter um som ritmicamente coeso.</p> <p>Relativamente à segunda dinâmica, a resposta também foi positiva e os alunos revelaram facilidade em entender os conceitos.</p> <p>No início da abordagem à canção “Cirandeiro”, os alunos estão em silêncio, mas aos poucos a atividade foi gerando mais excitação e ruído. Nesta etapa ocorreu uma alteração, na qual a professora Filomena colocou um áudio no Youtube com apenas a melodia cantada por um soprano para que os alunos escutassem a música a integra a uma só voz. Apesar de eu ter cantado para os alunos frase a frase e ter ensinado a canção, como estava bastante doente neste dia, a minha colega achou melhor utilizar o áudio como auxílio para que não tivesse de repetir várias vezes a canção, que se encontra, por vezes, num registo agudo. Como apenas eu conhecia bastante bem a canção e tinha ficado estipulado ser a minha parte da aula, a minha colega recorreu a esta estratégia. Enquanto eu cantava frase a frase e os alunos repetiam, a turma manteve-se atenta, com exceção de alguns rapazes que começaram aos poucos a criar conversas paralelas. No entanto, quando foi pedido para se colocarem no centro da sala a fim de iniciar a aprendizagem da coreografia, o entusiasmo aumentou e o barulho também. Apesar disso, esta atividade decorreu, no geral, sem grande dificuldade. O problema maior foi, ao dar aos mãos, a reação dos alunos perante este pedido, querendo ficar rapaz com rapaz e rapariga com rapariga, escolhendo os colegas que tinham ao lado. Depois de uma intervenção do professor cooperante face aos desentendimentos criados e a introdução deste e dos restantes estagiários na roda, prosseguimos a atividade. Quando chegou a altura de criar duas rodas surgiram novos problemas, pois alguns alunos insistiam em dar pontapés nos colegas da roda do meio. Após várias repreensões por parte dos professores e apesar de os estagiários estarem espalhados</p>		

pelas rodas, o comportamento não se alterou, sendo que, depois da realização da coreografia uma vez com alguns percalços, os alunos retomaram os seus lugares.

Após a retoma aos lugares os alunos acalmaram-se e quando a professora Filomena iniciou a atividade final já a turma estava em silêncio. Esta dinâmica foi bem recebida pelos alunos e, à semelhança do jogo rítmico inicial, demonstraram uma coesão de grupo no entoamento da lenga-lenga.

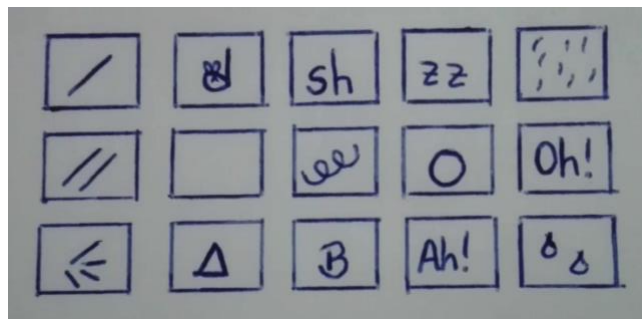
6°F

O desenvolvimento da aula foi igual para as duas turmas. Esta turma revelou-se mais conversadora, no geral, ao longo da aula. O facto de existirem alguns alunos mais indisciplinados dificultou o desenrolar da parte coreográfica. Neste sentido, e à semelhança do que aconteceu na turma 6°G, os alunos estavam constantemente a dar pontapés na roda interior e foi necessário realizar uma pausa para sentar os alunos no chão, em roda, durante alguns minutos. No entanto, foi possível realizar a dança até ao fim, ainda que o resultado final não tenha ficado como esperado.

A reação à atividade final foi muito positiva e a estagiária Filomena conseguiu entusiasmar muito a turma.

ANEXOS

Anexo 1



Anexo 2

<p>E - ra u - ma vez um ho - mem</p>	<p>Que mo - ra - va nu - ma'al - dei - a</p>
<p>E que nun - ca ti - nha fo - me</p>	<p>Quan - do de bar - ri - ga chei - a</p>

Anexo 3



A voz e o movimento

Usar a voz e o corpo como dois elementos interligados e em sintonia é algo natural no ser humano: canta-se com o corpo todo, quer sob o ponto de vista físico (envolvimento da respiração diafragmática, das ressonâncias, etc.), quer sob o ponto de vista psicológico e emocional.

A experiência musical é fundamentalmente sensorial, sendo a expressão corporal uma extensão da expressão vocal. Os movimentos são parte integrante da atividade musical, e as duas são inseparáveis quando não há bloqueios de qualquer ordem.

Não é possível imaginar um músico africano a tocar ou cantar sem que o seu corpo esteja inteiramente envolvido no processo!

Vivenciar através da prática coral e da expressão corporal a imensa variedade de estilos e línguas ao dispor no repertório coral é uma fonte inesgotável de prazer e de aprendizagem.

O desafio é explorar e descobrir novas formas de cantar e interpretar música, qualquer que seja o estilo, o idioma ou a época, usando a curiosidade e a natural predisposição para a descoberta.



Erica Mandillo



Biografias

Erica Mandillo

Maestrina e diretora artística do CIUL. Mestre em Biofísica, realizou o Curso de Canto do Conservatório de Lisboa e o curso de Encenação de Ópera da Fundação Calouste Gulbenkian, tendo efetuado estágio em Paris. Foi membro do Coro Gulbenkian e do Coro do Teatro Nacional de São Carlos, bem como fundadora e diretora artística da Camerata Fiorentina e do Coro Infantil da Universidade de Lisboa. Tem realizado workshops para professores de música e diretores corais acerca das novas técnicas de trabalho coral com crianças e jovens, nomeadamente na Casa da Música, no Porto.

CIUL

O Coro Infanto-juvenil da Universidade de Lisboa teve a sua primeira apresentação em 2005 e conta já com mais de 100 atuações, em Portugal e no estrangeiro. O seu repertório é variado, interpretando peças desde música erudita até música étnica e contemporânea. Tem vindo a desenvolver uma nova linguagem em que ao canto se associam a expressão corporal e a expressão teatral.

ABC música

Repertório (ou reportório)

Conjunto ou lista de composições musicais de um cantor, músico ou grupo.

Timbre

Ritmo

Altura

Dinâmica

Forma



execução

Piano, mezzo forte, forte e crescendo

Interpreta a canção com a coreografia sugerida no vídeo.

Cirandeiro

Canção popular brasileira



www.100-musica6.te.pt

1 *mf* 5

Ó Ci-ran - dei - ro, Ci-ran-dei-ro Ô! A pe-dra do seu a - nel bri - lha mais do que o

8 *mf* 1. 2. 3.

sol! Ó Ci-ran - dei - ro, Ci-ran-dei-ro Ô! A pe-dra do seu a - nel bri-lha mais do que o sol! Ó Ci-ran - sol!

14 *p* *mf* *mf* 2^o *cresc. poco a poco* *f*

Co-mo é bem bo - ni - to, meu a-mor can - tar! A ci-ran-da gi-ra! Ó Ci-ran - dei-ro, vem ci-ran - dar! Es - ta ci

22 1. 2. D.C. e sobe 1 nota

ran-da quem me deu foi Li - a, que mo-ra na I - lha de I-ta ma-ra-cá! Es-ta ci - lha de I-ta ma-ra-cá!

28 3

Ó Ci-ran - dei - ro, Ci-ran-dei-ro Ô! A pe-dra do seu a - nel bri-lha mais do que o sol! Gi-ra Ci-ran-dei-ro

36 *ff*

Ô! Bri-lha mais do que o sol! Gi-ra Ci-ran-dei-ro Ô! Gi-ra Ci-ran-dei-ro Ô! Ó Ci-ran - dei-ro, Ci-ran-dei-ro Ô!



Curiosidade

Ciranda

A ciranda é uma dança de roda brasileira dançada por crianças e por adultos (especialmente na região do Nordeste/Pernambuco). Na sua origem era dançada na praia e litoral, e posteriormente nas localidades do interior do Brasil. Os cirandeiros e cirandeiras são os participantes e o mestre cirandeiro é quem dirige a dança e improvisa versos, acompanhado por músicos que geralmente estão dentro da roda.

ci

Apêndice H. Plano de Aula “Dança Russa”

PLANO DE AULA

Escola	Turma	Data	Lição	Duração
Escola Básica 2,3	6ºE e 6ºF	25/03	48	50 minutos
Sumário	Dinâmicas corporais com associação a diferentes ritmos. Atividade de audição com acompanhamento de instrumentos Orff da obra: Dança Russa de Tchaikovsky.			

Conceitos e Conteúdos programáticos	Competências a desenvolver			Recursos
	Atitudes	Desempenho Musical	Compreensão conceptual	
I/II/V RITMO: Pulsção, Tempo; Accelerando; Padrões rítmicos. I/V FORMA: Organizações sonoras elementares; Frase.	Trabalhar em conjunto nos grupos de instrumentos e no todo Desenvolver um som ritmicamente coeso Trabalhar a concentração	Executar as sequências rítmicas propostas Executar os ritmos propostos nos instrumentos Orff	Compreender a estrutura da obra através da interpretação da mesma Compreender o termo accelerando através da interpretação da peça	Áudio do excerto da peça Dança Russa de Tchaikovsky Instrumentos Orff: clavas, tamborins, maracas, reco-reco, pandeiretas e guizeiras
				Domínios
				Interpretação Audição

Fases da atividade	Descrição das estratégias de concretização	Tempo
Dinâmicas corporais	Professora começa por realizar diversas dinâmicas corporais em pergunta-resposta, utilizando palmas, pés, pernas, estalitos, voz entre outros.	4 min.
Jogo dos quadrados	O professor coloca um quadrado no quadro com um traço na diagonal. Seguidamente indica aos alunos que	8 min.

	<p>devem bater uma palma quando este apontar para o respectivo quadrado.</p> <p>O professor explora algumas vezes esta ação até que toda a turma corresponda em uníssono.</p> <p>Depois, o professor desenha outro quadrado, mas com dois traços. Este corresponde a duas palmas. Segue-se a mesma estratégia.</p> <p>Ao longo do jogo o professor vai colocando quadrados no quadro com símbolos que correspondem a “mãos nas pernas”, pé no chão, dizer “iupi” enquanto se levanta os braços no ar, fazer “sh”, fazer silêncio (quadrado em branco), “mãos no peito”, entre outros. Os símbolos e os sons são introduzidos ao critério do professor. Sempre que é introduzido um quadrado novo o professor aponta para esse e para os restantes durante algum tempo antes de introduzir um novo.</p> <p>Nota 1: Pode ser visualizado um esquema do jogo no Anexo 1.</p> <p>Nota 2: O professor pode pedir aos alunos para darem ideias de sons para o jogo.</p>	
Pauta Alternativa	<p>O professor desenha no quadro uma pauta/partitura alternativa. Esta consiste em quatro quadrados alinhados, como pode ser consultado no Anexo 2.</p> <p>Nesta parte, o professor explica que cada quadrado corresponde a um tempo, sendo que existem 4 tempos em cada linha.</p> <p>O professor coloca o símbolo da palma em cada quadrado.</p> <p>Seguidamente, o professor pede aos alunos que executem os quatro tempos em palmas. Primeiro, o professor dá o tempo e depois de dar entrada vai apontando para cada quadrado na pulsação.</p> <p>O professor vai acrescentando filas de quatro quadrados até ter 4 filas.</p> <p>Quando o quadro final estiver completo o professor vai trocando símbolos de forma a dificultar o jogo (Anexo 3).</p>	8 min.
Dança Russa	<p>A professora coloca os ritmos presentes na música no quadro. Depois, toca em cada instrumento o ritmo correspondente, sem ser pela ordem em que aparecem na música, e os alunos devem indicar a que instrumento</p>	30 min.

	<p>pertence cada ritmo. A professora coloca o símbolo de cada instrumento atrás do ritmo correspondente.</p> <p>Depois, a professora seleciona um grupo de alunos que se vai sentar no chão no meio da sala, com um respetivo instrumento, por exemplo, o grupo das clavas. Esse grupo faz o ritmo correspondente ao instrumento, no próprio. Os restantes colegas ajudam com percussão corporal. Este grupo representa a parte A1. Depois, a professora chama mais um grupo (parte A2), para realizar a mesma tarefa, mas com outro ritmo. Aqui, a professora vai colocando as letras das partes no quadro e pergunta aos alunos qual a diferença entre A1 e A2. Resposta: o ritmo é o mesmo, mas os instrumentos são diferentes (Anexo 4). A professora junta a frase A2 à frase A1. O mesmo processo é realizado para a parte B, C e A3, sendo sempre acrescentadas às secções anteriores. No fim, todos os alunos estão dispostos no chão, por secções. A secção final, Tutti, é treinada uma vez com todos, sendo que todos os instrumentos fazem o mesmo ritmo em <i>acellerando</i>. A professora escreve este termo no quadro e explica aos alunos o seu significado. A professora coloca a música, sendo a primeira vez apenas escutada. Depois, os alunos tocam os instrumentos por ordem: A1, A2, B, C, A3, Tutti.</p> <p>Repete-se a música de forma a consolidar a aprendizagem.</p>	
AVALIAÇÃO		
Observação direta em sala de aula		
<p>Análise de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os alunos conseguem interpretar a peça num clima de grupo e entreajuda - Os alunos participam ativamente na atividade - Os alunos demonstram concentração durante a atividade - Os alunos são capazes de executar os padrões rítmicos propostos - Os alunos são capazes de interpretar a obra com um som ritmicamente coeso 		
Reflexão		
6ºE		

Esta aula foi particularmente difícil para mim e, quando cheguei ao fim, questioneei mesmo o meu futuro enquanto professora de música de 2º ciclo. O início correu bastante bem e o Jogo dos Quadrados resultou de forma muito dinâmica e fluída. Quando cheguei à pauta alternativa os alunos demonstraram uma precisão rítmica em conjunto muito boa e fiquei surpreendida com a sua prestação. No entanto, assim que retirei os alunos dos lugares e lhes coloquei logo instrumentos na mão gerou-se o caos. Os alunos que já estavam sentados no chão estavam sempre na conversa, sem mostrar qualquer indício de que eu estivesse sequer presente. Por mais que chamasse à atenção pareciam não querer saber. Os rapazes, de grupos diferentes, aproveitaram este momento para ir falando e brincando uns com os outros. Segui a aula, mas sempre com imensa vontade de parar e sair para me acalmar. No entanto, respirei fundo e tentei sempre que eles percebessem que este comportamento não era aceitável retirando mesmo o instrumento a um aluno que insistia em tocar após várias repreensões da minha parte dizendo que não deviam tocar sem ser quando eu mandasse. Não me alheio ao facto de estar a lidar com alunos de 6ºano, com 11 anos de idades e, neste caso, rapazes (as raparigas estavam mais calmas), mas não deixam de haver regras de sala de aula para cumprir e um professor que só pode dar indicações e guiar a atividade se tiver a atenção dos alunos. Ao refletir durante o intervalo que se seguiu e nos primeiros 50 minutos da aula seguinte (6ºF) sobre o que se passou, decidi adotar algumas mudanças, as quais estão explicadas na reflexão abaixo. O professor cooperante também falou um pouco comigo no intervalo dizendo que não devia deixar que eles fizessem barulho e que era importante mostrar, sem medos, que eles tinham de me obedecer para que as coisas corresse bem. O professor e os meus colegas perceberam logo ali que estava muito desanimada e o professor referiu que a atividade tinha corrido bem e estava bem planeada, mas aconselhou-me a não permitir que qualquer atividade avançasse com barulho e sugeriu que colocasse a música um pouco mais cedo na aula para que os alunos se entusiassem mais.

6ºF

A aula foi iniciada da mesma forma que a anterior e a resposta da turma foi bastante positiva. No entanto, logo a seguir às dinâmicas corporais realizei os ritmos pertencentes à peça musical a ser trabalhada. Assim, fiz o ritmo da parte A com percussão corporal e depois o ritmo da parte B, como demonstrado abaixo:



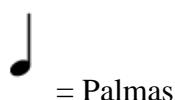
Legenda:



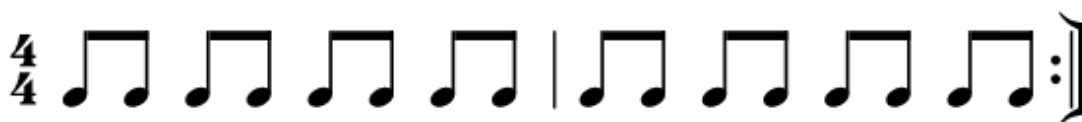
= Mãos nas pernas



Legenda:



Seguidamente, coloquei a música e fiz com os alunos a parte A1 e A2 com percussão corporal e música. Segui o mesmo processo para o resto da música, realizando as partes B, C e A3 com percussão corporal, como demonstrado abaixo:



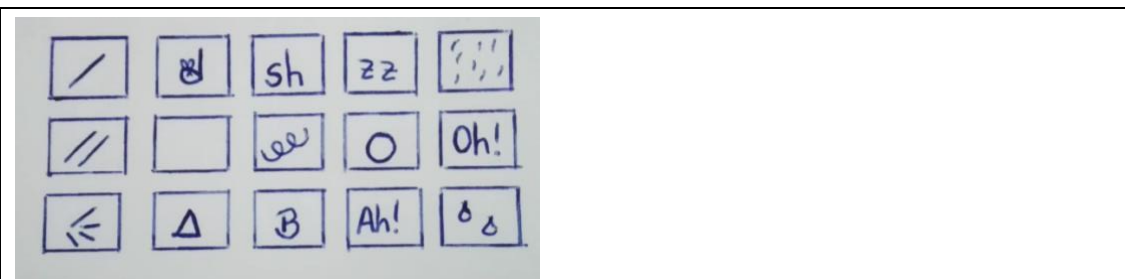
Legenda: Percussão no peito continua

Depois coloquei a música e realizei toda a música com os alunos apenas com a percussão corporal que associei a cada parte. Esta etapa, com a percussão corporal, estruturou muito melhor, tanto para os alunos como para mim, o que se seguia e revelou-se muito útil.

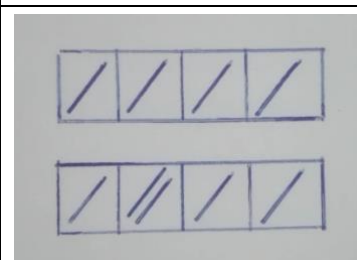
A seguir, realizei a atividade Jogo dos quadrados e pauta alternativa, que correram como previsto e só depois voltei à obra a trabalhar. Voltámos a realizar tudo com percussão corporal e depois avancei para os instrumentos. O processo foi o mesmo que na outra turma. Os alunos foram para o chão à vez e cada grupo fazia o seu ritmo com os restantes a acompanhar em percussão corporal. Quando todos estavam no chão coloquei logo a música e ensaiámos uma vez com os instrumentos. Apesar de a atividade ter sido realizada de outra forma, quando comecei a colocar os alunos no meio da sala voltou a haver algum barulho que tive dificuldade em controlar. No entanto, desta vez esperei e não coloquei música enquanto não houvesse silêncio. Este grupo já realizou a atividade de outra forma e quando realizámos a música toda com instrumentos o resultado final foi muito melhor. No fim, um dos alunos até pediu para tocarem mais uma vez e, no geral, a turma fez gestos de concordância e repetimos.

ANEXOS

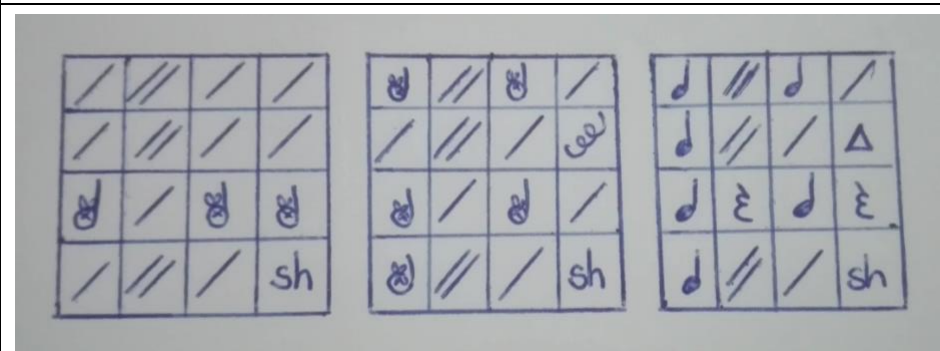
Anexo 1



Anexo 2



Anexo 3



Anexo 4

Dança Russa Tchaikovsky

Secção A1



Secção A2



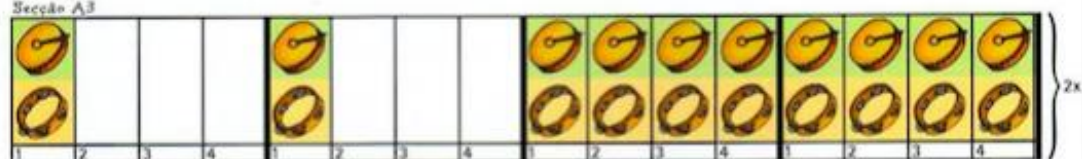
Secção B



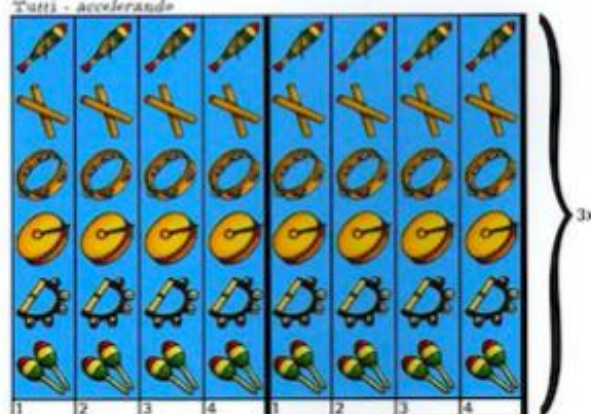
Secção C



Secção A3



Tutti - accelerando




Apêndice I. Plano de Aula “Dança de las Hachas”

PLANO DE AULA

Escola	Turma	Data	Lição	Duração
Escola Básica 2,3	6ºE	29/04	52	50 minutos
Sumário	Dança de las Hachas: interpretação instrumental da peça e introdução à coreografia da mesma.			

Conceitos e Conteúdos programáticos	Competências a desenvolver			Recursos
	Atitudes	Desempenho Musical	Compreensão conceptual	
V RITMO: Padrões rítmicos III/V: Ostinato; Motivo.	Trabalhar em conjunto para a realização da atividade	Interpretar a parte instrumental da peça nos instrumentos Orff Realizar a coreografia da peça acompanhados pelos instrumentos Orff	Compreender a forma da música: parte instrumental AB (forma binária), e parte ABACADA (forma Rondó)	Instrumentos Orff: Tamborim, Pandeireta, Clavas, Ovos, Reco-Reco, Guizeira, Triângulo e Castanholas. Áudio da canção Dança de las Hachas
				Domínios
				Interpretação Audição

Fases da atividade	Descrição das estratégias de concretização	Tempo
Jogo de palmas	A professora realiza alguns exercícios rítmicos com percussão corporal em pergunta-resposta. Seguidamente, a professora diz que vai bater uma palma, o aluno que está à sua esquerda baterá também uma palma e assim por diante até passar por todos os alunos. Depois, a professora entrega um instrumento a um dos professores	8 min.

	<p>estagiários (clavas ou maraca) e pede que este, quando quiser, o toque uma vez. Nesta altura, a direção do jogo deve mudar, ou seja, a sequência que segue para a esquerda vai passar a seguir para a direita. Depois, a professora introduz o ostinato presente na peça e os alunos repetem:</p>  <p>Realiza-se o mesmo jogo com o respetivo ostinato, mas desta vez só é realizada uma volta e em vez de ser individual, o ritmo é realizado por mesa (par de alunos). No fim, a professora coloca a música, que se repete sempre acompanhada pelo mesmo ostinato, sendo apenas os instrumentos que alteram (FIGURA X), e os alunos fazem o ostinato, por mesas, uns a seguir aos outros, acompanhando a música.</p>	
<p>Dança de las Hachas: Interpretação instrumental</p>	<p>A professora entrega os instrumentos aos alunos. Estes são distribuídos segundo a ordem em que aparecem na música. A professor explica que cada grupo de instrumentos realiza o ostinato duas vezes e o grupo seguinte realiza o mesmo ostinato logo a seguir. A professora coloca a música e os alunos acompanham com os instrumentos.</p>	16 min.
<p>Dança de las Hachas: Coreografia</p>	<p>A professora seleciona cinco pares de rapaz com rapariga para a realização da dança. Os alunos vão para o centro da sala. A dança é ensinada por partes e o processo é o seguinte:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Alunos aprendem a parte A • Professora coloca música e alunos dançam parte A enquanto os colegas acompanham com os instrumentos • Alunos aprendem a parte B • Professora coloca música e alunos dançam parte A e B enquanto os colegas acompanham com os instrumentos <p>É realizado o mesmo processo para as restantes partes da dança.</p> <p>Nota: Forma da música (Anexo 1):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Parte instrumental: ABABABA • Coreografia: ABACADA 	26 min.

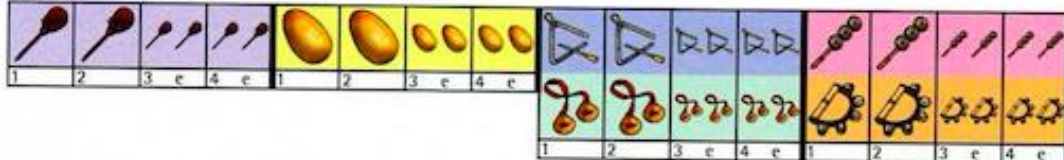
	<p>No fim, caso a aprendizagem da coreografia fique completa na aula, os alunos realizam toda a dança com o acompanhamento instrumental.</p> <p>A coreografia utilizada pode ser visualizada no seguinte link: https://www.youtube.com/watch?v=diwkJcArI4c</p>	
AVALIAÇÃO		
Observação direta em sala de aula		
<p>Análise de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os alunos executam corretamente os ritmos nos instrumentos de percussão - Os alunos participam ativamente na atividade - Os alunos estão empenhados na realização da atividade 		
Reflexão		
<p>Esta aula foi pensada cerca de uma hora antes, visto que me foi proposto preparar a dança medieval para as celebrações dos 500 anos das viagens de F.M, apenas momentos antes da aula. O intuito era perceber se a turma reagia bem à atividade e estaria apta a participar no espetáculo que estava a ser preparado.</p> <p>A aula decorreu sempre com algum barulho por parte dos alunos e alguma dificuldade em não tocar os instrumentos enquanto eu dava indicações. No entanto, e não estando eu à espera de outra coisa, a interpretação instrumental revelou-se bastante fácil para a turma que o fez com muito sucesso. Relativamente à dança, ocorreram mais complicações, também como já previa, pois estou a lidar com rapazes de 6ºano e não houve muitos voluntários após ouvirem a palavra dança. Ainda assim, foi possível encontrar cinco rapazes que, um pouco a contragosto, se predispuseram a realizar, naquele momento, a coreografia, a título de experimentação.</p> <p>Não foi possível ensinar toda a dança, pois as partes iniciais da coreografia levantaram mais problemas e foi preciso repetir várias vezes. Achei melhor não avançar sem consolidar o que fora aprendido. Fizemos apenas a parte A e B, acabando a aula realizando as partes ABA.</p>		
ANEXOS		
Anexo 1		

Danza de las Hachas Rodrigo

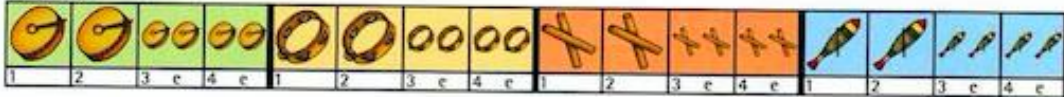
Seção A1



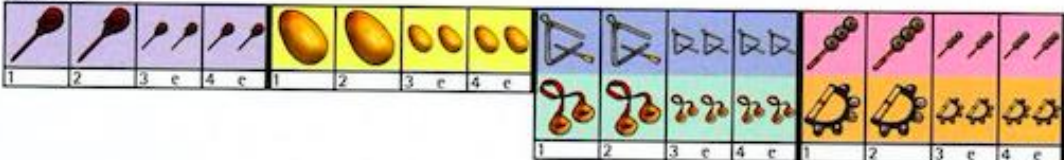
Seção B



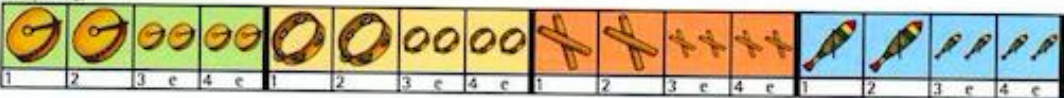
Seção A1



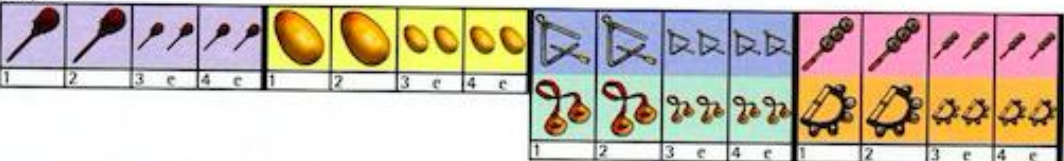
Seção B



Seção A1



Seção B

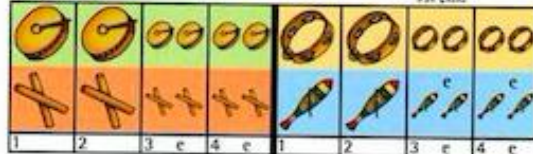


Seção A1



Seção A2

RALL.



Apêndice J. Plano de Aula “Fácil de Entender”

PLANO DE AULA

Escola	Turma	Data	Lição	Duração
Escola Básica 2,3	6ºG	5/02	35	50 minutos
Sumário	Aprendizagem na flauta de bisel da parte A e aprendizagem da parte vocal (parte B) da canção “Fácil de Entender”. Introdução à Forma Binária AB.			

Conceitos e Conteúdos programáticos	Competências a desenvolver			Recursos
	Atitudes	Desempenho Musical	Compreensão conceptual	
VI FORMA: Forma Binária AB		Utilizar a voz como recurso interpretativo e de aprendizagem Interpretar a canção na flauta de bisel	Compreender o conceito Forma Binária através da interpretação de uma canção com a forma AB	Piano Flauta de bisel Instrumentos de percussão: maracas, pandeiretas, clavas.
				Domínios
				Interpretação Audição

Fases da atividade	Descrição das estratégias de concretização	Tempo
Aprendizagem da canção <i>Fácil de Entender</i>	A professora realiza alguns pequenos vocalizos introduzindo pequenos excertos de sequências de notas da música <i>Fácil de Entender</i> (Anexo 1). Depois, faz um pequeno jogo rítmico de pergunta-resposta utilizando percussão corporal e voz para mimicar algumas das sequências rítmicas encontradas na música. Seguidamente, a professora canta a canção, frase a frase, em <i>nô</i> e os alunos repetem.	50 min.

	<p>A professora pede aos alunos que peguem na flauta. Deste modo, as frases são agora interpretadas na flauta, uma a uma. Sendo que, primeiro, os alunos cantam sempre com o nome das notas.</p> <p>A professora repete as vezes suficientes até a canção estar consolidada.</p> <p>A professora coloca o áudio da canção com o guia para a flauta presente na Aula Digital e os alunos interpretam a canção acompanhados do mesmo.</p> <p>A professora acompanha a turma ao piano enquanto estes cantam a parte B da canção, que corresponde ao refrão da música. (Nota: Os alunos já se tinham mostrado familiarizados com o refrão a canção).</p> <p>A professora coloca o áudio com guia e desta vez os alunos interpretam a canção na totalidade.</p> <p>A professora questiona os alunos sobre a forma da música. Resposta: ABABBB. A professora refere o conceito de Forma Binária, explicando que a música alterna entre duas partes diferentes.</p> <p>A professora pede aos alunos que se levanten e se coloquem em meia lua à volta do piano. A professora acompanha toda a canção sendo que na parte A os alunos tocam flauta e na parte B cantam o refrão. Aos alunos que não têm flauta são entregues instrumentos de percussão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - pandeireta e clavas: marcar a pulsação. - maracas: divisão do tempo (colcheias). <p>Os alunos interpretam toda a canção até esta ficar consolidada.</p>	
AVALIAÇÃO		
Observação direta em sala de aula		
<p>Análise de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os alunos conseguem interpretar a canção na flauta de bisel - Os alunos participam ativamente na atividade - Os alunos demonstram concentração durante a atividade 		
Reflexão		

A aula que tinha dado a esta turma na semana anterior não tinha corrido, para mim, da melhor forma, pois senti que na maior parte do tempo não tinha a atenção da turma. Queria ainda controlar melhor o nível de ruído nas atividades. Tendo em conta estes aspetos decidi agir de outra forma nesta aula. Comecei por iniciar a aula com os alunos sentados e só mais tarde pedir que saíssem dos lugares.

A primeira atividade correu bastante bem e os alunos mostraram-se sempre entusiasmados, creio que devido ao facto de gostarem da música. Quando iniciei o estudo da mesma os alunos começaram a cantar o refrão sozinhos. A aprendizagem na flauta ficou um pouco aquém, mas não senti que pudesse ter feito mais em aula. Notei que grande parte do problema é a falta de estudo, provavelmente já antiga, pois existe muita dificuldade por parte de alguns alunos em saber a dedilhação de notas já aprendidas.

Quando pedi aos alunos que saíssem dos seus lugares creio que ajudou imenso tê-lo feito em duas vezes, pois permitiu-me controlar muito melhor a agitação. O facto de ter usado o piano também serviu como ponto de foco, pois os alunos tinham de estar em silêncios e concentrados para ver quando eu começava a tocar. Sendo também algo diferente criou alguma curiosidade o que permitiu outro tipo de atenção por parte dos alunos.

A aula fluiu de forma bastante natural e no fim, quando todos os alunos estavam de pé e os acompanhei ao piano senti mesmo que estávamos a fazer música em conjunto. Não pensei que estava a lecionar ou que era apenas uma aula, mas como se um grupo de pessoas se tivesse juntado para tocar e cantar uma canção que todos gostávamos. O fim da aula foi muito especial para mim e senti que, após a grande reflexão que tinha feito após a aula anterior, tinha conseguido ultrapassar algumas adversidades e controlar melhor a turma.

ANEXOS

Anexo 1

1

Timbre

Ritmo

Altura

Dinâmica

Forma

execução

Binária

Executa a parte A na flauta e canta a parte B.

Fácil de entender

FORMA: INTRODUÇÃO 5 A B A B B B

www.100-musica6.te.pt

Música e letra: The Gift

A

1

6

10

B

14

18

22

Biografia

The Gift

Banda natural de Alcobça formada em 1994, composta por Sónia Tavares, os irmãos Nuno e John Gonçalves e Miguel Ribeiro. O seu primeiro álbum e êxito foi *Vinyl* (1998), lançado sem editora. Como exemplo de persistência e superação, criaram a sua própria empresa, gravando e promovendo a sua música até hoje, e alcançando reconhecimento nacional e internacional. *Fácil de entender* foi lançado em 2006, embora fosse uma faixa escondida do álbum AM-FM. Em 2016 colaboraram e gravaram com o famoso músico e compositor inglês Brian Eno.

20

CADERNO DE ATIVIDADES

p. 34 - L

cxix

Apêndice K. Plano de Aula “Passo Dobrado”

PLANO DE AULA

Escola	Turma	Data	Lição	Duração
Escola Básica 2,3	6ºG	4/06	64	50 minutos
Sumário	Interpretação das peças musicais “Passo dobrado” e “Perdóname” com instrumentos de percussão.			

Conceitos e Conteúdos programáticos	Competências a desenvolver			Recursos
	Atitudes	Desempenho Musical	Compreensão conceptual	
I RITMO: Pulsção, Tempo; Padrões rítmicos. V/VI FORMA: Frase; Forma Binária AB.	Trabalhar a concentração	Interpretar as peças com instrumentos Orff Interpretar a peça Perdóname na flauta de bisel	Perceber a forma binária AB através da interpretação das peças “Passo Dobrado” e “Perdóname”	Áudio da música “Passo Dobrado” e “Perdóname” Flauta de Bisel Instrumentos de percussão: tambores, tamborins, pandeiretas, maracas e reco-reco.
				Domínios
				Interpretação Audição

Fases da atividade	Descrição das estratégias de concretização	Tempo
Passo Dobrado	A professora realiza uma série de ritmos em pergunta resposta com percussão corporal até chegar aos ritmos da peça Passo Dobrado (Anexo 1).	30 min.

	<p>Como a primeira linha é feita por palmas e a segunda nas pernas, a turma é dividida em dois e a professora indica que uma das filas realiza a parte A e a outra responde com a parte B. Sendo a forma da peça ABBABBA, a metade que realiza a parte B repete sempre a frase.</p> <p>A professora coloca o áudio e todos acompanham com a percussão corporal como indicado. Depois, a professora distribui instrumentos por todos os alunos. A metade que interpreta a parte A fica com pandeiretas e tamborins e a metade correspondente à parte B fica com maracas e reco-reco. Cada parte é ensaiada com a respectiva metade da turma, mas agora com os respectivos instrumentos.</p> <p>O áudio é de novo colocado, mas desta vez os alunos interpretam a peça com os instrumentos.</p> <p>Para que todos os alunos possam tocar tanto a parte A como a parte B nos instrumentos, a professora propõe a seguinte atividade:</p> <p>Os alunos levantam-se e ficam atrás das suas cadeiras. Depois, devem colocar os instrumentos na mesa e dar dois passos para o lado esquerdo. A professora volta a colocar a música e todos tocam. No fim, os alunos dão novamente dois passos para a esquerda e é colocada a música novamente. A atividade segue até dar a volta à turma toda.</p>	
Perdonáme	<p>Aproveitando o seguimento da atividade anterior, a professora pede aos alunos para retirarem as flautas da mala e revê a canção “Perdonáme” (Anexo 2). A professora mantém a divisão da turma em duas partes, mas agora a parte A corresponde à percussão e a parte B à flauta. Sendo que a divisão apenas se aplica à parte A, que é composta por duas frases, sendo que a primeira é interpretada pelos alunos com pandeiretas e tamborins e a segunda pelos alunos com maracas e reco-reco. A professora ensaia uma vez com os alunos as duas partes separadas e depois coloca o áudio.</p> <p>No fim, é realizada a mesma atividade e os alunos vão rodando, levando sempre as flautas, até todos terem passado por todos os instrumentos.</p>	20 min.
AVALIAÇÃO		
Observação direta em sala de aula		

<p>Análise de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os alunos participam ativamente na atividade - Os alunos demonstram concentração durante a atividade - Os alunos conseguem realizar as atividades propostas com sucesso
<p>Reflexão</p>
<p>Esta aula foi muito descontraída e foi passada inteiramente a fazer música. Não houve momentos mortos e os alunos mostraram-se sempre divertidos. Antes de colocar a música, exigia sempre silêncio e esta solicitação foi respeitada. As atividades foram cumpridas com sucesso e o desempenho musical dos alunos foi muito bom. No geral, não ocorreram problemas de indisciplina, apenas um ou outro confronto por parte de alguns rapazes, mas nunca quebrou o ritmo da aula ou das atividades.</p>
<p>ANEXOS</p>
<p>Anexo 1</p>

Timbre

Ritmo

Altura

Dinâmica

Forma

execução

Semicolcheia

Apresentamos-te uma nova figura rítmica: a **semicolcheia**.

Executa a peça rítmica com timbres corporais.

ABC música

Semicolcheia

Som curto com duração de 1/4 da pulsação.

www.100-musica5.te.pt

Passo dobrado

FORMA:

A B B A B B A

Música tradicional da Beira Litoral / Arranjo: Amadeu Magalhães

A

B

Biografia

Amadeu Magalhães (1969)

Músico, compositor e intérprete de instrumentos tradicionais, destaca-se nos cordofones, especialmente como um dos melhores executantes de cavaquinho da atualidade. Tem uma imensa atividade como instrumentista, acompanhando reconhecidos músicos portugueses. Em 2015 editou *O cavaquinho do Amadeu*. Tem realizado um incansável trabalho de investigação e divulgação da música tradicional, além de se dedicar ao ensino de instrumentos tradicionais.

4 semicolcheias correspondem a 4 batimentos numa pulsação.

D – Direita E – Esquerda

CADERNO DE ATIVIDADES

p. 41 – E

49

Anexo 2

cxxiv

Apêndice L. Plano de Aula “Sailing”

PLANO DE AULA

Escola	Turma	Data	Lição	Duração
Escola Básica 2,3	7ºC	27/03	24	50 minutos
Sumário	Reprodução rítmica com timbres corporais. Dinâmica de grupo vocal. Aprendizagem da canção “Sailing” na flauta de bisel.			

Conceitos e Conteúdos programáticos	Competências a desenvolver			Recursos
	Atitudes	Desempenho Musical	Compreensão conceptual	
III ALTURA: Linhas sonoras ascendentes e descendentes. I RITMO: Pulsação	Trabalhar a dinâmica de grupo através da procura de um som de conjunto	Executar a canção na flauta de bisel Utilizar a voz como recurso de aprendizagem	Vivenciar os conceitos de ostinato, imitação e motivo através da interpretação conjunta	Flauta Ukulele Partitura da Canção “Sailing” de Rod Stewart
				Domínios
				Interpretação Audição

Fases da atividade	Descrição das estratégias de concretização	Tempo
“Baram”	Quando os alunos entram na sala a professora pede para colocarem as mochilas na mesa e se sentarem no chão em frente aos respetivos lugares. Esta etapa tem como objetivo organizar os alunos para a formação de uma roda (a professora também se senta no chão). Depois da roda formada a professora pede atenção e começa a estalar os dedos. Os alunos devem escutar atentamente. A professora (P) inicia a seguinte sequência:	16 min.

	<ul style="list-style-type: none"> • Canta melodia 1 (x2), acompanhada com estalitos (2º e 4º tempos), composta por 4 sequência de notas. • Questiona os alunos: “Das 4 sequências há alguma diferente?” Se “sim” P prossegue, se “Não”, P repete melodia. • P volta a cantar, mas desta vez alunos fazem estalitos também. • P pede a alunos para acompanharem a melodia. • P repete melodia 2 a seguir aos alunos (pergunta-resposta). • P divide a roda em dois, sendo que cada metade canta uma melodia. • P acrescenta melodia 3 sozinha. • P divide grupo em 3, introduzindo a melodia 3. <p>Nesta etapa da atividade o resultado sonoro equivale ao representado no Anexo 1.</p> <p>Se possível P pede a alunos para se levantarem e, enquanto cantam, marcam 2º e 4º tempo com palmas e depois nas pernas.</p> <p>O grupo volta a sentar-se e, enquanto cantam, P dá ordem ao grupo 1 para ir, silenciosamente, buscar as flautas e voltar aos lugares, seguidos do grupo 2 e 3. Após estarem todos sentados com as flautas P retira melodia 3, depois 2 e depois 1.</p>	
Sailing	<p>P canta “Sailing” em <i>Iara</i>, acompanhada por estalitos (2º e 4º tempos) e ao longo da música dá indicação aos alunos para se juntarem à percussão corporal.</p> <p>No fim, P refere que a música tem frases em que as notas sobem e outras em que as notas descem (sentido ascendente e descendente). P canta novamente a música e alunos devem indicar com o dedo qual a direção da frase.</p> <p>Segue-se o seguinte exercício:</p> <ul style="list-style-type: none"> • P canta primeira frase e alunos repetem • P canta com nome de notas e alunos repetem • P realiza com flauta e alunos repetem • É realizado o mesmo processo com as restantes frases <p>P entrega partituras da música “Sailing” a cada dois alunos (Anexo 2).</p>	26 min.

	<p>Nota: O auxílio da partitura consiste numa mera ajuda para os alunos visto que é o primeiro contato com a música e seria complicado decorá-la na hora.</p> <p>Alunos tocam a música na flauta acompanhados pela professora.</p> <p>P vai buscar o Ukulele e volta ao seu lugar na roda.</p> <p>Os alunos executam a música acompanhados pela professora a tocar Ukulele.</p> <p>Repete-se a música como forma de consolidação.</p>	
Final	<p>P inicia a música “Baram” e alunos acompanham. Após os 3 grupos estarem a cantar as respetivas melodias, P pede a cada grupo, à vez, para se ir sentar nos respetivos lugares. Quando todos os alunos estiverem sentados e tiverem arrumado o material, saem por filas.</p>	8 min.
AVALIAÇÃO		
Observação direta em sala de aula		
<p>Análise de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os alunos conseguem executar a peça na flauta - Os alunos obtêm um som de conjunto - Os alunos participam ativamente na atividade 		
Reflexão		
<p>A primeira atividade foi dinamizada de pé atrás das cadeiras e logo aí ocorreu alguma resistência por parte de alguns alunos que queriam ficar sentados.</p> <p>Realizei algumas sequências de percussão corporal em pergunta-resposta para “acordar” a turma e ver se se mostravam mais entusiasmados (eram 8h15 da manhã). Este jogo animou mais a turma. Senti que estavam um pouco à espera de ver o que tinha preparado para eles. Estes alunos são mais velhos e por isso têm outro tipo de atenção às atividades realizadas.</p> <p>Fila a fila foram para o centro da sala, ficando em frente aos lugares e, em grupo, fizemos uma roda e sentamo-nos no chão.</p> <p>Troquei alguns alunos de lugar e duas dessas alunas comentaram: “a professora é esperta”. Essas duas alunas, que eu esperava que fossem demonstrar mais resistência face às atividades propostas, devido à sua atitude nas aulas que observei, tiveram uma participação exemplar ao longo da aula, mostrando-se sempre participativas.</p> <p>A atividade “Baram” correu como eu queria, a turma foi-se habituando à dinâmica e começaram a cantar mais ao longo do tempo. Quando um grupo sobressaia dizia para o outro “Esse grupo está fraquinho” e eles cantavam mais. Quando comecei a dividir em mais grupos ficaram mais entusiasmados. Uma das alunas começou a fazer um som</p>		

depois da resposta do 3º grupo (onde era silêncio). Este som era um “bip” agudo e os restantes colegas acharam piada e visto que a aluna estava a participar e ninguém se distraiu permiti e disse que ela seria o “4º grupo”, sozinha.

Na atividade com as flautas os alunos ficaram sentados e esticaram-se para ir buscar as flautas. Não queria que a turma dispersasse muito.

Cantei a música toda e alunos ouviram atentamente. No entanto, quando pedi que repetissem a primeira frase senti claramente que não se sentem à vontade para cantar. Era uma melodia diferente da dinâmica anterior e tiveram mais vergonha. Não quis forçar muito pois senti que a aula estava a correr bastante bem e não quis perder ali os alunos.

Eu cantei à mesma cada frase sozinha para eles escutarem e eles tocavam na flauta. Se alguma frase fosse mais difícil insistia para cantarem comigo com nome de notas e depois fazíamos todos na flauta.

O ukulele foi definitivamente uma novidade positiva. Os alunos mostraram-se intrigados e curiosos para ouvir o resultado final.

Foi muito importante para mim o facto de esta aula ter corrido tão bem, pois dois dias antes tinha lecionado dois tempos de 50 minutos a duas turmas de 6º ano e no fim das mesmas estava a sentir-me uma má professora. Trabalhei muito em casa para que esta aula corresse bem e, sentindo que fui bem sucedida, contribuiu para que ficasse um pouco mais confiante.

ANEXOS

Anexo 1

♩ = 80

5

Anexo 2

Sailing

Words and Music:
Gavin Sutherland

Soprano Recorder

I am sail ing, I am sail-ing, home a - gain - cross the
fly-ing I am fly-ing, like a - bird - cross the

4

S. Rec.

sea. I am sail - ing stor - my
sky. I am fly - ing pass - ing

6

S. Rec.

wa - ters To be near - you to be free. I am
high clouds To be with - you to be free.

Apêndice M. Cartaz Concerto de Natal



Apêndice N. Cartaz Ídolos

Escola Básica



8ª Edição

Sing!



Inscrições

junto dos professores
de Ed. Musical

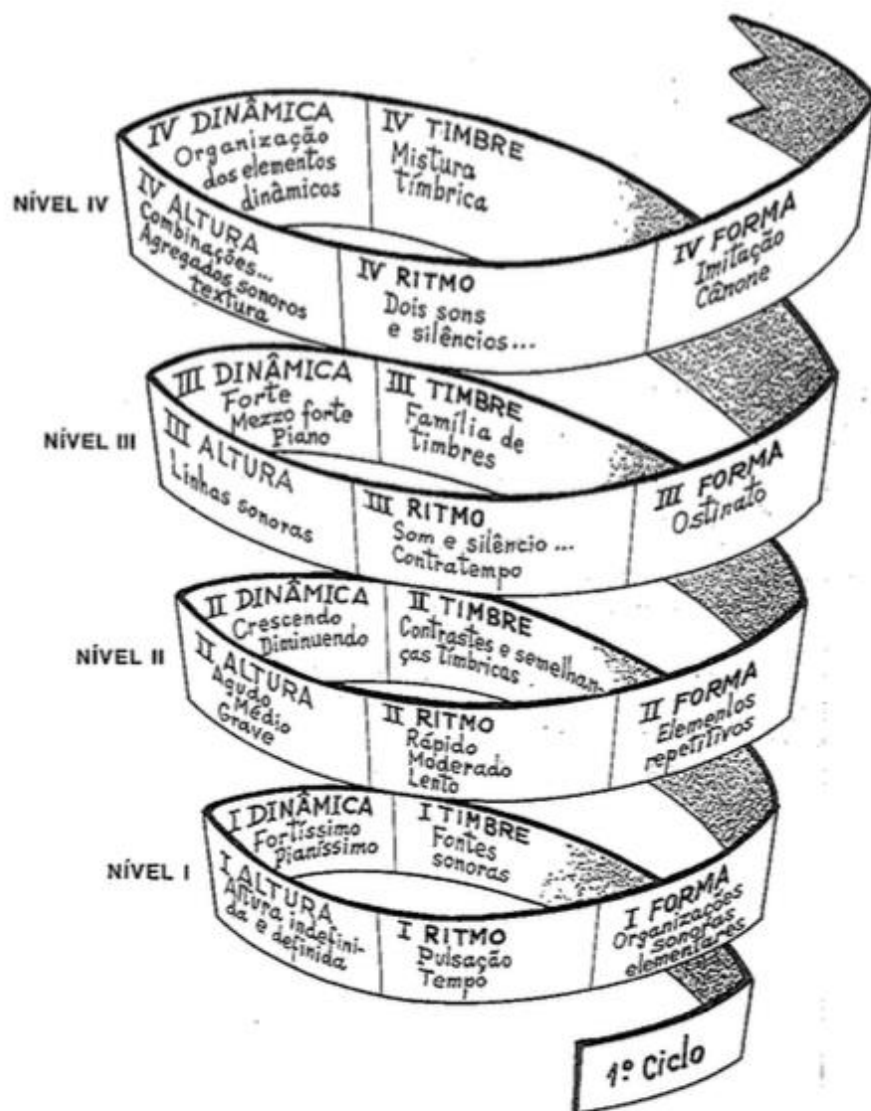


10:00h

**7 DE JUNHO
AUDITÓRIO**

ANEXOS

Anexo A. Espiral de conceitos



ESPIRAL DE CONCEITOS adaptada de Manhattanville Music Curriculum Program *

Anexo B. Tabela de Conteúdos

CONTEÚDOS ORGANIZADOS POR NÍVEIS

NÍVEL VI	Ataque, corpo e queda do som. (Perfil sonoro)		Escalas modais. Melodia. Harmonia.	Sons e silêncios em três pulsações. Organização binária e ternária. Anacrusa.	Forma binária e ternária. A B : A B A
NÍVEL V	Combinação de timbres.	Organização dos elementos dinâmicos.	Escala Pentatônica. Bordão.	Sons e silêncios com duas e quatro pul- sações. Padrões rítmicos. Compasso.	Motivo. Frase.
NÍVEL IV	Mistura tímbrica.		Combinações de linhas horizontais e verticais. Agregados sonoros. Três sons em dife- rentes registros. Textura.	Um som e um silên- cio de igual dura- ção numa pul- sação. Contratempo.	Imitação. Cânone.
NÍVEL III	Família de tim- bres.	Forte Mezzo forte Piano.	Linhas sonoras as- cendentes e des- cendentes: ondu- latórias, contínuas e descontínuas. Dois sons em dife- rentes registros.	Som e silêncio orga- nizados com a pulsação. Dois sons e silêncios de igual duração numa pulsação.	Ostinato.
NÍVEL II	Contraste e se- melhança tím- brica.	Crescendo e Diminuendo.	Registos: Agudo. Médio. Grave.	Andamentos: Presto. Moderato. Lento. Accelerando. Ritardando.	Elementos repetitivos.
NÍVEL I	Fontes sonoras não convencion- ais e convencion- ais.	Fortissimo. Pianissimo.	Altura indefinida e definida.	Pulsação. Tempo.	Organizações ele- mentares.
NÍVEIS /CONCEITOS	TIMBRE	DINÂMICA	ALTURA	RITMO	FORMA

CONTEÚDOS ORGANIZADOS POR NÍVEIS

(Continuação)

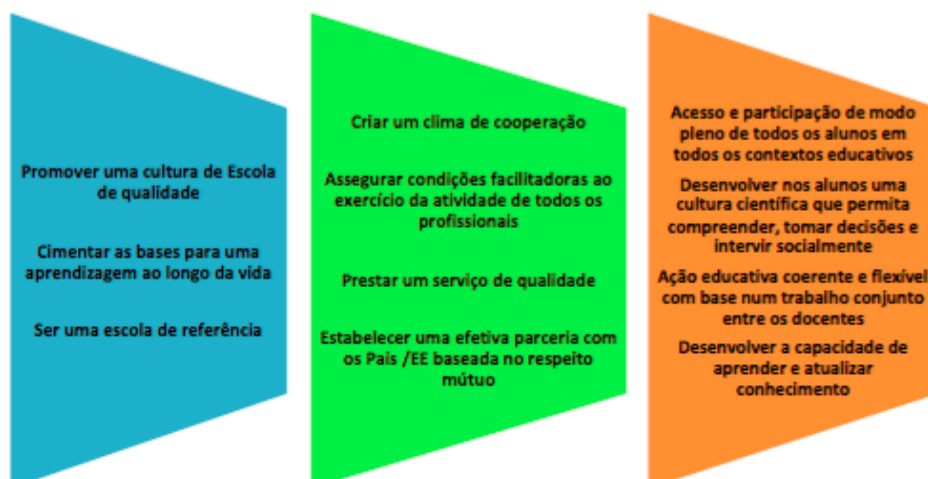
NÍVEL XII	Timbres produzidos e preparados por instrumentos electrónicos.	Alteração electrónica de pertis sonoras: síntese do som.	Sons de objectos, instrumentos e voz, transformados electronicamente.	Ritmos mecânicos produzidos por instrumentos electrónicos.	Formas abertas.
NÍVEL XI	Timbres resultantes de novas técnicas vocais e instrumentais e de instrumentos preparados.	Densidade sonora.	Atonalidade. Série de sons.	Ritmos assimétricos.	Organização de séries.
NÍVEL X	Harmonia tímbrica. (Fusão).		Melodia com acompanhamento de acordes.	Três sons iguais numa pulsação. Compasso composto.	Randó.
NÍVEL IX	Pontilismo tímbrico.	Tenuto. Storzato.	Escalas Maiores e menores. Intervalos de 3. ^a Maior e menor. Acordes M e m. Tonalidade.	Ritmos pontuados. Alternância de compassos simples.	
NÍVEL VIII	Expressividade através de selecção tímbrica.		Intervalos melódicos e harmónicos.	Sincopa.	Introdução Coda Interlúdio Forma binária e ternária. AB : ABA
NÍVEL VII	Alteração tímbrica. Realce tímbrico.	Legato Staccato	Simultaneidade de duas ou mais melodias diferentes.	Quatro sons iguais numa pulsação. Monorritmia. Polirritmia.	
NÍVELS CONCEITOS	TIMBRE	DINÂMICA	ALTURA	RITMO	FORMA

Anexo C. Projeto Educativo

Correspondência Curricular Vertical

Educação Pré-Escolar	1.º ciclo	2.º ciclo	3.º ciclo
Área da Expressão e Comunicação (Linguagem e Abordagem à Escrita)	Português Inglês	Português Inglês	Português Inglês Francês
Área da Expressão e Comunicação (Matemática)	Matemática	Matemática	Matemática
Área do Conhecimento do Mundo (Abordagem às Ciências)	Estudo do Meio	Ciências Naturais História e Geografia de Portugal	Ciências Naturais Física e Química História Geografia
Área da Expressão e Comunicação (Educação Física e Educação Artística)	Expressões: Artísticas/ Plásticas Musical Físico-motoras	Educação Visual Educação Tecnológica Educação Musical Educação Física	Educação Visual Artes e Tecnologias Oficina de Música Educação Física

VISÃO / MISSÃO/ PRINCÍPIOS



A Visão

Ser uma Escola de referência a nível local e nacional pelo sucesso académico e profissional dos seus alunos, pela qualidade do seu ambiente interno e relações externas e pelo elevado grau de satisfação das famílias.

É essencial que os alunos, os docentes, os assistentes técnicos, os assistentes operacionais e os pais e encarregados de educação sejam envolvidos no Projeto Educativo do Agrupamento e estejam motivados a participar e a assumir as suas responsabilidades.

O presente projeto educativo tem como prioridade **promover uma cultura de “Escola de Qualidade”**, proporcionando a **melhoria dos resultados escolares**, nomeadamente os que se prendem com a avaliação externa, potenciando os pontos fortes do Agrupamento e ultrapassando os pontos fracos e os constrangimentos na consolidação de um projeto comum, onde todos se revejam e do qual se sintam parte integrante.

No que toca à disseminação do saber, cada escola deverá fazê-lo em três vertentes: aquisição, atualização e mobilização dos conhecimentos, **cimentando as bases para uma aprendizagem ao longo da vida**. O perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória configura o compromisso da escola e de todos os profissionais que nela trabalham, a ação dos professores e o empenho das famílias e encarregados de educação, sustentado num conjunto de valores e de princípios que a seguir se enunciam: construção e tomada de consciência da identidade pessoal e social; participação na vida cívica, de forma livre, responsável, solidária e crítica; respeito e a valorização da diversidade dos indivíduos e dos grupos quanto às suas pertenças e opções; valorização de diferentes formas de conhecimento, comunicação e expressão; desenvolvimento da curiosidade intelectual, do gosto pelo saber, pelo trabalho e pelo estudo; construção de uma consciência ecológica conducente à valorização e preservação do património natural e cultural; valorização das dimensões relacionais da aprendizagem e dos princípios éticos que regulam o relacionamento com o saber e com os outros.

A Missão

O Projeto de Intervenção apresentado pelo diretor aponta para uma **liderança democrática** como base fundamental para a dinâmica de uma escola, na medida em que influencia e orienta a comunidade para a concretização dos objetivos organizacionais, a par de uma **definição clara da missão e dos princípios estratégicos adequados à criação de um clima de cooperação** que fomente o sentido de pertença e o empenho das equipas. A delegação de competências e de responsabilidades deverá ser uma prática instituída e as tomadas de decisão deverão ser partilhadas na promoção de uma escola de qualidade.

Aos alunos deverá ser-lhes assegurado um serviço educativo de qualidade com vista ao seu pleno desenvolvimento. Aos docentes deverão ser asseguradas condições facilitadoras ao exercício da sua atividade, pelo que devem sentir-se apoiados, motivados e comprometidos com os objetivos da organização. **Ao pessoal não docente**, pela importância do seu papel, devem ser oferecidas condições no sentido de poderem melhorar as suas competências, nomeadamente, gestão de conflitos, relações interpessoais, atendimento, primeiros socorros, novas tecnologias. A comunidade educativa, em especial os pais e encarregados de educação, deve sentir a escola como parceira efetiva na educação dos seus educandos, devendo a mesma estar disponível para receber os seus contributos numa perspectiva de respeito mútuo.

Para levar a cabo esta missão deverão ser definidas estratégias direcionadas, essencialmente, para criar condições que os alunos aprendam, os professores ensinem e os restantes elementos cooperem com qualidade, valorizando o papel, o envolvimento e a criatividade de cada um.

Prestar à comunidade um serviço educativo de excelência contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes dos seus deveres e direitos, capazes de atuar como agentes de mudança, num ambiente participativo, aberto e integrador, numa Escola reconhecida pelo seu humanismo e por elevados padrões de exigência e responsabilidade, que valoriza o conhecimento, como condição de acesso ao mundo do trabalho e ao prosseguimento de estudos.

PRINCÍPIOS

A escola deverá ser um lugar onde todos podem permanecer sem sentimentos de incompreensão, frustração ou desintegração. O princípio fundamental é que todas as crianças/alunos devem aprender juntas, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que possam ter. A escola assim entendida é um espaço de inclusão onde todos

devem reconhecer e responder às diversas dificuldades das crianças/ alunos, acolhendo ritmos diferentes de aprendizagem, assegurando uma educação de qualidade a todos através de currículo apropriado, modificações organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parcerias com a comunidade.

Anexo D. Sala de Educação Musical







Anexo E. Teste de Avaliação 6º ano

Agrupamento de Escolas Escola Básica Ficha de Avaliação de Educação Musical – 6º Ano 2018/2019	
Nome: _____	Nº _____ Turma: _____
Data ____ / 05 / 2019	
Classificação _____ % (_____ por cento)	
Insuficiente <input type="checkbox"/> Suficiente <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Muito Bom <input type="checkbox"/>	
Professor: _____	Encarregado de Educação: _____

Lê com atenção todas as questões antes de responderes

(Versão A)

I Parte Auditiva

1. Prova Rítmica

1.1 – Ditado rítmico com 6 pulsações (3X cada frase) (12 pontos)

a) | | | | | |

1.2 - Ditado Rítmico Visual

Identifica a ordem pela qual são tocadas as frases rítmicas. Dá a tua resposta escrevendo o algarismo pela ordem de audição (10 pontos)

--	--	--	--	--

2. Prova Melódica

2.1 - Ditado Melódico (10 pontos)

--	--	--	--	--

3. Identifica e assinala com uma cruz, se os excertos musicais que vais ouvir representam **Alteração Tímbrica / Realce tímbrico**. (8 pontos)

1	Alteração tímbrica	Realce tímbrico
2	Alteração tímbrica	Realce tímbrico
3	Alteração tímbrica	Realce tímbrico
4	Alteração tímbrica	Realce tímbrico

4. Identifica e assinala com uma cruz, se os excertos musicais que vais ouvir representam **Monorrítmia / Polirrítmia**. (8 pontos)

1	Monorrítmia	Polirrítmia
2	Monorrítmia	Polirrítmia
3	Monorrítmia	Polirrítmia
4	Monorrítmia	Polirrítmia

5. Identifica e assinala com uma cruz, se os excertos musicais que vais ouvir representam **Legato / Staccato / Legato e Staccato**. (8 pontos)

1	Legato	Staccato	Legato e Staccato
2	Legato	Staccato	Legato e Staccato
3	Legato	Staccato	Legato e Staccato
4	Legato	Staccato	Legato e Staccato

II Parte Teórica

1. Identifica e assinala a mudança de compassos. (8 pontos)



2. Divide a frase melódica de acordo com o compasso indicado. (8 pontos)



3. Desenha na pauta que se segue, a Escala Diatónica de Sol Maior. (8 pontos)



4. Escreve o nome dos seguintes símbolos. (10 pontos)



1. _____ 2. _____ 3. _____

4. _____ 5. _____

5. Relaciona por meio de setas os rectângulos dos conjuntos A e B. (10 pontos)

A



B

- Sustenido
- Compasso Binário
- Síncopa
- Sinal de repetição
- Staccato

	I Parte Auditiva						I Parte Teórica					
Questão	1.1	1.2	2	3	4	5	1	2	3	4	5	Total
Cotação	2x6=12	2x5=10	2x4=10	2x4=8	2x4=8	2x4=8	2x4=8	2x4=8	2x4=8	2x5=10	2x5=10	100

Boa Sorte

Anexo F. Testes de Avaliação 7º ano

Agrupamento de Escolas
Escola Básica
Ficha de Avaliação de **Oficina Música – 7º Ano**
2018/2019

Nome: _____ Nº _____ Turma: _____

Data ____ / 03 / 2019

Classificação _____ % (

_____ por cento)

Insuficiente ☐ Suficiente ☐ Bom ☐ Muito Bom ☐

Professor: _____

Encarregado de Educação: _____

- 1 – Quais as inovações do séc. XX que conduziram à grande revolução musical dos anos 50?**

Rádio, Televisão e Cinema

- 2 – Qual foi o estilo musical “nascido” na década de 50 e quais os seus principais intérpretes?**

Rock`n Roll, Bill Halley e Elvis Presley

- 3 – Quando ocorreu a separação entre o Rock`n Roll e a PopMusic?**

Anos 60

- 4 – Em que época ocorreu o surgimento de um grande número de grupos e intérpretes de Rock`n Roll e PopMusic?**

Anos 70 e 80

- 5 – Em que década surgiram os principais estilos citados atrás em Portugal?**

Década de 80

Bom trabalho!

	1	2	3	4	5	Total
Questão						
Cotação						

Agrupamento de Escolas
Escola Básica
Ficha de Avaliação de **Oficina Música – 7º Ano**
2018/2019

Nome: _____ Nº _____ Turma: _____

Data ____ / 05 / 2019

Classificação _____ % (


_____ por cento)

Insuficiente ☐ Suficiente ☐ Bom ☐ Muito Bom ☐

Professor: _____

Encarregado de Educação: _____

6 – Identifica e ordena cronologicamente por data de invenção os diferentes aparelhos produtores e reprodutores de som.

	1877

	1887

	1920

1935	

1982	

1991	

1998	

7 – Indica os meios de transmissão sonora que conheces?

8 – Porque não é possível existir som na Lua?

9 – Qual é a unidade de medida da Frequência do Som?

5 – Qual é a unidade de medida da Intensidade do Som?

6 – Qual o intervalo de frequências que o Ser Humano consegue ouvir?

7 – Qual o nome que damos às frequências abaixo de 20 Hz?

-

8 – Qual o nome que damos às frequências acima de 20000 Hz?

-

Bom trabalho!

	1	2	3	4	5	6	7	8	Total
Questão	(0,5 x 2)	(1 x 3)	2	2	2	2	1	1	
Cotação	7	3	2	2	2	2	1	1	20pontos

Anexo G. Fotos 500 anos das Viagens M











Anexo H. Foto da atuação “Dança de las Hachas”



Anexo I. Fotos do Dia do Agrupamento

